

Juros nominais sobre a dívida pública brasileira somaram R\$ 935,9 bilhões no acumulado dos últimos doze meses e, até março, representaram 7,80% do PIB

Pág 54

30 anos do Prêmio Top of Mind MercadoComum - Marcas de Sucesso - Minas Gerais Confirmada. A solenidade de premiação, seguida de jantar de gala será no dia 20 de maio, no Automóvel Clube

Pág 66



**Economia mundial cresceu 3,29% em 2024, EUA continua detendo o maior PIB.
Brasil é a 10ª maior economia**

Produto Interno bruto americano corresponde a 26,40% do total, seguido pela China, com 16,96%.

Pág 34



CHEGA DE PITACO!

CHAME QUEM ENTENDE. CHAME UM CONSULTOR DO SEBRAE.

Na hora de cuidar do seu negócio, é melhor chamar quem entende. O Sebrae oferece consultorias sob medida para pequenos negócios em todas as fases, da ideia ao mercado.

Descubra todas as possibilidades das consultorias do Sebrae para melhorar sua empresa.

Saiba mais: sebraemg.com.br
0800 570 0800



| EXPEDIENTE

BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS
MAIO DE 2025
32 ANOS - EDIÇÃO 345

Publicação Nacional de
Economia, Finanças e Negócios

Presidente/Editor Geral
Carlos Alberto Teixeira de Oliveira

Diretora de Desenvolvimento
Maria Auxiliadora Gontijo T. de Oliveira

Projeto gráfico/diagramação
Fio do Bigode Comunicação
(31) 99503-4003

Publicidade e Área Comercial
MinasPart Desenvolvimento Ltda.
Aline Cendon/Carlos Alberto
(31) 3281-6474
cato@mercadocomum.com
revistamc@uol.com.br

MercadoComum* é uma publicação
mensal de MinasPart Comunicação, Ltda.
CNPJ 70.954.383/0001-12
Inscrição Estadual: 062.985.126 0079
Inscrição Municipal: 109866001-0

Marca registrada no I.N.P.I. sob o número:
817452753 de 02.08.1993

Endereço:
Rua Padre Odorico, 128 – 10º andar
Bairro São Pedro - 30.330-040
Belo Horizonte - MG - Brasil
Telefone: 55-31-3281-6474
E-Mail: revistamc@uol.com.br
www.mercadocomum.com

*Os artigos assinados podem não refletir,
necessariamente, a opinião dos editores.
Proibida a reprodução parcial ou total sem
autorização prévia por escrito da direção desta
publicação. MercadoComum é uma publicação
independente, não associada a qualquer grupo
empresarial e não possui filiais/sucursais ou
representantes no país e no exterior

| SUMÁRIO

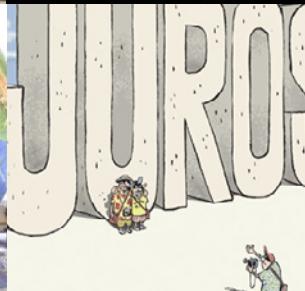
5

*A Economia com Todas
as Letras e Números*



19

*Mundo
Empresarial*



34

Especial

54

Debate Econômico

83

Saúde

102

Opinião

*Confira o ponto
de vista de grandes
nomes do cenário
nacional, sobre
vários assuntos.*

107

Cultura



Entendemos que cada cliente é único

Gestão de patrimônio significa
**total personalização, transparência e
confiança aos nossos clientes.**

Para nós, da Portogallo Family Office, o
planejamento do seu futuro é o que mais
importa para nós.

**Acreditamos no seu potencial.
E você, acredita?**

**Não administramos fortunas,
administramos futuros.**



São Paulo - Brasil
Santa Catarina - Brasil
Lisboa - Portugal

contato@portogalloinvestimentos.com.br

(11) 3078-6830
www.portogallofamilyoffice.com.br



Cooperativas de Crédito se unem na luta contra a exclusão dentro do programa e-Consignado Trabalhador - "Crédito do Trabalhador"



O que tinha tudo para ser uma revolução no mercado de crédito para os trabalhadores brasileiros acabou virando um grande problema. No último dia 21 de março, entrou em vigor no Brasil a Medida Provisória 1.292 (MP) que libera o crédito consignado para 47 milhões de trabalhadores com carteira assinada, incluindo os domésticos, os rurais e os empregados do MEI. Este programa "Crédito do Trabalhador" criado pelo Governo Federal é um marco significativo para a inclusão financeira de trabalhadores do setor privado, pois permite o acesso a empréstimos consignados

com juros mais baixos e utilizando o FGTS como garantia.

A iniciativa democratiza o crédito para uma parcela da população que antes não tinha acesso a esse produto, porém, apesar do seu grande potencial, tem gerado insegurança por parte das instituições financeiras, em especial as cooperativas de crédito e, consequentemente, dos próprios trabalhadores. "As cooperativas de crédito estão impedidas de realizar novas operações desde o dia 21 de março. E mais, estão impedidas de se habilitarem na nova plataforma

e-Consignado Trabalhador. Não há nenhuma previsão para a inclusão das cooperativas de crédito no novo programa, o que nos leva a pensar que esta foi uma execução apressada e sem o devido planejamento, pois atende apenas uma minoria de instituições financeiras. Estamos enfrentando dificuldades operacionais, o que impede a concessão efetiva de crédito. Enquanto milhões de trabalhadores realizam simulações, apenas uma pequena parcela consegue, de fato, contratar o empréstimo", explica Giovanni Laine Cerqueira, diretor presidente da Cooperinfor, uma Coo-

perativa de Crédito de Capital e Empréstimo para trabalhadores do setor de tecnologia em Belo Horizonte/MG.

A avaliação é de que o baixo número de contratações em relação às simulações seja motivada pelas altas taxas apresentadas pelos bancos participantes, o que contraria o objetivo do programa lançado pelo Governo justamente para reduzir o custo para o trabalhador. Segundo o diretor financeiro da Cooperinfor, Leonardo Norberto Lisboa, um dos motivos para as altas taxas é a exclusão das Cooperativas de Capital e Empréstimos do programa. "Os trabalhadores foram pegos de surpresa. Quem estava planejando a contratação de crédito na Cooperativa ficou impedido de realizar a operação. A alternativa para o trabalhador foi buscar o novo Programa, mas lá encontrou taxas muito acima das praticadas na cooperativa", conta o diretor financeiro.

Em simulações realizadas, um trabalhador e associado da cooperativa, solicitou, através do novo programa, R\$ 5.000,00, e recebeu propostas de instituições com taxas de 3,04% ao mês, na Cooperativa de Crédito a taxa para esse empréstimo seria de 1,90% ao mês. Na simulação, o trabalhador pagaria 10 parcelas de R\$ 587,35 se contratar com os bancos participantes do programa do governo enquanto que, se contratasse na Cooperativa, pagaria parcelas de R\$ 558,46, com uma economia de R\$ 288,90, equivalente a quase 6% do valor emprestado, o que para o trabalhador faz muita diferença. "Excluir as Cooperativas de Crédito que sempre ofereceram taxas mais baixas, é prejudicial ao trabalhador e é uma medida ilegal, uma vez que não engloba todas as instituições financeiras que operam o crédito consignado no Brasil", alerta Giovanni Laine.

As Cooperativas de Crédito são instituições financeiras devidamente regulamentadas, autorizadas a funcionar e que já operam o crédito



consignado aos trabalhadores do setor privado, porém no novo programa o credenciamento de centenas de cooperativas de crédito esbarra na exigência do Código Bancário de Compensação - CBC para operar na plataforma do Governo. Esse código é concedido para as instituições participantes do Sistema de Transferência de Reservas (STR) do Banco Central do Brasil.

Na prática é como se o Governo só permitisse a entrada de bancos ou instituições que prestam serviços bancários e proibisse as Cooperativas de Crédito de participar. Segundo os diretores da Cooperinfor esse modelo estabelece uma reserva de mercado para poucas instituições habilitadas usando regras incompatíveis com o objetivo de universalização do programa.

Para corrigir essa situação, a Cooperinfor lidera a adesão de cooperativas de crédito a uma carta aberta endereçada ao Governo Federal, que explica a contradição em um programa que quer beneficiar os trabalha-

dores, mas que na verdade exclui do mesmo as cooperativas de crédito, que são instituições associativas sem fins lucrativos criadas e administradas por trabalhadores. "Cooperativas de Crédito fundadas por trabalhadores CLT que não possuíam acesso ao crédito - muitas há mais de 50 anos -, possibilitaram que esses trabalhadores constituíssem suas reservas, recebessem educação financeira e tivessem acesso a crédito com taxas justas e condições adequadas para prevenir o endividamento. Elas não podem ser excluídas do modelo que ajudaram a construir, ao longo das décadas", diz trecho da carta aberta.

Outra medida é a busca da justiça para corrigir as distorções do programa. A Cooperinfor protocolou um Mandado de Segurança no Superior Tribunal de Justiça com pedido para retirada das barreiras para ser credenciada no sistema e voltar a oferecer crédito aos trabalhadores associados. O Mandado de Segurança está no gabinete do Ministro Francisco Falcão, que já notificou o governo para apresentar informações.

Inflação no Brasil ficou em 5,48% nos últimos doze meses até março deste ano

Em março, IPCA registrou alta de 0,56%



O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de março foi de 0,56%, ficando 0,75 ponto percentual (p.p.) abaixo da taxa de fevereiro (1,31%). Esse foi o maior IPCA para um mês de março desde 2003 (0,71%). No ano, o IPCA acumula alta de 2,04% e, nos últimos doze meses,

o índice ficou em 5,48%, acima dos 5,06% dos 12 meses imediatamente anteriores. Em março de 2024, a variação havia sido de 0,16%.

Todos os nove grupos de produtos e serviços pesquisados apresentaram variação positiva na passagem de fevereiro para março, ficando entre o 0,10% do grupo Educação e o 1,17% do grupo Alimentação e bebidas, responsável pelo maior impacto (0,25 p.p.) no índice do mês, respondendo por cerca de 45% do IPCA de março.

| Período | Taxa |
|-----------------------|-------|
| mar/25 | 0,56% |
| fev/25 | 1,31% |
| mar/24 | 0,16% |
| Acumulado no ano | 2,04% |
| Acumulado em 12 meses | 5,48% |

OUTROS INDICADORES:

- *IGPM nos últimos doze meses, até março de 2025, foi de 8,58% ao ano.*
- *IPP nos últimos doze meses, até fevereiro de 2025 foi de 9,41% ao ano (inflação dos produtores.)*
- *Taxa de juros SELIC, em março de 2025, foi de 14,25% ao ano.*
- *Taxa de juros de longo prazo (rolagem da dívida do governo), em fevereiro de 2025, foi de 11,57% ao ano.*

Indústria de tintas movimenta R\$ 40 bilhões e gera milhares de empregos no Brasil



A indústria de tintas desempenha um papel relevante na geração de empregos e na movimentação de bilhões de reais por ano. Impulsionado pela presença de grande parte dos maiores produtores globais e de empresas de capital nacional que investem fortemente em tecnologia, o setor fatura cerca de R\$40 bilhões anualmente e proporciona trabalho, direta e indiretamente, a mais de 600 mil profissionais, segundo dados da Associação Brasileira dos Fabricantes de Tintas (Abrafati).

A indústria de tintas do Brasil produz cerca de 2 bilhões de litros anualmente, que são utilizados nas mais variadas aplicações: imóveis, veículos e autopeças, eletrodomésticos, móveis, aviões, embarcações, máquinas e equipamentos, embalagens metálicas, plataformas de petróleo, tubulações, sinalização viária e muitas outras. O setor se destaca pela capacidade de inovação, desenvolvendo produtos com padrões técnicos comparáveis aos dos centros mais avançados do mundo.

Os cerca de 2 mil fabricantes no país, de grande, médio e pequeno portes, empregam mais de 20 mil trabalhadores, que se somam aos milhares de funcionários dos 100 mil pontos de venda de tintas espalhados pelo Brasil e a um número estimado em 500 mil pintores.

O reconhecimento da importância econômica da indústria de tintas ganhou um reforço em março com a criação da

Semana Mundial das Tintas (De 24 a 28). A iniciativa, promovida pelo World Coatings Council (WCC) pela primeira vez, contou com o apoio da Abrafati e de outras entidades globais e teve como objetivo ampliar a visibilidade do setor, destacando temas como sustentabilidade, inovação e oportunidades de carreira.

"Espero que esta iniciativa informe um número ainda maior de pessoas sobre a relevância das tintas para o mundo e inspire a próxima geração de talentos a dar o primeiro passo rumo a uma carreira gratificante na nossa indústria. Temos muito do que nos orgulhar: os fabricantes de tintas ao redor do mundo ajudam a aumentar a segurança, a eficácia e a aparência dos produtos; criam espaços incríveis; possibilitam a comunicação e a expressão; e oferecem benefícios funcionais, como proteção e maior durabilidade para bens, produtos alimentícios e obras de infraestrutura essenciais", afirma Tom Bowtell, presidente do World Coatings Council.

Com um mercado em transformação, impulsionado pela busca por soluções mais sustentáveis e tecnológicas, a indústria de tintas se consolida como um vetor relevante para o crescimento econômico do país.

O presidente-executivo da Abrafati, Luiz Cornacchioni, ressalta que "a indústria de tintas vai muito além da sua contribuição para o embelezamento de bens

e estruturas". Segundo ele, o setor gera empregos, fomenta inovação e contribui diretamente para segmentos estratégicos, como construção civil, automotivo e bens de consumo. "O Brasil tem um mercado altamente competitivo, e a decisão do World Coatings Council de lançar a Semana Mundial das Tintas é uma ótima oportunidade para evidenciar as contribuições do nosso setor e dar visibilidade ao seu papel no desenvolvimento sustentável e na inovação", afirma.

DESEMPENHO 2024

Em 2024, o mercado brasileiro de tintas atingiu um volume recorde de 1,98 bilhão de litros, representando um aumento de 6% em relação ao ano anterior. Esse desempenho posiciona o Brasil entre os quatro maiores produtores mundiais, ultrapassando a Alemanha, que agora ocupa a quinta posição, e ficando atrás apenas de China, Estados Unidos e Índia.

O segmento de tintas imobiliárias foi o principal impulsionador desse crescimento, com um avanço de 5,9%, totalizando 1,49 bilhão de litros comercializados. Outros segmentos também registraram resultados expressivos: as tintas automotivas originais cresceram 9,7%, acompanhando o aumento das vendas de veículos, enquanto as tintas industriais tiveram alta de 6,3%, impulsionadas pela demanda por bens de consumo duráveis e investimentos em infraestrutura.

Fundada em 1985, a Abrafati – Associação Brasileira dos Fabricantes de Tintas representa a indústria de tintas, produto utilizado para proteger e embelezar todo tipo de bem e estrutura (imóveis, veículos, móveis, eletrodomésticos, embarcações, aeronaves, máquinas e equipamentos, tubulações, pontes, embalagens e muito mais). Reúne 37 fabricantes – que representam mais de 80% da produção nacional de tintas imobiliárias, automotivas, de repintura automotiva e de uso na indústria em geral – e 31 fornecedores de matérias-primas e insumos.

Inteligência Artificial no agronegócio: como assistentes e agentes inteligentes revolucionam o campo

Ricardo Recchi

Regional manager Brasil, Portugal e Cabo Verde da Genexus by Globant, empresa especializada em plataformas Enterprise Low-Code que simplificam o desenvolvimento e a evolução de softwares por meio da Inteligência Artificial

Impulsionar a produtividade, a sustentabilidade e a eficiência no setor são pontos chaves que a Inteligência Artificial (IA) pode promover para revolucionar o agronegócio. Segundo a Markets and Markets, o mercado global de IA aplicada à agricultura deve atingir US\$ 4,7 bilhões até 2028, com uma taxa de crescimento anual de 23,1%. Já o relatório do SXSW (South by Southwest) aponta que o agronegócio está entre as 20 indústrias que sentirão rapidamente os impactos da IA e da IA generativa.

Nesse cenário, assistentes e agentes inteligentes se destacam como algumas das aplicações mais promissoras da IA no setor, desempenhando papéis complementares na otimização da produção agrícola e no suporte aos profissionais do campo. Em se tratando dos assistentes de IA, que são projetados para interagir com humanos, a tônica é auxiliar na tomada de decisões, na gestão de processos e no atendimento a demandas específicas.

Um exemplo recente é a ISA, assistente virtual criada pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Desenvolvida pela Coordenadoria de Tecnologia da Informação, a ISA busca otimizar a rotina dos servidores públicos, otimizando tarefas e fornecendo informações rápidas e precisas para as tarefas que apoiam o desenvolvimento sustentável do agronegócio do Estado.

Os assistentes de IA, podem, por exemplo, com treinamento e uso de dados, fornecer recomendações sobre o melhor momento para plantio e colheita, responder dúvidas técnicas de agricultores em tempo real, gerenciar estoques de insumos agrícolas e oferecer suporte



logístico na distribuição dos produtos. Além de reduzir erros humanos, essas ferramentas aumentam a produtividade, garantindo maior previsibilidade e controle sobre as operações agrícolas.

Já os agentes de IA operam de forma autônoma, executando tarefas sem necessidade de interação humana constante. Essas ferramentas podem apoiar o monitoramento de lavouras em tempo real por meio de sensores e drones, prever impactos climáticos com base na análise de padrões meteorológicos e otimizar a aplicação de defensivos agrícolas, reduzindo desperdícios e minimizando danos ambientais. Além disso, são fundamentais para a agricultura de precisão, permitindo que cada decisão seja baseada em dados concretos.

Outros exemplos de aplicação dos agentes de IA incluem a identificação automática de pragas e doenças nas plantações, controle de irrigação inteligente que ajusta a quantidade de água conforme a necessidade das culturas e automação de colheitadeiras e tratores, possibilitando operações mais precisas e com menor consumo de combustível.

Tanto os assistentes, quanto os agentes de IA estão se tornando cada vez mais acessíveis graças ao avanço das plataformas que automatizam o desenvolvimento de sistemas, como é o caso do Low-Code.

Essa abordagem reduz significativamente a complexidade do desenvolvimento, permitindo que empresas e governos acelerem a implementação de soluções personalizadas, democratizando, desta forma, o acesso à inovação no agronegócio.

A evolução da IA no setor agrícola se mostra cada vez mais indispensável, permitindo o avanço de um dos setores mais importantes da economia brasileira. Potencializar a produção agrícola, assim como promover um trabalho mais dinâmico dos profissionais do campo são fatores que estão diretamente ligados a três grandes frentes globais: a segurança alimentar, a competitividade em um cenário econômico desafiador e a sustentabilidade. Atender a essas exigências garante não só a estabilidade, mas principalmente o acesso a novos mercados.

Agronegócio: apesar dos desafios, o setor deve crescer em 2025

Secretaria de Política Econômica do Ministério da Fazenda projeta alta de 2,3% no PIB este ano, estimulada pelo mercado agrícola

A projeção para o Produto Interno Bruto (PIB) da agropecuária em 2025 é de crescimento, impulsionada pela maior colheita brasileira de grãos na safra 2024/25, pela leve recuperação dos preços das commodities agrícolas e pela valorização do dólar. Após um fraco desempenho em 2024, o ramo deve ampliar sua participação na economia nacional. A Secretaria de Política Econômica (SPE) do Ministério da Fazenda estima um avanço de 2,3% do PIB este ano, refletindo a retomada do agronegócio. A safra recorde de grãos, prevista em 322,42 milhões de toneladas pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), pode atenuar a retração da pecuária e compensar a menor produção de café e açúcar.

Mesmo com desafios no cenário econômico, devido à elevação dos juros e ao aumento das recuperações judiciais, o setor se destaca por sua capacidade de adaptação e inovação. "O uso de tecnologias que aumentam a produtividade, a busca por soluções sustentáveis e a abertura de novos mercados têm sido fatores determinantes para manter a expansão do segmento", afirma Rayssa Melo, co-fundadora da Agree - agfintech que alcançou R\$ 800 milhões em crédito aprovado em 2024.

A captação de crédito é um dos principais motores do desenvolvimento do campo, permitindo que produtores invistam em correções de solo e custeios para manutenção das lavouras e aumento da produtividade, além da infraestrutura das fazendas e expansão de suas atividades. "Soluções inovadoras para facilitar o aces-



so aos empréstimos, como modelos de análise de risco mais assertivos, plataformas digitais como a da Agree e novas linhas de ofertas adaptadas às necessidades do produtor rural, têm sido desenvolvidas pelos bancos e por fintechs", analisa Rayssa.

O desempenho do agro também está diretamente ligado às condições climáticas. A previsão para 2025 indica oscilações que podem comprometer a produtividade de diversas culturas, tornando ainda mais importante o investimento em inovação, manejo de solo e aprimoramento de técnicas de irrigação. "Com isso, o crédito continua sendo um dos pilares mais importantes para a sustentabilidade das atividades do setor. Para garantir boas condições de financiamento, os produtores

precisam se preparar melhor, apresentando informações mais detalhadas sobre sua gestão financeira. Essa adaptação não apenas facilita a aprovação dos financiamentos, mas também fortalece a saúde financeira das propriedades, evitando problemas no fluxo de caixa", finaliza.

Fundada em 2022 a partir da união de profissionais com mais de 15 anos de experiência na área de crédito para o agronegócio, a Agree é uma empresa especializada na captação de recursos financeiros para produtores rurais e empresas do agro. Com tecnologia, transparência, proximidade e atendimento personalizado, oferece as melhores oportunidades de financiamento, conectando quem precisa de crédito a quem tem recursos para impulsionar os negócios.

Seguro garantia tem grande potencial de crescimento no Brasil

As principais tendências desta modalidade no mercado



O desenvolvimento da infraestrutura no Brasil é essencial para impulsionar o crescimento econômico e a melhoria da qualidade de vida da população. No entanto, grandes projetos, como rodovias, ferrovias, portos e usinas, envolvem desafios financeiros e contratuais que podem comprometer sua execução. Nesse cenário, o seguro garantia se consolida como um aliado estratégico, reduzindo riscos e assegurando a continuidade das obras.

Marta Borelli, diretora técnica de Seguro Garantia da Allianz Trade no Brasil, destaca que o setor já movimenta mais de R\$ 5 bilhões no país

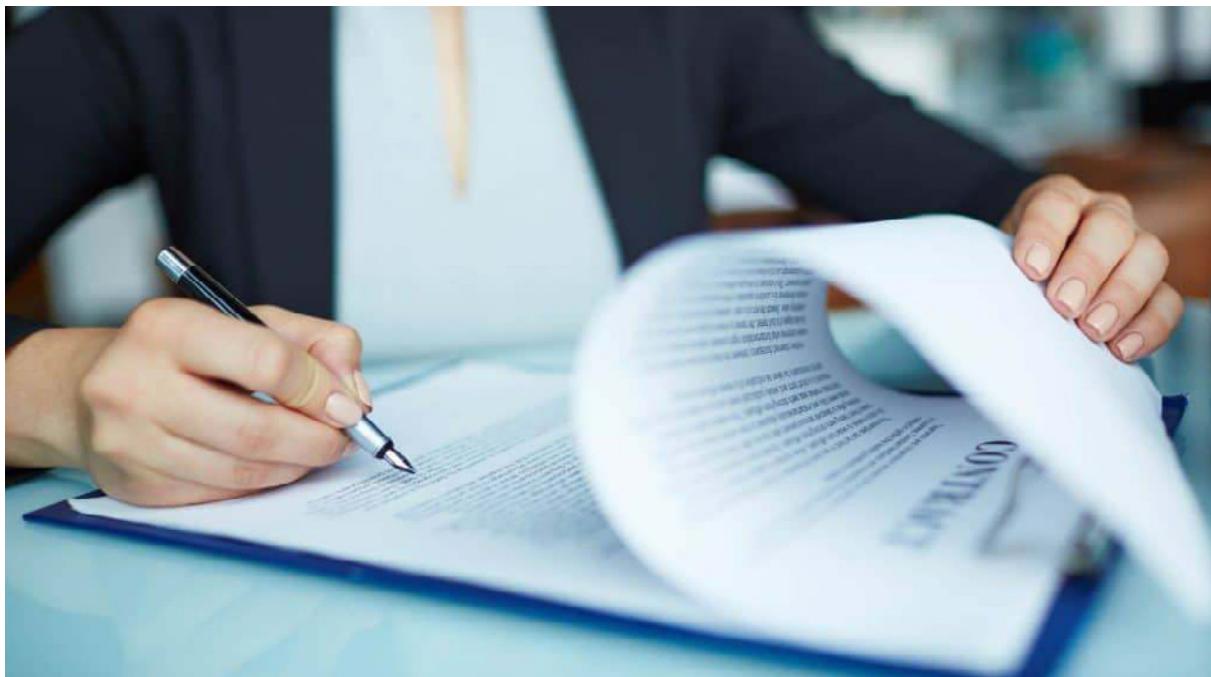
e cresce de 15% a 20% ao ano. "No Brasil, cerca de 80% do mercado de garantias está ligado a questões judiciais, o que nos diferencia do cenário global. A estratégia é ampliar nossa atuação nesse segmento e expandir para novas linhas de negócios, crescendo também em market share no mercado", afirma.

A executiva observa que, no setor público, o seguro garantia é obrigatório em diversos contratos para proteger os recursos públicos e assegurar a entrega de obras e serviços. Já no setor privado, ele evita litígios e prejuízos financeiros, tornando-se um diferencial competitivo para em-

presas que desejam maior segurança, credibilidade e fluxo de caixa.

IMPORTÂNCIA DO SEGURO GARANTIA PARA GRANDES OBRAS

Em grandes obras, a diretora técnica de Seguro Garantia aponta um dos principais benefícios da utilização da modalidade em grandes projetos de infraestrutura: "Com menos riscos envolvidos, o seguro pode proteger contratantes e empreiteiros contra o descumprimento de obrigações contratuais. No final das contas, mais segurança jurídica significa assegurar, também, que cada parte envolvida cumpra suas obrigações".



Não somente, o seguro garantia concede mais facilidade no acesso a contratos públicos e privados às empresas que o utilizam, demonstrando mais credibilidade no mercado. Afinal, essa modalidade minimiza o impacto de inadimplência e de interrupções nas obras, ao assegurar a sustentabilidade financeira dos projetos.

Foi exatamente isso que uma grande empresa europeia buscou em 2021, quando foi selecionada para um contrato de cinco anos, de US\$ 600 milhões, no Brasil. Parte de um vasto projeto sendo realizado por uma das maiores multinacionais do País, a parceria requeria o seguro garantia como uma pré-condição para o contrato.

Nesse caso, o seguro foi base para o sucesso contínuo do projeto: como uma seguradora global, a Allianz Trade entendeu a necessidade de uma linha de crédito mais alta, que não estivesse restrita a geografias específicas.

A complexidade do processo de emissão da apólice exigiu considerável expertise técnica – do tipo que a Allianz Trade tem internamente,

tanto em nível internacional quanto local. A equipe de subscrição da seguradora também estava à disposição para estruturar e emitir o título em um prazo apertado de apenas quatro semanas, enquanto respondia às negociações do contrato.

No entanto, além da expertise em seguros, havia outra razão financeira pela qual a empresa optou por um seguro garantia: a liquidez liberada. Ao não utilizar uma linha de crédito bancária para a garantia, as linhas de crédito da empresa com o seu banco não foram esticadas, dando à empresa a liberdade de usar capital de giro para buscar mais projetos internacionais – em que o seguro provavelmente desempenhará um papel novamente.

Atualmente, o mercado de garantia tem sido impulsionado especialmente por apoios às demandas judiciais, principalmente no contexto pós-pandemia. “Este cenário deve continuar por pelo menos mais cinco anos, já que as empresas estão preocupadas em manter seu capital disponível e não deixar retido durante longos processos judiciais, o que poderia impactar

suas operações”, explica Borelli.

IMPACTOS DA PORTARIA Nº 2044 NO MERCADO DE SEGURO GARANTIA

Em 31 de dezembro do último ano, a Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional divulgou um novo marco normativo sobre seguro garantia. A Portaria PGFN/MF nº 2.044, que entrou em vigor em 1º de março de 2025, traz novas diretrizes para o uso da modalidade em dívidas tributárias, substituindo a regulamentação anterior (Portaria nº 164/2014). Segundo Borelli, a mudança afeta diretamente todas as empresas que frequentemente enfrentam demandas tributárias.

“As seguradoras precisaram se antecipar para se adequar às novas regras, e na Allianz Trade não foi diferente: nos antecipamos, estudamos sobre o tema e adequamos nossas soluções e produtos de acordo com as normas vigentes. Essa adaptação faz parte da evolução do mercado e traz mais segurança para todos os envolvidos”, aponta a diretora.

Brasileiros gastaram US\$ 708 milhões em tarifas ocultas em transações de envio internacional de dinheiro em 2024

Pesquisa encomendada pela Wise à EDC mostra que em 2024, os brasileiros gastaram 14,19% a mais com tarifas ocultas se comparado ao valor gasto em 2023, de US\$ 620 milhões;

Em cinco anos, o gasto acumulado por pessoas físicas no Brasil com essas tarifas pode chegar a US\$ 5,5 bilhões;

Globalmente, as despesas totais de pessoas físicas com tarifas ocultas podem passar os US\$ 74 bilhões em 2025.



Brasileiros gastam grande quantia de dinheiro em tarifas ocultas ao realizarem transações internacionais. Durante o ano de 2024, o montante total desembolsado por pessoas físicas no Brasil ao enviar, muitas vezes sem conhecimento dos custos reais, alcançou US\$ 708 milhões, de acordo com estudo encomendado pela Wise à Edgar, Dunn & Company (EDC), em-

presa global de pesquisa. A estimativa é que ao fim de 2025, a população brasileira tenha gasto US\$ 811 milhões com esses valores ocultos.

As tarifas ocultas são aquelas escondidas em letras miúdas, adicionadas de última hora ou agrupadas com outros custos, como uma margem de câmbio, o que as torna difíceis de de-

tectar. Ou seja, são milhões de dólares que são desembolsados sem conhecimento claro do que está sendo pago - o estudo aponta a urgência brasileira por transparência no mercado de câmbio, assim como promover um mercado mais justo para o consumidor final.

Em 2023, os brasileiros gastaram

US\$ 620 milhões com tarifas ocultas - em 2024, o valor aumentou 14,19%. A projeção para 2025 não é positiva: estima-se que os gastos de pessoa física com valores ocultos devem aumentar 14,54% em remessas internacionais. O estudo projeta ainda que, em 2029, o gasto com tarifas ocultas dos brasileiros chegue a US\$ 1,435 bilhão, segundo o padrão de crescimento das cifras de remessas enviadas do Brasil para o exterior.

No ano passado, a Wise divulgou uma análise conduzida pela Anderson Consulting que mostrou que a maioria dos provedores de câmbio no Brasil utilizam taxas de câmbio infladas, com custos não identificados que podem chegar a 5,8% do valor do câmbio de mercado. Também em 2024, para conscientizar sobre a importância da transparência nesse setor e cobrar uma mudança, a empresa trouxe ao Brasil a campanha #NadaaEsconder, que inclui uma petição global e já soma mais de 15 mil assinaturas no mundo todo.

A pesquisa da EDC destaca que só os brasileiros pessoa física enviaram cerca de US\$ 38,1 bilhões para o exterior e receberam US\$ 23,380 bilhões em 2024. Em 2025, esses valores devem chegar a R\$ 44 bilhões e US\$ 28,206 bilhões, respectivamente, o que demonstra a necessidade de atenção às tarifas cobradas nessas transações - isso evitará custos desnecessários e indevidos, principalmente em remessas de alto valor.

Esse desafio não se limita ao Brasil. Em 2024, a Wise lançou uma análise mostrando o progresso dos países do G20 em direção à transparência de custos e ao acesso direto de provedores de pagamento não bancários aos sistemas de pagamento. Esses são fatores críticos para melhorar os pagamentos transfronteiriços, conforme descrito no Roteiro do G20, estabelecido em 2020, com metas a serem alcançadas até 2027. O relatório foca nessas duas prioridades por-



que o acesso direto e a transparência de preços são fundamentais para reduzir custos e aumentar a velocidade. Sem atingir a primeira, a última não será possível.

As descobertas dessa análise visam contribuir para os esforços globais de melhorar a eficiência, transparência e inclusão dos pagamentos transfronteiriços. Ao identificar o estado atual entre os membros do G20, formuladores de políticas, instituições financeiras e órgãos reguladores podem colaborar para atingir os objetivos do Roteiro.

METODOLOGIA

A pesquisa, encomendada pela Wise, foi conduzida pela Edgar Dunn & Company (EDC) entre setembro e novembro de 2024. O levantamento analisou o cenário de pagamentos internacionais usando um modelo de dimensionamento de mercado, que alavanca várias fontes de dados para projetar taxas de crescimento e alocar o tamanho do mercado em diferentes regiões e segmentos de clientes. Além disso, dados de tarifas ocultas são analisados para avaliar tendências e identificar áreas de atenção.

Os dados de tarifas ocultas de

2023 da EDC foram calculados com base na margem cambial oferecida pelos maiores bancos do Brasil quando seus clientes transferem dinheiro do país. Os dados de taxas de 2024 a 2029 são projetados com base no crescimento esperado do PIB do Brasil.

A Wise é uma empresa de tecnologia global que está construindo a melhor maneira de movimentar dinheiro ao redor do mundo. Com as contas Wise e Wise Empresas, pessoas e companhias podem guardar 40 moedas, movimentar dinheiro entre países e gastar dinheiro no exterior. Grandes empresas e bancos também usam a tecnologia Wise; uma rede de pagamentos internacionais totalmente nova que um dia irá movimentar dinheiro sem fronteiras para todos, em qualquer lugar. Independentemente de como você usa a plataforma, a Wise tem a missão de facilitar sua vida e ajudar você a economizar dinheiro.

Dezesseis milhões de pessoas e empresas usam a Wise globalmente. No ano fiscal de 2024, a Wise processou no mundo todo aproximadamente £ 118,5 bilhões em transações transfronteiriças, economizando aos clientes cerca de £ 1,8 bilhão.

PIB crescendo e o povo insatisfeito - o paradoxo brasileiro

André Cogo Dalmashio

Sócio-fundador da Armada Asset / MFO

O Produto Interno Bruto (PIB) é amplamente utilizado como um dos principais indicadores econômicos, medindo o valor total dos bens e serviços produzidos em um país ao longo de um determinado período. Embora frequentemente visto como indicador de prosperidade, o PIB apresenta sérias limitações e pode gerar interpretações enganosas sobre a saúde econômica real.

Um exemplo recente do descompasso entre o PIB e a percepção da população ocorre no Brasil. Apesar de o país ter encerrado 2024 com crescimento de 3,4% no PIB, segundo dados oficiais, a aprovação do governo federal permanece baixa. Pesquisa PoderData publicada em abril de 2025 revela que 53% da população desaprova o governo, enquanto apenas 41% o aprovam. O paradoxo entre o crescimento econômico e a impopularidade política reforça que diferentes formas de crescimento da atividade econômica geram impactos diversos sobre o padrão de vida da população.

Um aspecto crítico que compromete a interpretação do PIB é a forma como ele soma, de maneira indiferenciada, os gastos do governo. Segundo Murray Rothbard, em *America's Great Depression*, a contabilidade nacional tradicional trata os gastos públicos como um acréscimo ao produto nacional, mas essa visão seria ilusória. Para Rothbard, é "muito mais realista considerar todos os gastos governamentais como uma depredação do produto nacional, e não como um acréscimo a ele". Essa crítica, típica da Escola Austríaca, destaca que aumentos no PIB financiados por expansão fiscal podem



representar um empobrecimento líquido da sociedade, ao redirecionar recursos da economia voluntária para fins determinados politicamente — muitas vezes com baixo retorno econômico ou mesmo destrutivos. Um exemplo claro são os gastos com guerras, que inflacionam o PIB e, ao mesmo tempo, resultam em destruição de capital e piora do bem-estar da população.

Em 2024, a expansão do PIB brasileiro foi impulsionada majoritariamente pela ampliação dos gastos públicos, especialmente por meio de programas de transferência de renda, aumento de subsídios e estímulos ao consumo via crédito público. Essa trajetória desperta dúvidas quanto à sustentabilidade e à qualidade do crescimento, já que se concentrou em gastos correntes e não em aumento consistente do investimento privado ou da produtividade.

Investimentos públicos com baixo

retorno econômico, frequentemente orientados por critérios políticos e não técnicos, tendem a gerar efeitos temporários sobre a atividade econômica, mas não criam capacidade produtiva duradoura. Além disso, esse impulso fiscal ajudou a promover inflação persistentemente elevada, refletindo-se nos preços de itens como alimentos e serviços essenciais, corroendo o poder de compra das famílias, sobretudo das mais vulneráveis.

Portanto, embora seja útil como indicador de atividade econômica, o PIB apresenta sérias limitações quando analisado isoladamente. No caso brasileiro, o chamado "paradoxo" entre baixa satisfação popular e expansão do PIB é, na verdade, um efeito esperado sob a ótica da economia liberal clássica, que valoriza não apenas a quantidade da expansão econômica, mas sobretudo sua qualidade, eficiência e impacto sobre o bem-estar real da sociedade.

Enquanto os EUA atraem bilionários para governar, o Brasil se perde em debates periféricos

A diferença de prioridades entre os dois países explica por que um cresce mesmo em meio ao caos — e o outro não sai do lugar

Em meio à turbulência geopolítica, disputas comerciais e embates institucionais internos, os Estados Unidos seguem avançando em crescimento econômico e em atração de capital privado. Um dos motivos, segundo o empresário Leandro Sobrinho, está na diferença radical entre as prioridades adotadas por Brasil e EUA na condução da política e da economia.

De volta à presidência, Donald Trump tem conduzido seu novo mandato com uma postura agressiva na economia, mas pragmática na composição do governo. Um time de bilionários e empresários experientes foi escalado para comandar áreas estratégicas da administração federal. Secretários do Tesouro, do Comércio e do Planejamento Governamental têm em comum não apenas o patrimônio bilionário, mas também a orientação para fazer negócios, enxugar gastos e atrair capital. Elon Musk, o homem mais rico do mundo, passou a integrar diretamente o governo como chefe do Departamento de Eficiência Governamental.

O foco é claro: reindustrializar os Estados Unidos, reduzir o peso do Estado e criar um ambiente mais competitivo para o setor privado. "Se eles conseguirem executar o plano como está sendo desenhado, a carga tributária americana, que já é uma das mais baixas do mundo desenvolvido, pode cair ainda mais. Isso é música para os ouvidos de qualquer investidor ou empresário", analisa Leandro Sobrinho, investidor imobiliário nos EUA e sócio da Davila Finance.



BRASIL EMPACADO EM VELHOS DILEMAS

Enquanto isso, no Brasil, a agenda econômica segue travada por disputas políticas, discussões ideológicas e prioridades consideradas periféricas diante dos desafios estruturais do país. "A carga tributária nacional, que já beira os 35% do PIB, continua em trajetória ascendente, pressionada por uma dívida pública crescente e gastos rígidos com emendas parlamentares e programas de difícil revisão", revela.

A taxa básica de juros, próxima de 15% ao ano, dificulta o crédito, encarece o investimento produtivo e impede que o país decole em competitividade. Ainda assim, os principais sinais que chegam ao setor privado estão longe de indicar um real compromisso com reformas ou com o estímulo à produtividade.

"Nos EUA, mesmo com toda a instabilidade política, há uma agenda econômica concreta em andamento. No Brasil, infelizmente, o governo pa-

rece mais preocupado com o impacto de vídeos nas redes sociais do que com o cenário fiscal, tributário ou regulatório", pontua Leandro.

DESALINHAMENTO DE FOCO E AUSÊNCIA DE COMPETITIVIDADE

A diferença de agendas evidencia o descompasso entre o que empresários esperam e o que é, de fato, discutido nas esferas de decisão. Enquanto os Estados Unidos falam em atrair investimento global e reformar o Estado para reduzir custos, o Brasil ainda debate propriedade privada no campo, revoga marcos legais de setores estratégicos e posterga reformas estruturais.

Para Leandro Sobrinho, o contraste é um alerta. "Enquanto um país direciona bilionários para liderar a política econômica e promover eficiência, o outro se perde em disputas simbólicas. O que nos impede de ser uma potência não é a falta de capacidade, é a escolha errada das prioridades", lamenta.

Infraestrutura logística no Brasil: entraves e soluções para o futuro

Marcus Coelho

Advogado especialista em negociação, com forte atuação no setor de infraestrutura logística

Rodrigo Felix



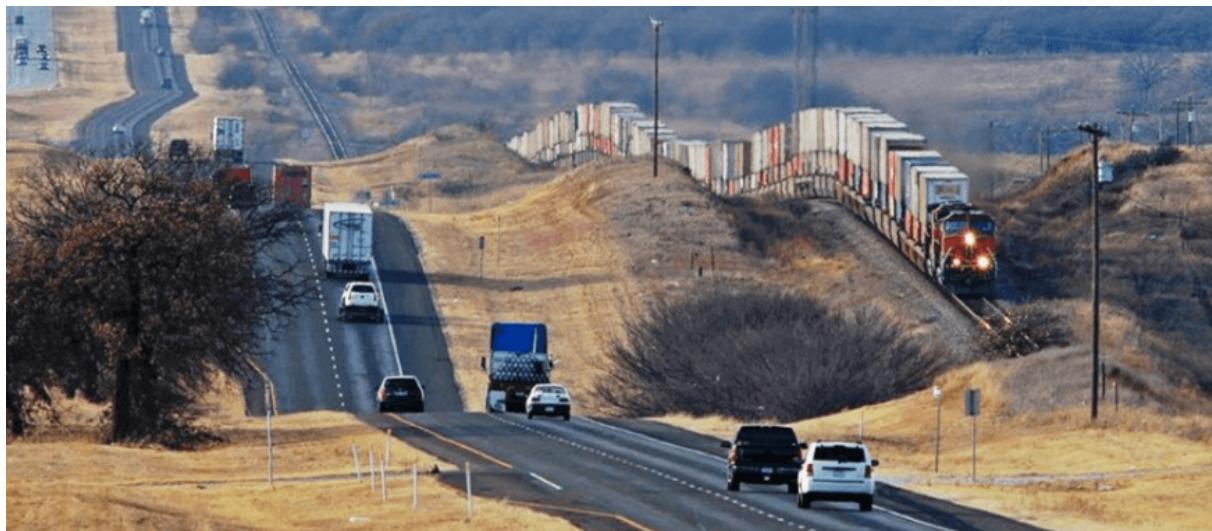
A infraestrutura logística brasileira ainda enfrenta obstáculos críticos que limitam a competitividade e eficiência do país no cenário global. Problemas nos sistemas portuário, rodoviário e ferroviário, associados à subutilização do transporte marítimo de cabotagem e das vias fluviais, destacam-se como os maiores desafios do setor. Com uma demanda crescente por eficiência e conectividade, torna-se imprescindível investir em estratégias modernizadoras que posicionem o Brasil de maneira competitiva no mercado internacional.

A infraestrutura portuária é um dos

principais pontos frágeis do sistema logístico nacional. Filas intermináveis de navios, chegando a períodos de espera de até 60 dias, alertam para a insuficiência operacional dos portos, como os de Santos (SP) e Paranaguá (PR). O custo para manter um único navio parado por esse período atinge cifras astronômicas de US\$ 1,8 milhão, impactando diretamente a competitividade das exportações brasileiras. Esse colapso nos portos reflete não apenas a falta de investimentos em modernização, mas expõe a incapacidade logística de acompanhar o aumento anual da produção agroindustrial.

Além das deficiências nos portos, a deterioração das rodovias e a falta de uma malha intermodal eficiente, que conecte diferentes modais de transporte, são os principais fatores que tornam a logística nacional cara e inefficiente. Tal cenário compromete a posição do Brasil no ranking de competitividade global – atualmente em 62º lugar entre 67 economias avaliadas, segundo o Institute for Management Development (IMD).

O Brasil concentra 65% de sua matriz de transporte no modal rodoviário, uma escolha que, embora predominante, é economicamente limitada.



Esse excesso de dependência se traduz em altos custos de manutenção das vias, maior desgaste de veículos de carga e ineficiência no escoamento de grandes volumes de produção. Diferentemente de países como os Estados Unidos e a Alemanha, onde o transporte rodoviário é empregado majoritariamente como solução para a "última milha", no Brasil ele sustenta longas distâncias, sobrecarregando as estradas.

Para superar esta limitação, faz-se necessário diversificar e otimizar a matriz logística nacional, promovendo maior uso de ferrovias, hidrovias e cabotagem. Esse modelo integrado – amplamente adotado em nações desenvolvidas – garante maior eficiência econômica e reduz custos operacionais a longo prazo.

Com uma malha ferroviária ativa inferior a 30 mil quilômetros, o Brasil ocupa a nona posição no ranking mundial de extensão ferroviária, muito distante da liderança dos Estados Unidos, que dispõem de mais de 293 mil quilômetros de trilhos. Essa discrepância evidencia o baixo investimento histórico no setor, que permanece subutilizado mesmo para grandes cargas, como grãos e minerais.

Nos Estados Unidos, as ferrovias são o

principal pilar para transporte de commodities, configurando-se como a solução mais econômica para cobrir longas distâncias. Aqui, a possibilidade de integrar ferrovias e rodovias para promover maior intermodalidade ainda é um objetivo distante, mas urgente.

O vasto litoral e a ampla rede de rios do Brasil oferecem uma oportunidade única para fortalecer o transporte aquaviário. No entanto, a participação da cabotagem na matriz de transporte ainda é de apenas 11%, patamar inferior ao de países como Japão (44%) e União Europeia (32%). Apesar disso, o potencial da cabotagem tem crescido: entre 2010 e 2019, houve um aumento de 31% no volume de cargas transportadas, especialmente contêineres, que registraram alta de 200%.

A navegação fluvial, por sua vez, permanece um recurso inexplorado, diante do potencial existente no país. Nos Estados Unidos, o rio Mississippi é uma rede hidroviária crucial para o escoamento eficiente de grandes volumes de carga. Para o Brasil, explorar esse potencial poderia aliviar a sobrecarga sobre o modal rodoviário, reduzindo custos e permitindo maior eficiência na logística interna.

Muitos países, como Estados Unidos

e Alemanha, já operam com sistemas logísticos intermodais, onde a integração entre modais portuários, rodoviários e ferroviários viabiliza uma logística mais ágil e segura. Um bom exemplo é o porto de Long Beach nos EUA, que dispõe de acesso direto a rodovias e ferrovias, proporcionando um escoamento rápido e eficiente de mercadorias.

Adotar práticas semelhantes poderia revolucionar o setor logístico brasileiro. Ampliar os investimentos em ferrovias, modernizar portos e aumentar o uso do transporte aquaviário são iniciativas fundamentais para transformar os atuais gargalos em vantagens competitivas.

O Brasil tem na logística uma peça-chave para alavancar sua economia, mas para isso é necessário um profundo redesenho estrutural. A integração entre os modais, a modernização tecnológica dos portos e o incentivo à navegação aquaviária são indispensáveis. A adoção de práticas adotadas por países líderes pode guiar essa transformação. Com investimentos consistentes e planos estratégicos bem elaborados, o Brasil pode transformar desafios logísticos em oportunidades de crescimento sustentável e tornar-se uma potência logística no cenário global.

Grupo Tora Transportes: concluída a venda para a CSN



Em uma transação de R\$ 742,5 milhões, a CSN - Companhia Siderúrgica Nacional anunciou, no início de abril, a conclusão da aquisição de 70% do capital social da Estrela Comércio e Participações, holding do Grupo TORA.

Especializada na integração de modais como rodovias e ferrovias, além da operação de terminais, o Grupo Tora conta com uma frota de 2,6

mil carretas e 600 cavalos mecânicos.

A operação logística da CSN já movimenta 10% de toda a carga ferroviária do país. A companhia administra dois terminais, um de granéis sólidos (Tecar) e outro de contêineres (Sepetiba Tecon) no Porto de Itaguaí, no Rio de Janeiro.

O Tecar tem capacidade para exportar 45 milhões de toneladas de minério de ferro por ano. Já o Tecon

é o maior terminal de contêineres do Rio de Janeiro e funciona como um "hub", ou seja, uma central de recebimentos, armazenamento e despachos de cargas diversas.

No setor ferroviário, a CSN tem participação na MRS Logística, e é controladora da FTL (Ferrovia Transnordestina Logística), antiga malha nordeste da RFFSA, e da Transnordestina Logística S.A. (TLSA).

Tendências logísticas: digitalização e flexibilidade nas operações para os próximos anos

Além disso, a organização e rapidez são fatores fundamentais para o sucesso do setor em um mercado cada vez mais competitivo



A competitividade na economia e nos variados setores está intrinsecamente ligada à eficiência logística, que se tornou um dos principais diferenciais para as empresas. Não se trata apenas de uma função operacional, mas um fator estratégico que impacta diretamente na experiência do cliente e na produtividade. Investir continuamente na modernização da infraestrutura, no uso de tecnologias avançadas, como a inteligência artificial e a automação, e em práticas eco-

nômicas é fundamental para otimizar os processos e garantir um fluxo de mercadorias eficiente.

Nesse cenário de crescente competitividade e transformação, a Motz, transportadora digital que facilita e melhora a jornada dos caminhoneiros e dos embarcadores por todo o Brasil, contribui no fortalecimento da infraestrutura logística, oferecendo maior agilidade, redução de custos operacionais e transparência nos pro-

cessos logísticos. Com isso em mente, André Pimenta, CEO da companhia, revela as principais tendências em alta e que moldarão o futuro do setor.

DIGITALIZAÇÃO E TECNOLOGIAS INTEGRADAS

Uma das principais atualizações do setor de frotas no Brasil é a crescente digitalização dos processos e a adoção de soluções integradas. Nessa linha, o Índice de Desempenho Logís-



tico, divulgado pelo Banco Mundial em 2023, revelou que 62% dos líderes do transporte acreditam que a tecnologia é o futuro e a chave principal para resolver problemas enfrentados no seu dia a dia.

Com o avanço de ferramentas como big data e inteligência artificial, as empresas logísticas no país estão cada vez mais incorporando soluções digitais para aprimorar a eficiência de suas operações. Essas inovações permitem monitoramento em tempo real das cargas e a definição das rotas mais eficientes para o transporte. Como resultado, há uma redução significativa no tempo de percurso e nos custos operacionais, além de proporcionar maior agilidade, menos erros e maior transparéncia para os clientes. Espera-se que a implementação dessas tecnologias se intensifique, consolidando-se como um pilar fundamental para o setor.

2. SUSTENTABILIDADE

"A busca por práticas sustentáveis no transporte é uma tendência que vem ganhando força ao longo do

tempo e deve continuar a se expandir nos próximos anos. Embora soluções inovadoras estejam sendo discutidas, elas ainda estão longe de se tornar realidade em setores como o agropecuário, construção civil e outros no Brasil. No entanto, pequenas mudanças, como a otimização de rotas e a terceirização de frotas, já começam a gerar impactos positivos. Além disso, o compartilhamento de custos surge como uma tendência crescente, com o uso de armazéns multiclientes e malhas logísticas compartilhadas. Isso permite que diferentes companhias dividam despesas de transporte e distribuição, contribuindo para a diminuição dos impactos ambientais ao longo da cadeia de suprimentos", completa Pimenta.

3. FLEXIBILIDADE NAS OPERAÇÕES LOGÍSTICAS

Em um mercado cada vez mais imprevisível, a flexibilidade se torna um dos principais diferenciais competitivos. As organizações precisarão ser rápidas e adaptáveis para ajustar suas operações logísticas diante de mudanças na demanda ou interrup-

ções nas cadeias de suprimentos. Empresas ágeis têm mais capacidade de se ajustar a imprevistos e alterações repentinhas. Isso envolve desde o redirecionamento de rotas e a reconfiguração das prioridades de entrega até a integração de novas tecnologias e, quando necessário, a contratação de frotas temporárias para atender à variação na demanda.

O crescimento do PIB e a redução das taxas de desemprego no Brasil em 2024 criam um ambiente propício para o setor logístico em 2025. Para enfrentar desafios como o câmbio flutuante e a instabilidade global, os investimentos no digital, na sustentabilidade e eficiência serão essenciais. As empresas que focarem na otimização tanto das infraestruturas físicas quanto das tecnológicas, juntamente com a capacitação contínua de seus colaboradores e a flexibilidade nas operações logísticas, terão uma vantagem competitiva significativa no ramo.

"O setor logístico no Brasil está em um momento crucial de transformação. Aqueles que abraçarem as tendências do ramo serão as mais bem posicionadas para enfrentar os desafios globais e atender às crescentes demandas do mercado, garantindo eficiência, competitividade e um futuro mais ágil e sustentável", finaliza o CEO.

A Motz é a transportadora digital da Votorantim Cimentos, que facilita e melhora a jornada dos caminhoneiros e dos embarcadores por todo o Brasil. Tem como objetivo conectar as cargas de embarcadores com os motoristas autônomos, aliando a solidez, a capilaridade e a segurança no atendimento. Com mais de 72 mil motoristas cadastrados em sua base, a Motz está presente em mais de 140 pontos de expedições em todo o Brasil, com atuação nas principais cidades e corredores de transporte rodoviário. Foram mais de 698 mil viagens em 2023, registrando a média de 79 viagens a cada hora.

Grupo Prosegur renova plano de compensação de CO2 com foco na preservação de mais de 1 milhão de hectares de florestas naturais

Companhia irá apoiar projeto na Colômbia que também visa proteger fauna, melhorar a educação de mais de 9 mil jovens e crianças e garantir a segurança alimentar de comunidades indígenas

O Grupo Prosegur, empresa espanhola líder no setor de segurança privada, e a Prosegur Cash, sua unidade de negócios especializada no transporte de valores e gestão de numerário, acabam de renovar seu plano de compensação de emissões de CO2 com a aquisição de Créditos de Carbono para apoiar o projeto REED+ Selva Matavén, na Colômbia. Esta iniciativa visa promover a mitigação e adaptação às mudanças climáticas, a conservação de ecossistemas, florestas locais e a manutenção da biodiversidade, contribuindo para o desenvolvimento social e econômico de áreas remotas do país.

O Projeto REDD+ tem o objetivo de desenvolver um processo participativo de restauração com o manejo integrado das florestas e terras da reserva, garantindo a sustentabilidade e reduzindo as ameaças de conservação. Garantir a preservação da região Selva de Matavén é de extrema importância devido à grande diversidade de paisagens. Com uma área de 1.849.613 hectares, a Selva é a última zona de transição bem conservada da Colômbia, localizada entre as savanas da Orinoquía e a Amazônia colombiana. Além da biodiversidade, trata-se de um santuário da cultura indígena.

O PROJETO REED+ SELVA MATAVÉN

A iniciativa REED+ Selva Matavén conta com seis programas especiais que respondem às necessidades do coletivo indígena, visando gerar um impacto positivo tangível. No eixo ambiental, o projeto ajudará a proteger 1.150.212 hectares de florestas naturais, mais de 800



terras fluviais, cerca de 120 espécies de plantas e 249 espécies de aves.

No eixo humano, serão tomadas medidas para promover as condições de educação de mais de 9.800 jovens e crianças, com o desenvolvimento de atividades para que 1.233 anciãos compartilhem seus conhecimentos sobre medicina tradicional e história comunitária, e implementação de 270 projetos para garantir a segurança alimentar nas comunidades indígenas.

Tudo isso inclui um impulso no crescimento sustentável de 350 comunidades de seis grupos étnicos indígenas. Nas palavras de Juan Ignacio de Guzman, diretor global de Relações Institucionais e Sustentabilidade do Grupo Prosegur, “o plano de compensação de emissões do Grupo Prosegur e da Prosegur Cash, que chega à sua quinta edição, reflete nosso compromisso com o meio ambiente e a transformação para uma sociedade global sustentável. Além disso, nesta oportunidade, queremos dar um passo além, apoiando um projeto socioambiental com impacto positivo no entorno das comunidades indígenas, reafirmando nosso compromisso com os povos originários dos países em que temos presença”.

O plano pioneiro de compensação, desenvolvido desde 2021, é uma das diversas iniciativas em que o Grupo Prosegur está trabalhando na área de sustentabilidade, e todas estão integradas sob o Plano Diretor. Esta estratégia se baseia em vários pilares fundamentais: meio ambiente, pessoas, trabalho seguro, ética, transparência e governança. Desta forma, permite-se compensar o CO2 gerado pelas operações do Grupo na Europa, América Central e América do Norte.

O Grupo Prosegur é uma referência global no setor de segurança privada. Por meio de suas linhas de negócios, Prosegur Security (Segurpro-BR), Prosegur Cash, Prosegur Alarms, AVOS Tech e Cipher, proporciona a empresas e residências uma segurança confiável baseada nas soluções mais avançadas do mercado. Com presença global, a Prosegur faturou 4.908 milhões de euros em 2024, cotiza nas bolsas espanholas sob o indicador PSG e atualmente conta com uma equipe de cerca de 175.000 funcionários. O Grupo Prosegur atua conforme as melhores práticas ambientais, sociais e de boa governança.

A empresa configurou a sustentabilidade como um pilar estratégico em todas as suas ações com o objetivo de ser a referência setorial. Além disso, o Grupo Prosegur canaliza sua ação solidária através da Fundação Prosegur, que trabalha em quatro eixos de atuação: educação, inclusão laboral de pessoas com deficiência intelectual, voluntariado corporativo e fomento cultural.

Ademicon cresce 50% em créditos comercializados em 2024 e investe em expansão

Com previsão de chegar a mais de 400 lojas até 2030, companhia inaugura mais 19 unidades pelo Brasil e a primeira nos EUA

Com o objetivo de ampliar sua atuação, a Ademicon, maior administradora independente de consórcio do Brasil em créditos ativos, inaugura em abril, mais 20 unidades de negócio, totalizando assim 240 lojas em operação.

A companhia que, somente em fevereiro deste ano, registrou um crescimento de 102% em relação ao mesmo mês de 2024, alcançando mais de R\$ 3 bilhões em créditos comercializados, confirma a tendência de expansão para 2025.

Neste sentido, a projeção da administradora é alcançar R\$ 33,5 bilhões em créditos vendidos, o que corresponde a um aumento de, ao menos, 23% sobre o resultado de 2024. Com isso, a companhia superaria em três vezes a média do setor, estimada em 8%, segundo a Associação Brasileira de Administradoras de Consórcios (ABAC).

"Estamos cada vez mais certos de que o brasileiro entendeu o consórcio como um produto seguro, sem juros e versátil, que auxilia na conquista de diferentes objetivos. Para atender esta demanda, nosso plano é continuar em pleno crescimento, por isso, em 2025 esperamos abrir entre 20 e 30 unidades de negócio, chegando a mais de 260 lojas. O consórcio ainda tem um grande potencial de expansão e, como especialistas, acreditamos que podemos ajudar muitas pessoas a partir de um atendimento consultivo e personalizado", diz Tatiana Schuchovsky Reichmann, CEO da Ademicon.

Nessa megainauguração, a companhia irá abrir sete unidades no Sul do país: Imbituba, Concórdia e Florianópolis - Campeche (SC); Marau (RS); Uberaba, Sítio Cercado e unidade 200 - Curitiba (PR); quatro no Sudeste: São Gonçalo (RJ), Mooca e Santos Gonzaga (SP) e Belo Horizonte - Lourdes (MG); uma no Nordeste, em Campina Grande (PB); e duas



Tatiana Schuchovsky Reichmann - CEO da Ademicon

no Centro-Oeste: Nova Mutum (MT) e Goiânia - Marista (GO). Nesta oportunidade também serão reinauguradas as unidades Guarapuava, Irati, Londrina e Bacacheri (PR), e São Conrado (RJ).

Ainda na ocasião, a Ademicon também celebra a abertura de sua primeira loja no exterior, em Miami, nos Estados Unidos. "Trata-se de uma estratégia que vem para consolidar a demanda de brasileiros que residem nos EUA, e que têm grande interesse no produto consórcio para aquisição de bens ou contratação de serviços no Brasil", finaliza a executiva.

UNIDADE 200

"Além da presença nacional, que é muito importante para o nosso crescimento estruturado, estamos felizes em comunicar a abertura de nossa loja de número 200, em Curitiba, reforçando também o nosso compromisso com a região que é nosso berço", complementa Tatiana.

A Ademicon tem 34 anos de atuação e é a maior administradora independente de consórcio do Brasil em créditos ativos. A companhia entende o consórcio como uma ferramenta de planejamento financeiro e também um investimento, que

possibilita a conquista de bens e serviços com foco na geração de novos negócios, na formação do patrimônio e na realização de projetos de vida dos clientes. Por meio da Ademicon Consórcio e Investimento, a empresa comercializa consórcio nos segmentos de imóveis, veículos (leves e pesados) e serviços. Já com a Ademicon Administradora, outro braço da holding, opera o consórcio de grandes marcas parceiras, como New Holland, Iveco, Mitsubishi e Suzuki. Além disso, administra o Consórcio Coxa, resultado da parceria com o Coritiba Foot Ball Club, o Consórcio do Peixe, com o Santos Futebol Clube, o Consórcio SPFC, com o São Paulo Futebol Clube, o Consórcio Palmeiras, com a Sociedade Esportiva Palmeiras, o Compre Náutica, fruto da união com a consultoria de compras de produtos náuticos, e o PopCon Consórcio, da parceria com o Grupo Massa. A companhia também tem parcerias estratégicas com o BTG Pactual e banco BV, a partir das quais oferece o consórcio aos clientes dos bancos. Seu portfólio conta ainda com o home equity, car equity e cota equity, comercializados pela Ademicon Crédito, e seguros. A empresa, que tem atuação nacional e dois fundos de investimento em sua estrutura acionária, conta atualmente com 240 unidades de negócio distribuídas em 24 estados e no Distrito Federal.

Venda de processos trabalhistas – Fato ou fake

Alternativa segura e legal, a cessão de crédito ainda gera dúvidas em trabalhadores que esperam há anos pelo valor da indenização



A tramitação de um processo trabalhista pode durar mais de cinco anos no Brasil. Dados oficiais mostram que há mais de 10 milhões de processos trabalhistas ativos no país, que passam de R\$ 1 trilhão em ações indenizatórias. Mas, mesmo após uma sentença favorável em segunda instância, estima-se que seja necessário esperar até três anos para receber o valor determinado em tribunal.

O que muita gente não sabe é que existe uma alternativa para que trabalhadores antecipem os valores de uma ação e assim possam atender às necessidades geradas ao longo de uma disputa trabalhista: é a chamada cessão de crédito. Mesmo com a crescente disseminação de informações sobre o assunto, ainda circulam muitas notícias falsas, também conhecidas como fake news. Então listamos 10 dicas sobre o tema. Confira:

A VENDA DO PROCESSO TRABALHISTA É LEGAL E SEGURA

Fato! A cessão de crédito está prevista no artigo 286 do Código Civil, que diz: “O credor pode ceder o seu crédito, se a isso não se opuser a natureza da obrigação, a lei, ou a convenção com o devedor; a cláusula proibitiva da cessão não poderá ser oposta ao cessionário de boa-fé, se não constar do instrumento da obrigação”. É um processo seguro que conta com o contrato de cessão de crédito: ao assinar, ambos os lados estão seguros e o trabalhador recebe os valores em um prazo muito menor se comparado à espera pelo fim do processo.

MESMO DEPOIS DA VENDA, O TRABALHADOR PERDE DINHEIRO SE ALGO DER ERRADO NO PROCESSO

Fake! Com o contrato de cessão de crédito assinado, se eventualmente ocorrer algum desfecho não favorável ao processo que resulte em não pagamento ou outras situações de prejuízo, a pessoa não será afetada, pois ela tem como instrumento o contrato de cessão que a protege e prova que não tem mais obrigações com a ação trabalhista. Nesse caso, o tempo de espera, burocracia e risco de recebimento ou de insucesso do processo passa a ser da empresa que o comprou. Na Anttecipe. com, por exemplo, o valor é liberado em até 24 horas após a assinatura do contrato, e o pagamento é feito à vista.

EXISTEM EMPRESAS SÉRIAS NESSE RAMO

Fato! Atente-se sempre à consulta de CNPJ da empresa. “Antes de negociar o seu processo, pesquise o

histórico da empresa, acompanhe a mídia e veja se ela recebeu, por exemplo, investimentos e aportes. Nenhum investidor irá colocar dinheiro em uma organização que não seja séria. Veja quem são os sócios e busque informações sobre os profissionais para entender a credibilidade das pessoas envolvidas", sugere Herbert Camilo, CEO da Anttecipe.com.

NÃO É PRECISO PAGAR PELA AVALIAÇÃO DE VENDA DO PROCESSO

Fato! A avaliação do processo trabalhista se dá de forma gratuita e nenhum valor ou taxa é cobrado para a liberação do dinheiro. "Empresas idôneas que atuam nesse mercado não devem cobrar valor algum pelos serviços prestados. Suspeite de empresas que solicitam valores para seguir com a negociação. Lembre-se: você é quem recebe o dinheiro e não deve pagar nada", comenta Herbert.

A COMPRA DE PROCESSO TRABALHISTA É UM TIPO DE GOLPE

Fake! A cessão de crédito feita por empresas idôneas cumpre com rigorosidade a legislação brasileira e preza pela proteção de ambas as partes: tanto de quem está vendendo o crédito judicial trabalhista, quanto da própria empresa que está adquirindo o crédito. Todas as proteções são colocadas no contrato que celebra a negociação. Trata-se, portanto, de um processo extremamente seguro, além de simples e rápido. A procura dos brasileiros por este serviço vem crescendo - é uma alternativa para quem tem processos trabalhistas em andamento e precisa antecipar o recebimento do valor.

EXISTE UM DESÁGIO NO VALOR DO PROCESSO

Fato! O chamado deságio é um desconto aplicado sobre o valor do crédito para calcular o preço de ven-

da. Afinal, a empresa que compra o crédito paga seu cliente em um curto prazo, mas tem de aguardar o fim do processo para receber, se causa for ganha. "Temos que considerar que existe o risco de não recebermos pelo valor do processo. A empresa processada pode falir ou entrar em recuperação judicial e não pagar o que deve. Os processos são ativos que podem ser negociados, mas possuem um risco muito grande tanto por conta da instabilidade do judiciário, com frequentes mudanças na lei, quanto pela instabilidade de mercado e as empresas podem quebrar com maior facilidade", explica o CEO da Anttecipe.com.

OS ADVOGADOS SÃO PREJUDICADOS NA VENDA DO PROCESSO

Fake! Esta é uma das principais dúvidas sobre a venda do processo trabalhista, mas o advogado não é prejudicado de forma alguma. O contrato de cessão de crédito deixa claro que os honorários contratuais serão reservados em sua integralidade quando o valor da ação for recebido. "Este documento reforça a obrigatoriedade de repassar ao advogado o valor referente a isso e também oferecemos a ele a opção de venda de seus honorários. Se, assim como o trabalhador que vende, ele quiser realizar essa antecipação, a Anttecipe pode fazer essa negociação", afirma Herbert.

MEU ADVOGADO PRECISA AUTORIZAR A VENDA DA AÇÃO TRABALHISTA

Fake! Não existe a necessidade de autorização do advogado contratado para seguir com a cessão de crédito e, de forma alguma, pode haver qualquer tipo de ameaça que impeça ou iniba o desejo de venda da ação trabalhista.

O PRÓPRIO ADVOGADO PODE SE OFERECER PARA COMPRAR O PROCESSO TRABALHISTA

Fake! É expressamente proibida pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) que advogados adquiram créditos trabalhistas de seus próprios clientes, considerando essa prática antiética, prejudicial à honra e dignidade da profissão, e ainda, passível de sanções disciplinares. "Tempos atrás o judiciário não tinha clareza desse tipo de negociação, apesar de já estar habituado com a tratativa de precatórios. Parte dessa estranheza se dava pelo fato de não existirem muitas empresas idôneas na condução desse mercado e principalmente porque alguns advogados se aproveitavam de informações privilegiadas do cliente e se ofereciam para comprar a ação por valores inferiores aos praticados por empresas que compram processos trabalhistas", comenta Herbert.

Vale ressaltar que o Código de Ética e Disciplina da OAB veda qualquer procedimento de mercantilização na advocacia e a compra de créditos trabalhistas é vista como uma forma de mercantilizar direitos de clientes. Tal conduta configura infração disciplinar, conforme o artigo 34, inciso XX, da Lei 8.906/94 (Estatuto da Advocacia), que considera infração o ato de "locupletar-se, por qualquer forma, à custa do cliente ou da parte adversa, por si ou interposta pessoa".

É OBRIGATÓRIO A VENDA DE 100% DO PROCESSO TRABALHISTA

Fake! Na Anttecipe.com é possível fazer a venda parcial de um processo trabalhista, ou seja, você pode antecipar uma parte do valor de seu processo e esperar para receber a outra parte, não negociada, ao final da ação.

"Os brasileiros estão começando a entender melhor e aproveitar as vantagens de vender seu processo. E quem experimentou percebeu que essa é uma transação segura. Afinal, para que correr riscos em vez de investir seus recursos no que você quer ou precisa?", finaliza Herbert.

Framework Digital adquire Rethink, consultoria renomada em estratégia e tecnologia

A compra da empresa faz parte do plano de expansão para estar entre as maiores do Brasil no segmento



Ricardo Ferreira (Dedé), CEO da Rethink; Leonardo Barros, CEO da Framework e André Dib, VP de Estratégia Framework

Pioneira no setor de transformação digital, a Framework Digital está há 16 anos no mercado e segue em plena expansão. Como parte de sua estratégia de crescimento inorgânico, acaba de anunciar a aquisição da Rethink, consultoria especializada em solucionar desafios de grandes empresas brasileiras por meio de tecnologia, design e estratégia de produtos digitais. Com forte atuação no mercado de São Paulo, principalmente nos setores de loyalty e utilities, o M&A constrói uma das maiores companhias do segmento, com cerca de 700 colaboradores e soluções que atendem mais de 150 milhões de brasileiros, além de um portfólio que impacta positivamente todo o ecossistema nacional de tecnologia.

A Rethink, que passará a se chamar 'Rethink by Framework', surgiu em 2017 e teve um histórico sólido de crescimento: aumentou seu faturamento anual de R\$ 2.7 milhões para R\$ 41.4 milhões em apenas seis anos. Com o M&A, a Framework espera alcançar R\$ 200 milhões de receita em 2025 e R\$ 250 milhões em 2026, além do aumento da base de clientes e o fortalecimento de sua atuação para mercados como o de São Paulo, consolidando

ainda mais sua presença nacional.

"Unimos forças em um portfólio complementar e de muita qualidade. Neste novo momento, os clientes podem esperar uma empresa mais completa para atender demandas da concepção à execução em todos os seus desafios de negócio. A expertise em desenvolvimento de produtos digitais, alocação de times de tecnologia, IA, design, estratégia, consultoria e muito mais impacta positivamente os negócios, gerando resultados reais para nossos clientes como um todo", conta o CEO da Framework Digital, Leonardo Barros.

Ricardo Ferreira, fundador e CEO da Rethink diz que o M&A é uma grande oportunidade para a empresa e marca o início de uma fase ainda mais promissora. "Conversávamos com a Framework há um ano sobre essa união estratégica e finalmente chegou o momento. Ao somarmos esforços, passamos a alcançar patamares ainda mais elevados. Os colaboradores terão um ambiente com mais oportunidades de crescimento, enquanto nossos clientes terão acesso a um portfólio de soluções mais amplo. Juntos conseguimos sonhar mais alto e ir mais longe."

DE OLHO NO FUTURO

Ainda em 2025 a Framework Digital pretende lançar novas soluções, além de abrir conversas com outras empresas para possíveis aquisições como parte do plano de crescimento, criando assim um ecossistema com atuação robusta para seus clientes. Os planos incluem a consolidação da empresa como uma das referências nacionais do segmento e o fortalecimento da operação internacional.

"Temos objetivos audaciosos de crescimento, e a sinergia entre as empresas será essencial para consolidar os planos para o nosso futuro. Com essa união, estamos ainda mais preparados para ser um parceiro cada vez mais estratégico e evoluir a operação de marcas nacionais e internacionais", afirma Leonardo Barros.

Com a aquisição, dentre os clientes da companhia, estão marcas conhecidas no Brasil e no exterior, como Santander, Localiza, Syngenta, GOL, VLI, Unimed-BH, Drogaria Araújo, Supermix, Smiles, Swift, Comgás, Esfera, entre outros. "A combinação de forças das nossas empresas garante ainda mais inovação e qualidade nas entregas, tornando a Framework a empresa ideal para resolver dos mais simples aos mais complexos desafios de negócio", conta André Dib, VP de Estratégia da Framework Digital.

A Framework Digital é uma empresa líder em transformação digital, dedicada a oferecer soluções inovadoras e personalizadas para grandes empresas. Fundada em 2009, a Framework Digital conta com mais de 500 colaboradores e impulsiona o sucesso de seus clientes promovendo o avanço da tecnologia em escala global.

CAOA Chery cresce 9,4% no primeiro trimestre de 2025

Marca registra crescimento acima da média da indústria (autos ANFAVEA);

- Com 3,2% de market share, empresa encerra o trimestre com mais de 12 mil unidades vendidas e se mantém na 11ª posição do ranking das montadoras;
- Linha Tiggo 7 é carro chefe em vendas da CAOA Chery.



A CAOA Chery fechou o primeiro trimestre do ano com resultados expressivos, apresentando um crescimento de 9,4% no volume de vendas em relação ao mesmo período de 2024. Este número ganha ainda mais importância quando verificado que a indústria automotiva nacional apresentou aumento de 6,1% no acumulado das vendas de autos no mesmo período. A CAOA Chery reforçou sua competitividade ao acumular 12.719 unidades, frente às 11.627 registradas nos três primeiros meses do ano anterior, registrando uma participação de mercado de 3,2% (autos ANFAVEA).

FAMÍLIA TIGGO IMPULSIONA O CRESCIMENTO

O desempenho da CAOA Chery foi impulsionado pelo sucesso da linha Tiggo, com destaque para a família Tiggo 7, que registrou 6.448 unidades vendidas e crescimento expressivo de 225% em relação ao primeiro trimestre de 2024; família Tiggo 8, com 3.260 unidades comercializadas e aumento de 155% no comparativo anual; família Tiggo 5X, com 2.580 unidades emplacadas, além do sedan Arrizo 6, equipado com pacote Max Drive, que iniciou as vendas em meados de fevereiro e vem conquistando espaço no mercado brasileiro, registran-

do 411 unidades vendidas.

O ótimo desempenho nas vendas é resultado de um criterioso plano de negócios que inclui novos investimentos, produtos, contratações de pessoas, expansão e modernização da linha de produção na fábrica da CAOA Montadora, em Anápolis (GO), e ações voltadas à sustentabilidade. A CAOA segue atendendo a alta demanda do mercado brasileiro pelos produtos da marca, garantindo a pronta entrega de toda a linha de veículos disponível no Brasil, além de reforçar seu amplo estoque de peças e investir no treinamento contínuo de toda equipe de Pós-Venda.

Mercado livre de energia ou energia solar: qual a melhor opção?



A busca por soluções mais econômicas e práticas mais sustentáveis para o consumo de energia elétrica tem levado muitas empresas a considerarem duas dentre as várias alternativas viáveis: o mercado livre de energia, responsável por facilitar as negociações entre a distribuidora e o contratante de acordo com o consumo; e a energia solar, fonte sustentável de geração de energia elétrica através da luz emitida pelo sol.

Ambas oferecem benefícios significativos, mas a escolha ideal depende de fatores como perfil de consumo, capacidade de investimento e metas estratégicas de longo prazo.

"O mercado livre de energia tem se consolidado como uma excelente alternativa para empresas que buscam previsibilidade, flexibilidade e economia real na conta de luz. Dife-

rente do mercado cativo, onde as tarifas são impostas pelas distribuidoras, essa modalidade permite que o consumidor negocie diretamente com fornecedores, garantindo condições mais vantajosas", explica Alan Henn, CEO da Volterra.

No modelo do mercado livre, empresas podem escolher seus fornecedores de energia, negociar preços e contratar energia de fontes renováveis, como solar e eólica. Entre os principais benefícios estão:

Redução de custos: tarifas mais competitivas graças à negociação direta com fornecedores;

Previsibilidade: contratos de longo prazo proporcionam maior controle sobre os gastos;

Sustentabilidade: possibilidade

de optar por fontes de energia limpa, reduzindo a pegada de carbono.

Desde janeiro de 2024, todas as empresas classificadas no Grupo A (média e alta tensão) podem migrar para o mercado livre, independentemente do seu consumo. "Isso significa que pequenas e médias empresas podem se beneficiar dessa modalidade, tornando seus custos energéticos mais eficientes e previsíveis", complementa Henn.

ENERGIA SOLAR: INDEPENDÊNCIA ENERGÉTICA E SUSTENTABILIDADE

A energia solar fotovoltaica é uma alternativa amplamente adotada por consumidores residenciais e empresariais que desejam gerar a própria energia. O sistema utiliza painéis solares para converter a luz do sol em eletricidade, reduzindo a dependên-



cia das concessionárias de energia durante o período do dia em que há incidência solar. Entre os principais benefícios estão:

Economia a longo prazo: após o investimento inicial, os custos operacionais são baixos;

Sustentabilidade: fonte 100% limpa e renovável, reduzindo emissões de carbono;

Autonomia: menor vulnerabilidade a aumentos tarifários e oscilações de preço.

A energia solar pode ser uma boa opção para empresas de menor porte e consumidores do Grupo B (baixa tensão), que ainda não têm acesso ao mercado livre de energia. No entanto, há fatores a considerar, como espaço disponível para a instalação dos painéis e o tempo necessário para o retorno do investimento.

COMPARATIVO: QUAL ESCOLHER?

Embora ambas as alternativas tragam economia e sustentabilidade, a escolha ideal varia conforme o perfil do consumidor:

“O mercado livre de energia oferece vantagens estratégicas para empresas que buscam redução de custos sem a necessidade de um grande investimento inicial. Já a energia solar pode ser uma boa alternativa para quem quer gerar sua própria energia e não depende de tarifas reguladas”, conclui Henn.

| | Mercado livre de energia | Energia solar |
|----------------------------|--------------------------|---------------|
| Investimento | ✓ Não | ✗ Sim |
| Desenvolvimento de projeto | ✓ Não | ✗ Sim |
| Depreciação | ✓ Não | ✗ Sim |
| Retorno de investimento | Indeterminado | 30 anos |
| Fonte de energia | | |

Algumas empresas inclusive têm adotado uma solução híbrida, instalando placas solares em seus estabelecimentos e comprando a demanda remanescente através do mercado livre.

Para avaliar qual a melhor opção para sua empresa, é essencial analisar o consumo de energia, os objetivos de longo prazo e a capacidade de investimento. Com planejamento, é possível garantir maior eficiência energética e sustentabilidade para o seu negócio.

Capacitação profissional e execução de planejamento com excelência devem ser prioridades das lideranças para que as metas sejam alcançadas

A indústria de base faz uso intensivo de capital, seja ele ligado à aquisição e melhoria de maquinário para produção ou em treinamentos e capacitação de mão de obra especializada. Para isso, as lideranças no setor precisam de uma boa visibilidade dos objetivos e metas das empresas em que atuam para garantir o uso eficiente de recursos e gerar retorno dos investimentos, especialmente em um cenário desafiador frente às imposições tarifárias de 25% dos Estados Unidos sobre importações de aço, ou após registrar estabilidade pelo quinto mês seguido, segundo dados divulgados nesta quarta-feira (2) pelo IBGE, por exemplo.

Para mitigar riscos, é essencial desenvolver uma gestão eficiente de recursos. De acordo com o vice-presidente da unidade de negócios da Falconi especializada em Indústria de Base e Bens de Capital, André Chaves, a estratégia para o setor deve ser orientada a longo prazo.

"Esse é um mercado que realiza aplicações em maquinário avançado, além de contratar profissionais cada vez mais especializados e preparados para lidar com as tecnologias emergentes. As lideranças precisam ser 'estrategistas para o longo prazo', onde a longevidade e o legado das companhias prevalecerão, com base nas escolhas do presente. Ter grandes orçamentos possibilita mais ações, mas é preciso tomar cuidado para evitar aportes ineficientes e distantes dos objetivos", explica.

Estados como Minas Gerais (MG), por exemplo, terceiro maior PIB do Brasil, que somente com o setor industrial soma R\$240,7 bilhões, possui uma representatividade de 10,5% da indústria nacional, segundo dados do Portal da Indústria. MG emprega cerca de 1,3 milhões de trabalhadores nesse mercado. Além disso, vale



ressaltar que a indústria é responsável por 30% do produto interno bruto do estado, também segundo o Portal. Com tanto capital, é preciso saber investir de forma inteligente.

Na expectativa de aproveitar as oportunidades oferecidas pelo mercado, André destaca três recomendações que as lideranças da indústria precisam ter enraizadas para o bom andamento dos negócios. Confira:

1) Escolha e execute muito bem seus investimentos: Na indústria de base, qualquer modernização de maquinário e de linha de produção requer muitos investimentos. Para isso, é fundamental que as lideranças se atentem para que essas ações sejam feitas nos processos que mais podem impactar os resultados, além de garantir que os prazos sejam respeitados, que as melhorias técnicas esperadas sejam obtidas e os gastos não excedam o previsto.

2) Capacitação contínua de pessoas: Pessoas têm necessidades de treinamentos distintas, mesmo estando em funções

semelhantes, levando em conta o histórico profissional de cada um. Pensando nisso, são indicados dois caminhos: personalização das trilhas de conhecimento e garantia do "aprendizado para a vida toda", onde vão estudar exatamente o que precisam aprender para executar com competência o seu trabalho, de forma gradativa ao longo dos anos, aplicando imediatamente os novos conhecimentos em problemas reais que precisam ser resolvidos.

3) Foco no meio ambiente: Dado o potencial para emissão de poluentes nestes setores, as lideranças precisam garantir que o impacto causado pela operação de suas organizações no meio ambiente seja o menor possível. Para isso, é preciso revisitar planos táticos e reescrevê-los para que englobem escolhas de equipamentos, maquinários e matérias-primas com baixas emissões de carbono, uso de combustíveis mais limpos, reciclagem de componentes, contratação de fornecedores que também estejam alinhados a estratégia, entre outras ações. Apenas uma ação clara, coordenada e consistente por um período longo de tempo será capaz de gerar a redução necessária na emissão de CO₂.

Seguro de vida cresce no Brasil, mas adesão ainda é baixa

Enquanto nos EUA é peça-chave do planejamento financeiro; no Brasil, ainda há resistência à ferramenta

O seguro de vida nos Estados Unidos é considerado um dos pilares do planejamento financeiro, sendo utilizado para garantir segurança e estabilidade às famílias. Diferentemente do Brasil, onde muitas pessoas ainda veem essa modalidade apenas como uma proteção em caso de falecimento, nos EUA, ele desempenha um papel estratégico na acumulação de patrimônio, na sucessão familiar e na segurança financeira a longo prazo.

Dados indicam que cerca de 70% da população norte-americana possui algum tipo de seguro de vida. Já no Brasil, esse número é significativamente menor: aproximadamente 17% da população adulta conta com algum tipo de cobertura secundária de vida. Apesar do crescimento de mercado registrado ao longo dos dez primeiros meses de 2024, segundo a Federação Nacional de Previdência Privada e Vida (Fenaprevi) – 17,6% a mais em relação ao mesmo período de 2023 – ainda há muito para evoluir. Esse contraste reflete não apenas uma diferença cultural, mas também um desconhecimento maior sobre as possibilidades que esse tipo de produto pode oferecer, além da indenização por morte.

Segundo Hélio Loreno, CEO da masterClassic Seguros, a falta de conscientização sobre os benefícios do seguro de vida no Brasil impede que mais pessoas façam um planejamento financeiro mais robusto e eficiente. "Nos Estados Unidos, o seguro de vida é considerado parte do planejamento financeiro pessoal e empresarial, é visto como uma forma de investimento, acúmulo de patri-



mônio e sucessão. No Brasil, ainda há um grande caminho a percorrer para fortalecer essa mentalidade", destaca.

No mercado norte-americano, existem diversas modalidades de seguro de vida que permitem ao segurado acumular capital ao longo dos anos, podendo utilizá-lo em momentos estratégicos da vida. No Brasil, o mercado tem evoluído, trazendo opções mais flexíveis e personalizadas para os clientes, mas ainda é necessária maior conscientização para que os brasileiros enxerguem o seguro como uma ferramenta de planejamento financeiro, e não apenas como uma proteção para situações inesperadas.

"A cultura da prevenção e do planejamento precisa ser mais difundida

no Brasil. O seguro de vida pode ser um aliado importante para garantir tranquilidade financeira tanto para o presente quanto para o futuro. É preciso desmistificar a ideia de que seguro de vida é um gasto desnecessário e mostrar seu real valor como investimento na segurança e estabilidade do lar", conclui Hélio.

Com o avanço da educação financeira no país e a ampliação das opções oferecidas pelo mercado segurador, a tendência é que um número crescente de brasileiros enxerguem o seguro de vida como um componente essencial de sua estratégia de proteção e fonte de renda. E a masterClassic busca apoiar de forma ferrenha todas as iniciativas de mercado que visam ampliar essa cultura no país.

Liderança com visão global: CEO da Rede Mater Dei conclui programa de alta performance, Owner President Management (OPM), em Harvard

O CEO da Rede Mater Dei de Saúde, José Henrique Salvador, concluiu na última semana o programa Owner President Management (OPM) da Harvard Business School, uma das mais reconhecidas formações executivas do mundo. Voltado diretamente para líderes empresariais, o OPM é realizado ao longo de três anos, com módulos intensivos em Boston.

O programa é reconhecido internacionalmente por aprimorar as habilidades de liderança empreendedora de proprietários e fundadores de empresas com histórico de crescimento significativo. Além disso, tem como objetivo aperfeiçoar os conhecimentos em áreas cruciais como análise de oportunidades, estratégias de crescimento e planejamento de transições futuras, utilizando a renomada metodologia de estudos de caso e a expertise do corpo docente da Harvard Business School.

Essa conquista representa um marco importante no desenvolvimento profissional de José Henrique Salvador e reforça o compromisso da Rede Mater Dei de Saúde com uma gestão moderna, estratégica e global — sempre voltada para a inovação, a excelência na experiência do cliente e a sustentabilidade no setor de saúde. "Foram três anos de muitos aprendizados e trocas, uma oportunidade única de conviver com os mais reconhecidos professores e com colegas que são referência, não só nos negócios que lideraram, indústrias em mais de 40 países, mas como líderes que geram um impacto positivo no mundo. Agora, sigo com



José Henrique Salvador, CEO da Rede Mater Dei, na Harvard Business School

o compromisso de aplicar cada conhecimento adquirido nessa jornada para a melhoria contínua da Rede

Mater Dei, das nossas pessoas e da nossa comunidade", afirma José Henrique Salvador.

CEMIG bateu recorde de investimentos em 2024. Mais de R\$ 5,7 bilhões foram destinados para Minas Gerais

Valor foi 18,3% superior ao investimento de 2023



Para promover o desenvolvimento econômico de Minas Gerais e gerar emprego e renda para a população, a CEMIG investiu cerca de R\$ 5,7 bilhões em todas as suas áreas de atuação no estado, o equivalente a uma expansão de 18,3% em relação ao mesmo período do ano anterior, quando foram aportados R\$ 4,8 bilhões. Para 2025, a previsão é de um novo investimento de cerca de R\$ 6,2 bilhões, continuando a tendência ao crescimento dos aportes.

A companhia está realizando o maior investimento de sua história, focando todos os seus esforços em Minas Gerais e ampliando o número de subestações no estado em 50%. São 200 novas instalações que estão permitindo maior qualidade no fornecimento de energia, a conexão de novos clientes e a chegada de novas empresas. A CEMIG também está executando um plano robusto de manutenção preventiva, com o objetivo de aumentar a resiliência em sua rede, e ampliando os recursos para o agronegócio por meio do programa Cemig Agro.

Os números foram divulgados em comunicado ao mercado no mês de março, em função dos resultados financeiros da companhia em 2024.

Somente nos três últimos meses do ano passado, a CEMIG destinou quase R\$ 1,7 bilhão para melhorias do sistema elétrico em Minas Gerais. O acumulado do ano até setembro foi superior a R\$ 4 bilhões em todo o estado. Do planejamento de R\$ 49,2 bilhões para o ciclo 2019 a 2028, a companhia já executou R\$ 19,1 bilhões em toda a sua área de concessão, que abrange 774 municípios mineiros.

O segmento de Distribuição, responsável pelo atendimento de quase 9,5 milhões de clientes da companhia, recebeu investimentos de R\$ 4,4 bilhões em 2024. No período, 77,2% dos recursos aportados pela empresa no estado foram destinados à modernização, reforço, manutenção preventiva e ampliação do sistema elétrico de distribuição.

Também no ano passado, a CEMIG entregou 31 subestações, entre novas unidades e instalações exis-

tentes modernizadas, conectou 190 mil novos clientes em sua rede de distribuição, construiu 4 mil km de rede de média tensão e outros mil km de rede de alta tensão.

A companhia está inaugurando seis novas superintendências em todas as regiões do estado, com o objetivo de se aproximar ainda mais de seus clientes e atender de forma mais ágil as demandas regionais.

GERAÇÃO E TRANSMISSÃO

Em Geração e Transmissão de energia, a CEMIG investiu, em 2024, R\$ 558 milhões em Minas Gerais. O setor de transmissão destinou R\$ 310 milhões ao reforço e melhorias em suas linhas de alta tensão no estado. Já no segmento de geração, foram aportados R\$ 248 milhões na modernização de seus ativos e também na finalização da construção das usinas solares Jusante e Advogado Eduardo Soares, que juntas incrementarão 188 MWp (megawatt-pico) ao seu parque gerador.

OUTROS SEGMENTOS DA INVESTIMENTOS EM MINAS GERAIS

Investimento importante realizado pela CEMIG ocorreu na área de geração distribuída. A companhia é a distribuidora que possui mais conexões de usinas em sua rede e, para ampliar as conexões, destinou R\$ 394 milhões à conexão de mais de 13 MWp (megawatt-pico) no ano passado.

Em relação à GASMEG, foram destinados R\$ 358 milhões para a ampliação do sistema de gás encanado em Minas Gerais, com destaque para a construção de 211 mil km de gasoduto.

Economia mundial cresceu 3,29% em 2024 e Estados Unidos continua detendo o maior PIB com 26,40% do total, seguido pela China, com 16,96%. Brasil é a 10ª maior economia

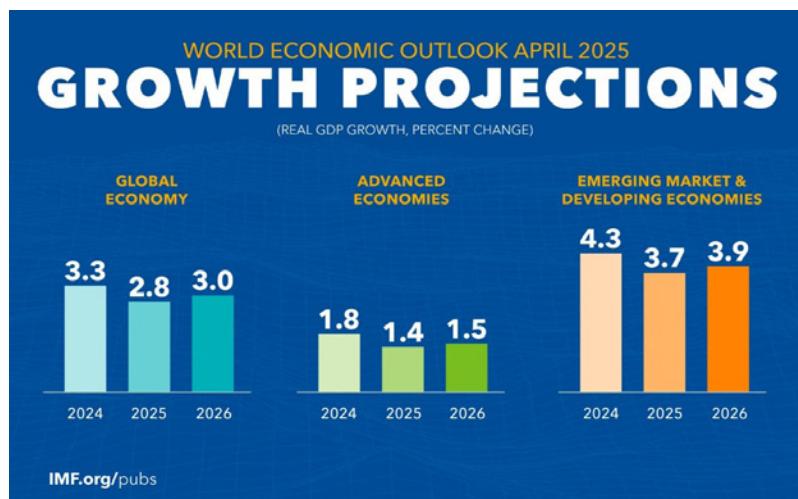
Apesar de o crescimento ter sido de 3,40% no ano, contra 3,29% da média global, a taxa nacional é bem modesta quando comparada às dos países emergentes que somou 4,28% - categoria da qual o Brasil faz parte

A renda per capita dos brasileiros em 2024 foi de US\$ 10.214 - inferior aos níveis de 2010

O FMI – Fundo Monetário International divulgou, no dia 22 de abril, o estudo intitulado World Economic Outlook, trazendo as atualizações do desempenho do ano anterior e as projeções sobre a economia global até o ano de 2030.

Indica o FMI no referido estudo que o PIB-Produto Interno Bruto global alcançou o valor de US\$ 110,55 trilhões ao final de 2024. Desse total, US\$ 64,1 trilhões (58,54%) foram de responsabilidade dos países desenvolvidos e US\$ 45,83 trilhões (41,46%) provenientes dos países considerados emergentes e em desenvolvimento, categoria esta da qual o Brasil faz parte.

Em 2024, os Estados Unidos se posicionaram como a maior economia mundial, totalizando um PIB de US\$ 29,18 trilhões e representando 26,40% do total mundial - sendo seguido pela China em 2º lugar, com US\$ 18,75 trilhões e 16,96%; Alemanha em 3º lugar, com US\$ 4,66 trilhões e 4,21%; o Japão em 4º lugar, com US\$ 4,03 trilhões e 3,64%; e a Índia em 5º lugar, com US\$ 3,91 trilhões e 3,54%. Cabe salientar que as projeções indicam que a Índia deverá superar em 2025 o Japão e se transformar na 4ª maior economia global. O PIB



PIB MUNDIAL - 2024

| | Valor - US\$ Milhões | % no total |
|---------------------------|----------------------|------------|
| Total Mundial | 110.549.443 | 100,00 |
| Países Desenvolvidos | 64.714.559 | 58,54 |
| - Estados Unidos | 29.184.900 | 26,40 |
| - Zona do Euro | 19.412.831 | 17,56 |
| Países Emergentes | 45.834.884 | 41,46 |
| - China | 18.748.009 | 16,96 |
| - América Latina e Caribe | 6.760.531 | 6,12 |
| - Brasil | 2.171.337 | 1,96 |

Fonte: FMI/World Economic Outlook Database/Apr 2025. Elaboração: MercadoComum/Há 32 Anos Formando Opiniões!

brasileiro totalizou US\$ 2,17 trilhões, representava 1,96% do mundial e ocupava a 10ª posição no ranking das maiores economias

O crescimento da economia brasileira de 3,40%, em 2024, praticamente acompanhou o ritmo de expansão da economia global, calculado pelo FMI

- Fundo Monetário Internacional em 3,29%. No entanto, o PIB brasileiro quando medido em dólares norte-americanos, esse resultado alcançado foi menor do que o registrado no ano anterior, devido à desvalorização do real no período. Isso provocou a queda de uma posição do Brasil no Ranking Mundial das Maiores Economias.

Nestes 24 anos do 1º quarto do século XXI (2001 a 2024), em apenas 8 vezes a economia brasileira conseguiu crescer acima da média mundial. Já nos últimos quatorze anos apenas agora, no ano de 2024, é que se registra pela primeira vez que o PIB brasileiro contabiliza uma expansão, apesar de bem modesta, superior à média global verificada nesse período.

De acordo com o FMI, a economia brasileira deverá desacelerar o seu ritmo de crescimento para 2% neste ano e em 2026, como consequência dos possíveis impactos da guerra comercial global desencadeada pelos Estados Unidos. As previsões da instituição estão praticamente em linha com o Relatório Focus, de 17 de abril, divulgado pelo Banco Central do Brasil, a seguir:

Cabe ressaltar que, em dólares norte-americanos correntes, o PIB

brasileiro de 2024 de US\$ 2.171,34 bilhões é ainda inferior em quase 20% ao valor apurado em 2011, quando totalizou US\$ 2.614,48 bilhões. Relativamente à renda per ca-

pita, que atingiu US\$ 10.214 no ano passado, a mesma também é inferior à apurada em 2010, que somou US\$ 11.341 àquela época - sendo quase ¼ inferior à apurada no ano seguinte.



TAXA DE VARIAÇÃO ANUAL DO PIB MUNDIAL X BRASIL - 2001/2024 - Em %

| Ano | Mundo | Brasil | Ano | Mundo | Brasil |
|------|-------|--------|------|-------|--------|
| 2001 | 2,49 | 1,39 | 2013 | 3,37 | 3,01 |
| 2002 | 2,81 | 3,05 | 2014 | 3,54 | 0,50 |
| 2003 | 3,80 | 1,14 | 2015 | 3,44 | -3,55 |
| 2004 | 5,26 | 5,76 | 2016 | 3,26 | -3,28 |
| 2005 | 4,71 | 3,20 | 2017 | 3,84 | 1,32 |
| 2006 | 5,28 | 3,96 | 2018 | 3,65 | 1,78 |
| 2007 | 5,34 | 6,07 | 2019 | 2,95 | 1,22 |
| 2008 | 2,92 | 5,09 | 2020 | -2,67 | -3,28 |
| 2009 | -0,36 | -0,13 | 2021 | 6,61 | 4,76 |
| 2010 | 5,22 | 7,53 | 2022 | 3,65 | 3,02 |
| 2011 | 4,05 | 3,97 | 2023 | 3,49 | 3,24 |
| 2012 | 3,35 | 1,92 | 2024 | 3,29 | 3,40 |

Fonte: FMI/World Economic Outlook Database/Apr 2025
Elaboração: MercadoComum/Há 32 Anos Formando Opiniões!

Focus | MEDIANAS DAS EXPECTATIVAS DE MERCADO

17 de abril de 2025

| | 2025 | | 2026 | | 2027 | | 2028 | | | |
|-------------------|--------------|-------------|-------|----------------|--------------|-------------|-------|----------------|-------|----------------|
| | Há 4 semanas | Há 1 semana | Hoje | Comp. semanal* | Há 4 semanas | Há 1 semana | Hoje | Comp. semanal* | Hoje | Comp. semanal* |
| IPCA (%) | 5,65 | 5,65 | 5,57 | ▼ (1) | 4,50 | 4,50 | 4,50 | = (4) | 4,00 | = (9) |
| PIB (var. %) | 1,98 | 1,98 | 2,00 | ▲ (2) | 1,60 | 1,61 | 1,70 | ▲ (2) | 2,00 | = (3) |
| CÂMBIO (R\$/US\$) | 5,95 | 5,90 | 5,90 | = (2) | 6,00 | 5,97 | 5,96 | ▼ (3) | 5,89 | = (1) |
| SELIC (% a.a.) | 15,00 | 15,00 | 15,00 | = (15) | 12,50 | 12,50 | 12,50 | = (12) | 10,50 | = (10) |

* comportamento dos indicadores desde o último Focus; os valores entre parênteses expressam o número de semanas em que vem ocorrendo o último comportamento.

▲ Aumento ▼ Diminuição = Estabilidade

em relação ao Focus anterior



PROJEÇÃO DE CRESCIMENTO DO PIB - PRODUTO INTERNO BRUTO - 2025/2030 - Em %

| Ano | Mundo | Brasil |
|------|-------|--------|
| 2025 | 2,79 | 2,01 |
| 2026 | 2,96 | 1,98 |
| 2027 | 3,22 | 2,19 |
| 2028 | 3,22 | 2,31 |
| 2029 | 3,18 | 2,43 |
| 2030 | 3,12 | 2,49 |

Fonte: FMI – World Economic Outlook - Apr 2025.
Elaboração: MinasPart Desenvolvimento/MercadoComum

BRASIL - PIB-PRODUTO INTERNO BRUTO E RENDA PER CAPITA

Valores Correntes - 2001/2024

| Ano | PIB US\$ bilhões | Renda Per Capita US\$ 1,00 |
|------|---------------------|-------------------------------|
| 2001 | 559.982 | 3.164 |
| 2002 | 509.798 | 2.844 |
| 2003 | 558.232 | 3.078 |
| 2004 | 669.290 | 3.648 |
| 2005 | 891.633 | 4.806 |
| 2006 | 1.107.628 | 5.906 |
| 2007 | 1.397.114 | 7.374 |
| 2008 | 1.695.855 | 8.863 |
| 2009 | 1.669.204 | 8.641 |
| 2010 | 2.208.704 | 11.341 |
| 2011 | 2.614.027 | 13.326 |
| 2012 | 2.464.053 | 12.465 |

| Ano | PIB US\$ bilhões | Renda Per Capita US\$ 1,00 |
|------|---------------------|-------------------------------|
| 2013 | 2.471.718 | 12.407 |
| 2014 | 2.456.055 | 12.231 |
| 2015 | 1.800.046 | 8.893 |
| 2016 | 1.796.622 | 8.813 |
| 2017 | 2.063.519 | 10.556 |
| 2018 | 1.916.934 | 9.282 |
| 2019 | 1.873.286 | 9.011 |
| 2020 | 1.476.092 | 7.057 |
| 2021 | 1.670.650 | 7.952 |
| 2022 | 1.951.849 | 9.255 |
| 2023 | 2.190.137 | 10.350 |
| 2024 | 2.171.337 | 10.214 |

PIB: Fonte: FMI/World Economic Outlook Apr/2025 - IBGE

Elaboração: MercadoComum/Há 32 Anos Formando Opiniões!/ MinasPart Desenvolvimento



RANKING MUNDIAL DAS 20 MAiores ECONOMIAS - 2023 - Em US\$ milhões correntes

| Ordem | País | PIB | % do Total Mundial |
|----------------------|----------------|--------------------|--------------------|
| 01 | Estados Unidos | 27.720.725 | 26,23 |
| 02 | China | 18.270.351 | 17,17 |
| 03 | Alemanha | 4.527.009 | 4,25 |
| 04 | Japão | 4.213.167 | 3,96 |
| 05 | Índia | 3.638.490 | 3,42 |
| 06 | Reino Unido | 3.371.118 | 3,20 |
| 07 | França | 3.056.880 | 2,87 |
| 08 | Itália | 2.305.271 | 2,17 |
| 09 | Brasil | 2.191.137 | 2,06 |
| 10 | Canadá | 2.173.340 | 2,04 |
| 11 | Rússia | 2.059.762 | 1,94 |
| 12 | Coreia do Sul | 1.839.058 | 1,73 |
| 13 | México | 1.793.799 | 1,69 |
| 14 | Austrália | 1.742.461 | 1,64 |
| 15 | Espanha | 1.620.558 | 1,52 |
| 16 | Indonésia | 1.371.164 | 1,29 |
| 17 | Holanda | 1.154.694 | 1,09 |
| 18 | Turquia | 1.130.062 | 1,00 |
| 19 | Arábia Saudita | 1.067.583 | 1,01 |
| 20 | Suíça | 894.867 | 0,84 |
| Total Mundial | | 106.431.750 | 100,00 |

Fonte: FMI/World Economic Outlook Database - Oct 2024
Elaboração: MercadoComum - Há 31 Anos Formando Opiniões!

RANKING MUNDIAL DAS 20 MAiores ECONOMIAS - 2024 - Em US\$ milhões correntes

| Ordem | País | PIB | % do Total Mundial |
|----------------------|----------------|--------------------|--------------------|
| 01 | Estados Unidos | 29.184.900 | 26,40 |
| 02 | China | 18.748.009 | 16,96 |
| 03 | Alemanha | 4.658.526 | 4,21 |
| 04 | Japão | 4.026.211 | 3,64 |
| 05 | Índia | 3.909.097 | 3,54 |
| 06 | Reino Unido | 3.644.636 | 3,30 |
| 07 | França | 3.162.023 | 2,86 |
| 08 | Itália | 2.372.059 | 2,15 |
| 09 | Canadá | 2.241.253 | 2,03 |
| 10 | Brasil | 2.171.337 | 1,96 |
| 11 | Rússia | 2.161.295 | 1,96 |
| 12 | Coreia do Sul | 1.869.714 | 1,69 |
| 13 | México | 1.852.723 | 1,68 |
| 14 | Austrália | 1.796.805 | 1,63 |
| 15 | Espanha | 1.722.227 | 1,56 |
| 16 | Indonésia | 1.396.300 | 1,26 |
| 17 | Turquia | 1.322.405 | 1,20 |
| 18 | Holanda | 1.227.174 | 1,11 |
| 19 | Arábia Saudita | 1.085.258 | 0,98 |
| 20 | Suíça | 936.738 | 0,85 |
| Total Mundial | | 110.549.443 | 100,00 |

*Fonte: World Economic Outlook - FMI-Fundo Monetário Internacional
Apr 2025 - Elaboração: MinasPart Desenvolvimento/MercadoComum

A máquina do crescimento econômico brasileiro parece quebrada ou enferrujada

O quadro apresentado, a seguir, revela o quanto a economia brasileira perdeu relevância quando comparada ao desempenho da economia global. Em valores correntes, durante o período de 2011 a 2024, enquanto o PIB-Produto Interno Bruto mundial registrou uma expansão acumulada de 49,0% e os países considerados emergentes e em desenvolvimento contabilizaram crescimento de 68,0%, o Brasil apurou uma retração de 16,9% - bem típico de rabo de cavalo, que só cresce para trás e para baixo. A participação relativa da economia brasileira, que era de 3,52% no total mundial em 2011, caiu para 1,96% no ano passado. O efeito gerado na renda per capita dos brasileiros foi significativo

O grande e mais relevante desafio brasileiro é o de se transformar em Nação Desenvolvida. Para que isso ocorra é necessário, antes de tudo estabelecer, como meta primeira e prioritária, a reconciliação do País com o crescimento econômico vigoroso, contínuo, consistente e sustentável.

Há de se considerar que o nosso desenvolvimento é um imperativo de segurança nacional, como pregava o presidente Juscelino Kubitschek:

"Estamos avançados no sentido de nosso desenvolvimento material, mas somos forçados a reconhecer-nos ainda muito atrasados, principalmente em relação aos países de alto grau de industrialização. Uma análise comparativa de nossa marcha com a das nações desenvolvidas resultará em algo de inquietude.

Devemos ter a ambição de não nos contentar com o que já fizemos, e o orgulho de não nos resignarmos a continuar em posição secundária. Na verdade, não se trata sequer de ambição ou orgulho.



MUNDO X BRASIL - VARIAÇÃO DO PIB - PRODUTO INTERNO BRUTO - 2011 a 2024 - Em US\$ bilhões correntes

| Ano | Mundo | Emergentes | Brasil | Participação % Brasil/Mundo |
|------------|-------------|-------------|--------------|-----------------------------|
| 2011 | 74.181,7 | 27.291,5 | 2.614,1 | 3,52 |
| 2012 | 75.628,4 | 28.923,0 | 2.464,1 | 3,26 |
| 2013 | 77.866,0 | 30.694,7 | 2.471,7 | 3,17 |
| 2014 | 79.983,5 | 31.699,2 | 2.456,1 | 3,07 |
| 2015 | 75.519,2 | 29.814,7 | 1.800,1 | 2,38 |
| 2016 | 76.817,0 | 29.869,2 | 1.796,6 | 2,34 |
| 2017 | 81.715,6 | 32.705,8 | 2.063,5 | 2,52 |
| 2018 | 86.771,7 | 34.911,1 | 1.916,9 | 2,21 |
| 2019 | 88.027,5 | 35.627,8 | 1.873,0 | 2,13 |
| 2020 | 85.764,2 | 34.230,7 | 1.476,1 | 1,72 |
| 2021 | 99.844,0 | 40.285,5 | 1.670,7 | 1,67 |
| 2022 | 101.948,2 | 43.091,5 | 1.951,9 | 1,92 |
| 2023 | 106.431,8 | 44.252,1 | 2.191,1 | 2,06 |
| 2024 | 110.549,4 | 45.834,9 | 2.171,3 | 1,96 |
| Variação % | 49,0 | 68,0 | -16,9 | -1,56 |

Fonte: World Economic Outlook/FMI – Apr 2025
Elaboração: MinasPart Desenvolvimento

Creio que já existe, na consciência coletiva brasileira, a noção de que o nosso desenvolvimento é um imperativo de segurança nacional.

Temos de acelerar o passo, in-

tegrando-nos num ritmo de crescimento mais rápido.

Cumpre-nos procurar, a todo o transe, o socorro da técnica moderna. Temos de ocupar, nos mapas

econômicos e políticos, uma posição correspondente à nossa importância territorial e demográfica.

A grande tese do nacionalismo brasileiro, a meta dos verdadeiros patriotas consiste em diminuir a margem imensa que nos separa dos povos que se elevaram à prosperidade. Esse ideal constitui, por outro lado, um objetivo de prudência neste mundo de dura competição”.

Sem crescimento econômico não há saída para o Brasil. É como o presidente Juscelino Kubitschek também já afirmava:

“Não se faz, não se opera a modificação de um país, sem que haja também uma mentalidade, a mentalidade para o desenvolvimento, a mentalidade de um grande país”.

“Nenhuma política econômica será bastante convincente para mim, ou conveniente para meu país, se não considerar a realidade positiva de que é necessário alimentar, vestir e amparar novos contingentes humanos que vêm ampliar nossa superfície demográfica”.

“Aos que, de boa-fé, nos aconselham medidas de contenção indiscriminadas, peço que recordem as condições em que se operou o desenvolvimento de grandes nações e julguem se lhes foi possível vencer os obstáculos com que se defrontavam sem criar riqueza”.

“Aos que pensam que o Brasil deve parar a fim de pôr a casa em ordem, respondo que nosso país deve arrumar a casa produzindo, trabalhando, exigindo de seus filhos um esforço mais racional e um maior rendimento de produção”.

“Constituiu sempre uma das preocupações centrais de meu governo coordenar as medidas tendentes ao mesmo tempo a salvar a nossa moeda, estabilizar a vida

econômica, encorajar o aumento da produção, jugular o surto inflacionário”.

“Impõe-se, portanto, a conclusão de que, num país como o nosso, não somente as peculiaridades geográficas e humanas, mas também os dados acerca da evolução econômica indicam o desenvolvimento acelerado como o único caminho de salvação. Nenhuma política será legítima, se não objetivar, com caráter prioritário, o desenvolvimento. É esta uma diretriz que já nenhum governo poderá abandonar”.

JK também alertava que “é preciso que nos capacitemos, de uma vez para sempre, de que o desenvolvimento do Brasil é uma condição ligada à nossa sobrevivência num mundo que se impõe, mais e mais, pela força de sua vertiginosa marcha técnica. Não temos de nos desenvolver apenas por ambição mesmo justa, mas desenvolver para sobreviver”.

Tivemos, antes; a oportunidade juntamente com vários outros economistas, de ressaltar a necessidade e a importância da retomada firme do crescimento econômico e constatamos que alguns equívocos têm permeado as políticas econômicas do País e, se persistirem, obstruirão inapelavelmente qualquer tentativa de relançamento da economia brasileira de volta ao caminho do desenvolvimento.

Um desses equívocos diz respeito à crença de que a estabilidade econômica é condição prévia à retomada do desenvolvimento do País. Primeiro a estabilidade, só depois o desenvolvimento. Sendo assim, as políticas de estabilização assumem um caráter de primazia absoluta, subordinando e sufocando todas as outras políticas. Apequena-se a política econômica, ameiquinhama os objetivos para a economia do País. E já lá se vão algumas décadas de busca inglória da mi-

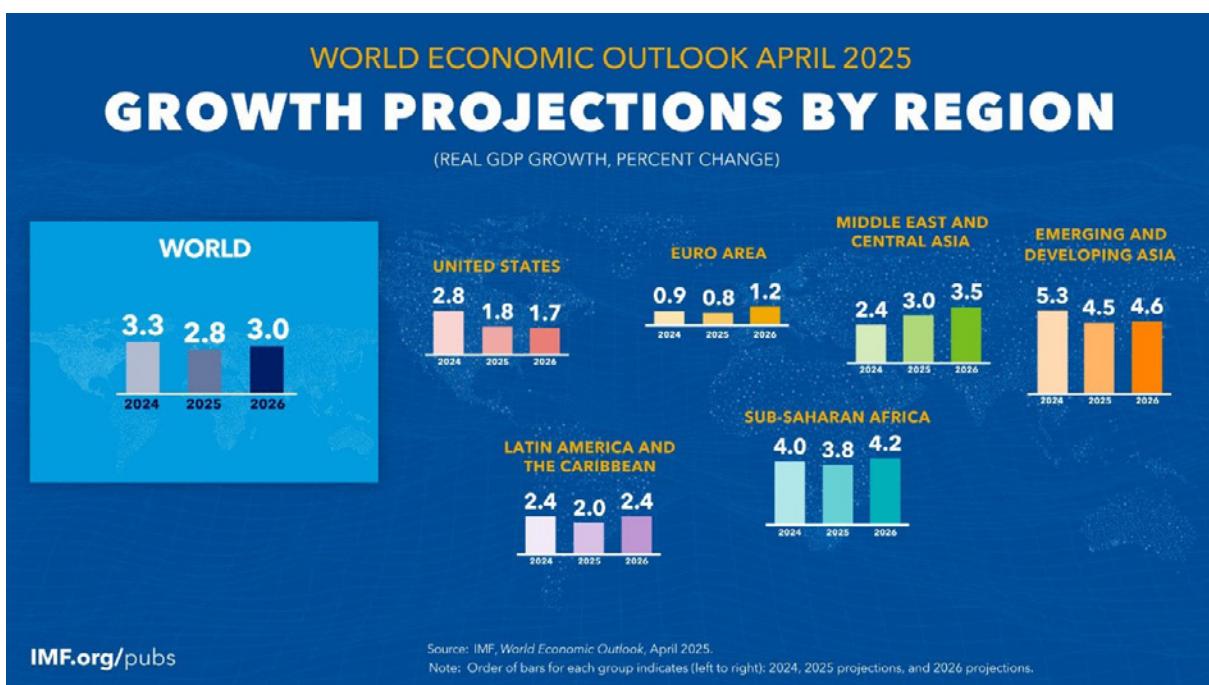
ragem da estabilidade.

Evidentemente, ninguém, em sã consciência, há de negar a necessidade de as economias nacionais ostentarem bons e saudáveis fundamentos macroeconômicos. O caminho da estabilidade deve ser concebido e implementado, no bojo de uma política de desenvolvimento para o País. A estabilidade não precede o desenvolvimento; ao contrário, é a estratégia de desenvolvimento do País que deve, simultaneamente, orientar e contextualizar as opções da política macroeconômica. Até porque, ao contrário do que se costuma propagar, os caminhos possíveis para se alcançar a estabilidade econômica são vários.

Outro desses equívocos é imaginar que apenas o ajuste fiscal e algumas reformas – como a previdenciária a tributária - devem também ser considerados como condições prévias à retomada do desenvolvimento. Da mesma forma colocada em relação à estabilidade econômica, deve-se privilegiar – concomitantemente - a expansão econômica que produzirá ganhos generalizados e, em especial, aumentos da arrecadação tributária. Cabe destacar que, quando um denominador é baixo, todos os numeradores tendem a ser considerados altos – o que se aplica efetivamente no tocante à questão das receitas e despesas públicas. Quando há declínio da atividade econômica, como ocorre nos anos mais recentes – a arrecadação nacional não cresce – os lucros se transformam em prejuízos para empresas e, com isso, não há como gerar Imposto de Renda e outras receitas.

Também, não basta apenas crescer. É necessário, ademais, que o crescimento da nossa economia supere a média mundial e possa se compatibilizar com o nível de expansão das economias dos países emergentes. E, ainda, que incorpore outros elementos, como as da qualidade, da produtividade e da competitividade.

FMI - ECONOMIA MUNDIAL 2025: espera-se que o crescimento global diminua e que os riscos de queda se intensifiquem à medida que ocorrem grandes mudanças políticas



Destacamos, a seguir, os aspectos que consideramos significativos da apresentação e do estudo World Economic Outlook, para uma melhor compreensão e análise de nossos leitores.

APRESENTAÇÃO

Após suportar uma série prolongada e sem precedentes de choques, a economia global parecia ter se estabilizado, com taxas de crescimento estáveis, porém abaixo do esperado. No entanto, o cenário mudou à medida que governos em todo o mundo reordenaram suas prioridades

políticas e as incertezas atingiram novos patamares. As previsões de crescimento global foram revisadas significativamente para baixo em comparação com o estudo Atualização do Panorama Econômico Mundial (World Economic Outlook) de janeiro de 2025, refletindo tarifas efetivas em níveis não vistos em um século e um ambiente altamente imprevisível. A inflação global deverá cair a um ritmo ligeiramente menor do que o esperado em janeiro.

Riscos de queda crescentes dominam as perspectivas, em meio à escalada das tensões comerciais e

aos ajustes do mercado financeiro. Posições políticas divergentes e em rápida mudança ou a deterioração do sentimento podem levar a condições financeiras globais ainda mais restritivas. O acirramento de uma guerra comercial e o aumento da incerteza na política comercial podem prejudicar ainda mais as perspectivas de crescimento a curto e longo prazo. A redução da cooperação internacional pode comprometer o progresso rumo a uma economia global mais resiliente.

Neste momento crítico, os países devem trabalhar de forma construtiva para promover um ambiente co-

mercial estável e previsível e facilitar a cooperação internacional, ao mesmo tempo em que abordam lacunas políticas e desequilíbrios estruturais internos. Isso ajudará a garantir a estabilidade econômica interna e externa. Para estimular o crescimento e aliviar as pressões fiscais, políticas que promovam o envelhecimento saudável e aumentem a participação de idosos e mulheres na força de trabalho podem ser implementadas. Além disso, o crescimento da produtividade pode ser fomentado por meio de uma melhor integração de migrantes e refugiados e da mitigação da incompatibilidade de qualificações.

PERSPECTIVAS E POLÍTICAS GLOBAIS

O crescimento global deverá declinar após um período de desempenho estável, mas decepcionante, em meio a mudanças de política e novas incertezas. A inflação global deverá cair ainda mais, apesar das revisões para cima em alguns países. Os riscos para as perspectivas são inclinados para o lado negativo. A escalada das tensões comerciais e a elevada incerteza induzida por políticas podem prejudicar ainda mais o crescimento.

Mudanças nas políticas podem levar a um aperto abrupto das condições financeiras globais e saídas de capital, impactando particularmente os mercados emergentes. Mudanças demográficas ameaçam a sustentabilidade fiscal, enquanto a recente crise do custo de vida pode reacender a agitação social. A assistência internacional ao desenvolvimento mais limitada pode empurrar os países de baixa renda para um endividamento ainda maior, colocando em risco os padrões de vida. Neste momento crítico, as políticas precisam ser calibradas para fomentar a cooperação internacional e, ao mesmo tempo, garantir a estabilidade econômica interna, ajudando assim a reduzir os desequilíbrios globais.



INTERNATIONAL MONETARY FUND

WORLD ECONOMIC OUTLOOK

A Critical Juncture amid Policy Shifts

2025 APR

The International Monetary Fund (IMF) logo, featuring a globe and the text "INTERNATIONAL MONETARY FUND".

FMI: Rumo a uma economia mundial mais equilibrada e mais resiliente*

Kristalina Georgieva

Diretora-Geral do Fundo Monetário Internacional
(Discurso proferido em 17 de abril de 2025)



Há seis meses, neste mesmo espaço, falei de crescimento baixo e dívida alta. Mas também falei de resiliência, de países que sobreviveram a grandes choques graças a fundamentos sólidos e políticas ágeis.

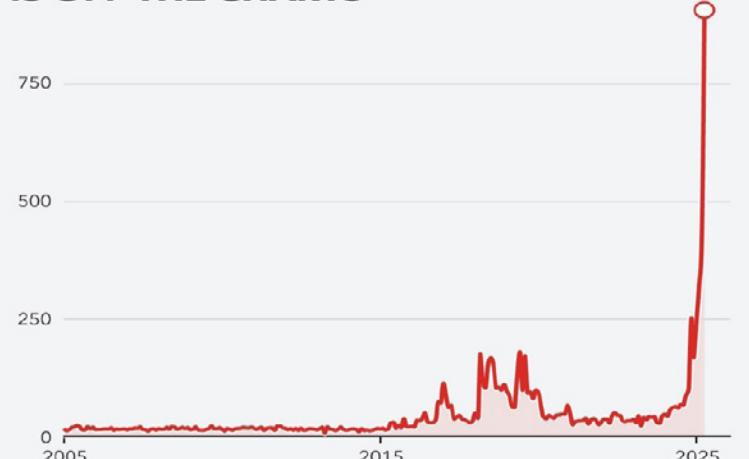
Essa resiliência está sendoposta à prova mais uma vez — pela reinicialização do sistema de comércio mundial.

A volatilidade do mercado financeiro está crescendo. E a incerteza em torno da política comercial literalmente não cabe em nenhum gráfico: basta dar uma verificada a seguir:

Com o recrudescimento das tensões comerciais, os preços das ações pelo mundo afora caíram, ainda que muitas avaliações continuem altas. Aqui, temos um instantâneo da ação do mercado (Gráfico 2).

GRÁFICO 1

TRADE POLICY UNCERTAINTY IS OFF THE CHARTS



Sources: Caldara et al. (2020); and IMF staff calculations.
Note: October 2024 = 100. Monthly data; April reflects average to April 14.

IMF

É um lembrete de que vivemos em um mundo de mudanças repentinas e radicais.

E é um chamado para reagirmos com sabedoria. Uma economia mundial mais equilibrada e mais resiliente está ao nosso alcance. Precisamos agir para garantir isso.

Assim, permitam-me apresentar a situação respondendo a três perguntas básicas. Qual é o contexto? Quais são as consequências? E, a mais importante, o que os países podem fazer?

Primeira parte:
qual é o contexto?

As tensões comerciais são como uma panela que estava borbulhando havia muito tempo e agora está fervendo a ponto de transbordar.

Em grande parte, o que estamos testemunhando é o resultado de uma erosão da confiança — da confiança no sistema internacional, da confiança entre os países.

A integração econômica global tirou um enorme número de pessoas da pobreza e melhorou a situação do mundo como um todo, mas nem todos se beneficiaram. Comunidades se esvaziaram quando os empregos foram para o exterior. Os salários foram reprimidos pela crescente disponibilidade de mão de obra de baixo custo. Os preços subiram quando as cadeias produtivas globais sofreram rupturas. Muitos culpam o sistema econômico internacional pela percepção de injustiça em suas vidas.

As distorções comerciais — as barreiras tarifárias e não tarifárias — alimentaram percepções negativas de um sistema multilateral que, segundo opiniões, não conseguiu oferecer condições iguais a todos.

Vemos essas distorções nos dois gráficos a seguir. O primeiro nos mostra que, durante cerca de duas

GRÁFICO 2

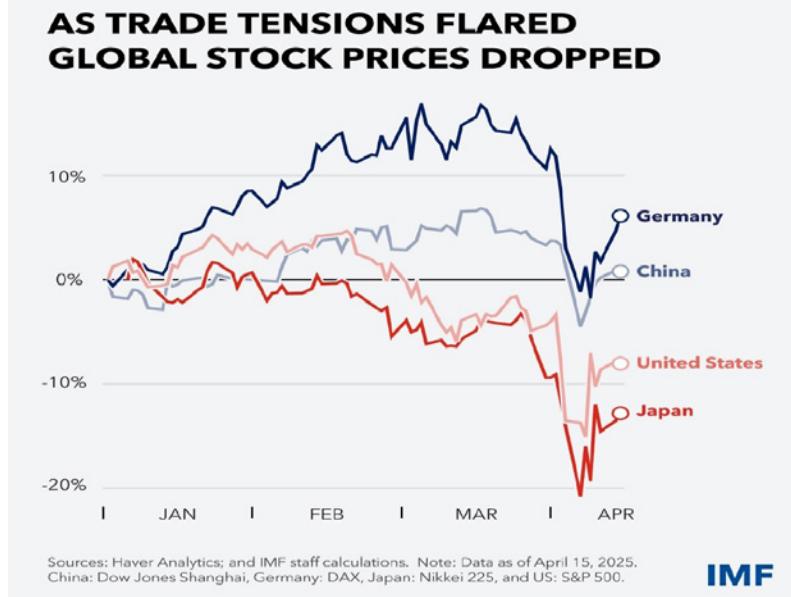
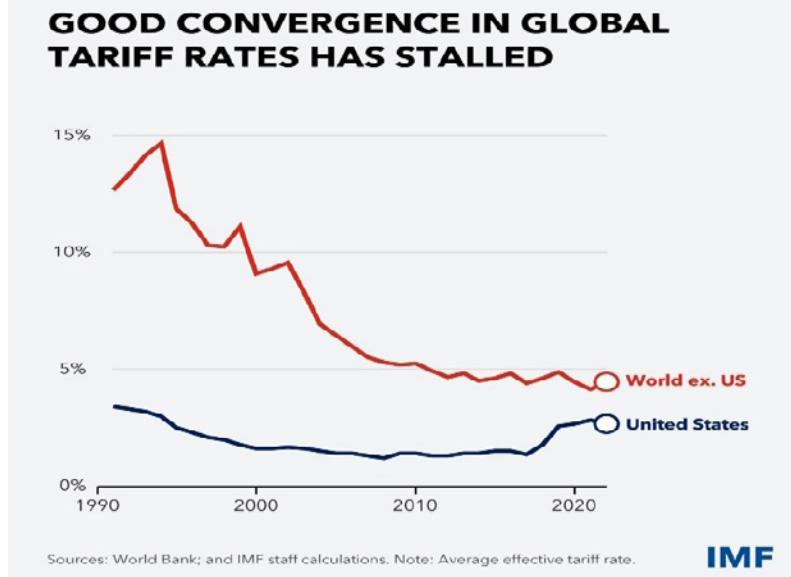


GRÁFICO 3



décadas, o mundo registrou uma boa convergência rumo a uma alíquota tarifária efetiva baixa e estável nos EUA, mas o progresso estagnou na última década (Gráfico 3).

líquidos adotadas pelas principais jurisdições (Gráfico 4). Um quadro incompleto, mas que mostra a direção geral: barreiras não tarifárias em uma tendência crescente.

O gráfico seguinte mostra uma contagem do número, e não do tamanho, das novas medidas de subsídios

Essa sensação de injustiça em alguns lugares alimenta a narrativa: jogamos de acordo com as regras, en-

quanto outros manipulam o sistema sem serem punidos. Os desequilíbrios comerciais geram tensões comerciais.

Em seguida, vem a segurança nacional. Em um mundo multipolar, o local onde as coisas são feitas pode ser mais importante do que quanto elas custam. A lógica da segurança nacional aponta que uma ampla gama de bens estratégicos, dos chips de computador ao aço, precisa ser fabricada em casa, e que vale a pena arcar com esse custo. A autossuficiência está voltando à cena.

Todas essas preocupações, em conjunto, agora transbordaram, nos deixando em um mundo em que o setor industrial recebe mais atenção do que o setor de serviços; em que os interesses nacionais se sobrepõem às preocupações globais e em que ações assertivas provocam reações assertivas.

QUAIS SÃO AS CONSEQUÊNCIAS?

**De forma bem simples:
são significativas.**

Comecemos pelas tarifas. Juntando todos os recentes aumentos, pausas, escaladas e isenções de tarifas, parece claro que a alíquota tarifária efetiva dos EUA saltou para níveis vistos pela última vez há muito tempo (Gráfico 5). Outros países reagiram.

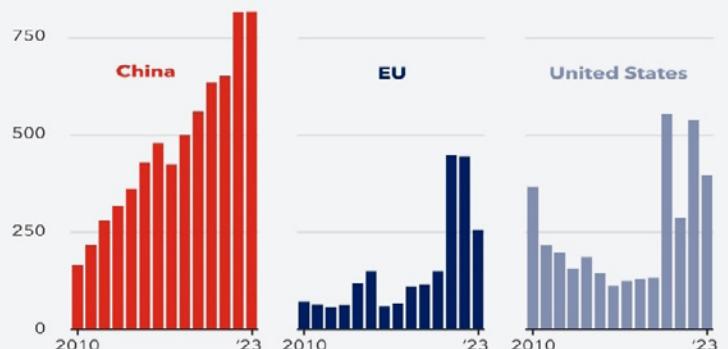
E, em seguida, vieram os efeitos secundários. Quando gigantes se enfrentam, os países menores se veem sob fogo cruzado. A China, a União Europeia e os Estados Unidos, apesar de terem importações relativamente baixas em relação ao PIB, são os três maiores importadores do mundo (Gráfico 6). Qual é a principal implicação? O tamanho importa, as ações desses gigantes impactam o resto do mundo.

As economias avançadas menores e a maioria das economias de mercados emergentes dependem mais do comércio para seu cresci-

GRÁFICO 4

NONTARIFF BARRIERS ON A RISING TREND

Number of net new domestic subsidy measures

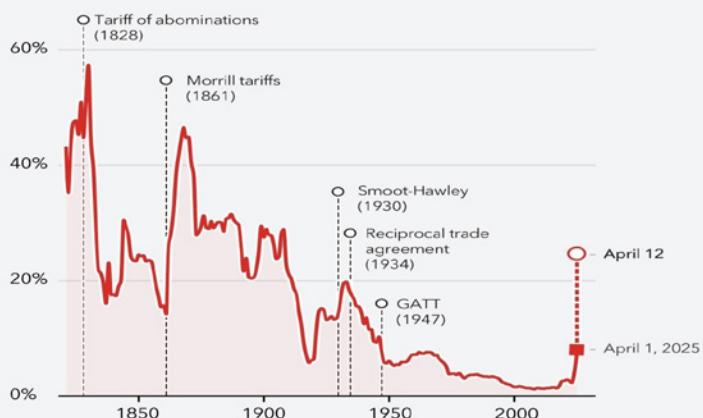


Sources: Global Trade Alert; and IMF staff calculations. Note: Subsidies per MAST chapter L. Covid-related measures excluded based on Global Trade Alert descriptions.

IMF

GRÁFICO 5

US EFFECTIVE TARIFF RATE JUMPS UP SHARPLY



Sources: The White House, US Bureau of Economic Analysis; and IMF staff calculations.

IMF

mento. Assim, estão mais expostas, sobretudo a condições financeiras mais rígidas. Os países de baixa renda enfrentam um desafio a mais: o colapso dos fluxos de ajuda financeira à medida que os países doadores voltam a atenção para suas preocupações internas.

Quais serão os impactos dessas

tensões? Permitam-me fazer três observações:

Primeiro, a incerteza custa caro. A complexidade das cadeias produtivas modernas significa que os insumos importados se transformam em uma ampla gama de produtos nacionais. O custo de um artigo pode ser afetado por tarifas de dezenas de países.

GRÁFICO 6

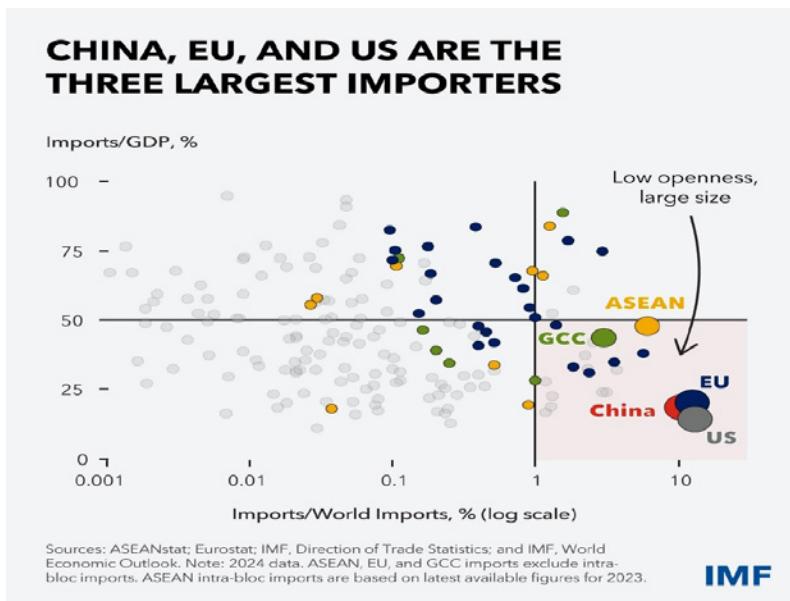
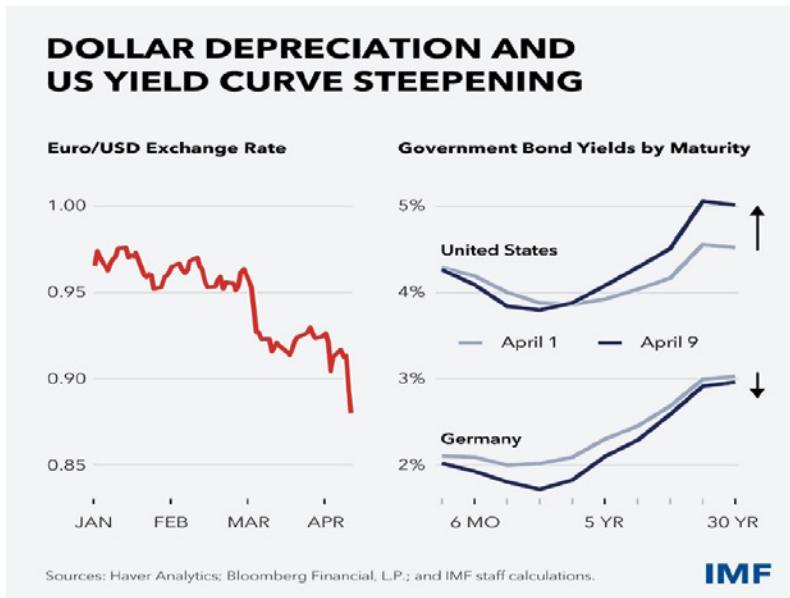


GRÁFICO 7



Em um mundo de alíquotas tarifárias bilaterais, com cada uma podendo aumentar ou diminuir, o planejamento se torna difícil. E qual é o resultado disso? Navios no mar sem saber para que porto navegar; decisões de investimento adiadas; mercados financeiros voláteis; aumento da poupança por precaução. Quanto mais a incerteza persistir, maiores serão os custos.

Segundo, o aumento das barreiras comerciais afeta o crescimento de imediato. As tarifas, assim como todos os impostos, elevam a receita às custas da redução e deslocamento da atividade — e as evidências de episódios anteriores sugerem que não são apenas os parceiros comerciais que pagam pelo aumento das tarifas. Os importadores pagam uma parte

com a queda nos lucros, e os consumidores pagam outra com a alta dos preços. Ao elevar o custo dos insumos importados, as tarifas agem antecipadamente. Naturalmente, se os mercados nacionais forem grandes, também vão gerar incentivos para que as empresas estrangeiras respondam com fluxos de entrada de investimentos, trazendo novas atividades e novos empregos. Isso, no entanto, leva tempo.

Terceiro, o protecionismo deteriora a produtividade no longo prazo, sobretudo nas economias menores. Proteger os setores contra a concorrência reduz os incentivos para a alocação eficiente de recursos. A produtividade passada e os ganhos de competitividade decorrentes do comércio se deterioram. O empreendedorismo dá lugar a pedidos especiais de isenções, proteção e apoio do Estado. Isso prejudica a inovação. Mas, de novo, se os mercados internos forem grandes e a concorrência interna for intensa, os efeitos negativos podem ser atenuados.

Em última análise, o comércio é como a água: quando os países criam obstáculos na forma de barreiras tarifárias e não tarifárias, o fluxo se desvia. Alguns setores em alguns países podem ser inundados por produtos importados baratos; outros podem passar por uma escassez. O comércio continua, mas as rupturas geram custos.

Quantificaremos esses custos na nova edição do nosso relatório World Economic Outlook, a ser lançado no início da próxima semana. Ele trará nossas novas projeções de crescimento com reduções notáveis, mas não uma recessão. Também veremos aumentos nas previsões de inflação para alguns países.

Advertiremos que a incerteza prolongada e elevada aumenta o risco de estresse nos mercados financeiros. No início deste mês, vimos movimentos incomuns em alguns

dos principais mercados de títulos e moedas. Aqui, vemos como, apesar da grande incerteza, o dólar se desvalorizou e as curvas de rendimento do Tesouro dos EUA "sorriram" — não é o tipo de sorriso que queremos ver (Gráfico 7). Esses movimentos devem ser vistos como um alerta. Todos sofrem se as condições financeiras pioram.

Por outro lado, o World Economic Outlook também mostrará que medidas firmes de política econômica para resolver diferenças e buscar um reequilíbrio podem gerar resultados melhores. É sobre isso que desejo falar na última parte de minha apresentação.

O que os países podem fazer?

Muito e, em seguida,
um pouco mais.

Primeiro, todos os países precisam redobrar os esforços para colocar a própria casa em ordem. Em um mundo de maior incerteza e choques frequentes, não há espaço para atrasos nas reformas para aumentar a estabilidade econômica e financeira e melhorar o potencial de crescimento.

As economias enfrentam os novos desafios a partir de uma posição inicial mais fraca, com o fardo da dívida pública muito mais pesado do que há poucos anos (Gráfico 8). Assim, é mister que a maioria dos países tome medidas fiscais resolutas para reconstruir o espaço para a política econômica, estabelecendo trajetórias de ajuste gradual que respeitem os quadros fiscais. No entanto, alguns países podem sofrer choques que exigam um novo apoio fiscal; esse apoio, se necessário, deve ser direcionado e temporário.

Para proteger a estabilidade dos preços, a política monetária precisa permanecer ágil e confiável, apoiada por um forte compromisso com a independência do banco central. A

GRÁFICO 8

PUBLIC DEBT MUCH HIGHER THAN A FEW YEARS AGO

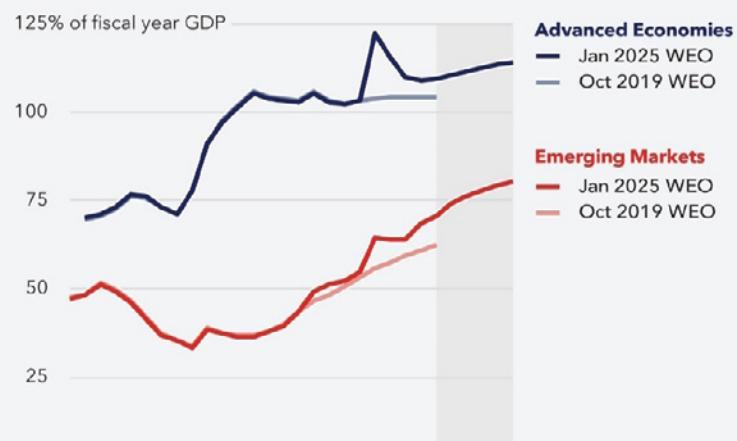
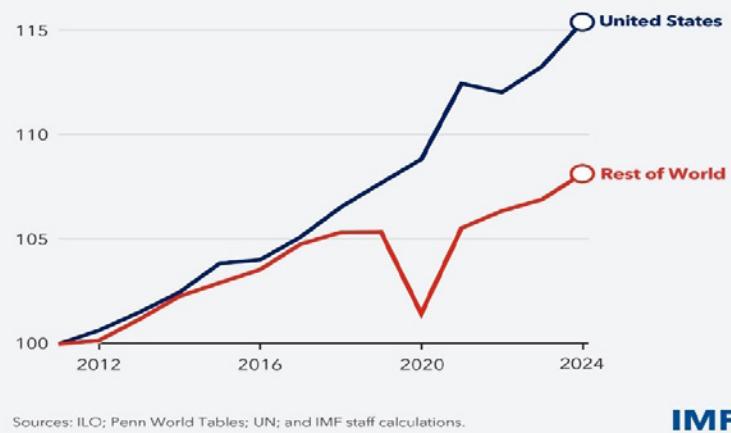


GRÁFICO 9

STRONG US PRODUCTIVITY GROWTH WHILE OTHERS SLIP BEHIND

Total Factor Productivity Index; 2011=100



autoridade monetária tem de estar atenta aos dados e, em alguns casos, às expectativas de inflação mais alta.

No setor financeiro, a regulamentação e a supervisão rigorosas continuam sendo essenciais para manter os bancos seguros, e os riscos crescentes das instituições não bancárias

têm de ser monitorados e contidos.

Convém às economias de mercados emergentes preservar a flexibilidade do câmbio como um amortecedor de choques. As autoridades podem consultar o Quadro Integrado de Políticas do FMI para obter informações sobre como e quando

GRÁFICO 10

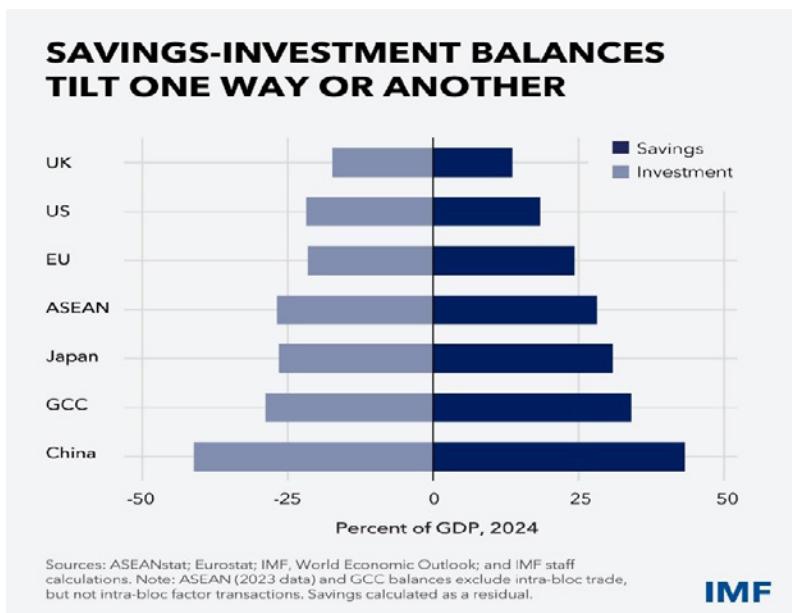
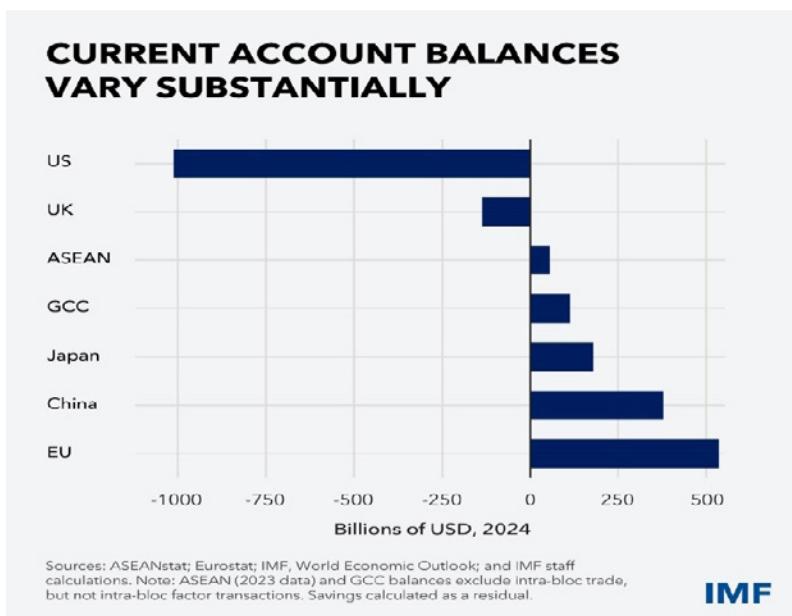


GRÁFICO 11



medidas temporárias podem ser justificadas.

Restrições orçamentárias mais rígidas implicarão escolhas difíceis em todos os lugares, mas em nenhum serão tão difíceis quanto nos países de baixa renda. Nesse caso, a fraca arrecadação impõe envidar mais esforços

na mobilização de recursos internos, mas também torna necessário o apoio de parceiros internacionais, tanto para melhorar a capacidade de implementação de reformas quanto para garantir assistência financeira crucial.

Os países com dívida pública insustentável devem agir de forma

proativa para restabelecer a sustentabilidade, em alguns casos, tomando a difícil decisão de buscar a reestruturação da dívida. É com grande satisfação que menciono que a Mesa-Redonda Mundial sobre a Dívida Soberana publicará em breve um manual para as autoridades dos países que estejam contemplando reestruturar sua dívida, com o objetivo de apoiar a tomada de decisões.

Os dilemas na política econômica podem ser atenuados com a elevação do potencial de crescimento. A economia dos EUA tem registrado um forte crescimento da produtividade, enquanto outros países ficaram para trás (Gráfico 9). Como eles podem recuperar o atraso? Implementando reformas ambiciosas no setor bancário, nos mercados de capital, na política de concorrência, nos direitos de propriedade intelectual e na preparação para a inteligência artificial; tudo isso pode ajudar a acelerar o crescimento. Em muitos casos, o Estado pode e deve fazer muito mais para reduzir os obstáculos à iniciativa privada e à inovação — ou seja, evitar ações que prejudiquem o próprio interesse.

O FMI auxiliará os países na gestão do ajuste macroeconômico e na implementação de reformas necessárias. Atualmente, 48 países contam com nosso apoio ao balanço de pagamentos, como a Argentina, onde reformas robustas, voltadas para o mercado, agora contam com o respaldo de nosso maior programa.

Como uma segunda prioridade de extrema importância, os países devem renovar seu foco nos desequilíbrios macroeconômicos internos e externos.

O equilíbrio interno entre poupança e investimento é fundamental e pode pender muito para um lado ou para outro. Ilustramos isso com uma amostra de grandes países e blocos, indicando as taxas de poupança e de investimento como porcentagem do

PIB (Gráfico 10). Entre os fatores por trás dos desequilíbrios, destacam-se os hábitos nacionais de poupança, distorções induzidas por políticas, a abertura do mercado de capitais, regimes cambiais e aspectos demográficos. As políticas fiscal, monetária, cambial e estrutural são as principais alavancas. Onde quer que o reequilíbrio se faça necessário, o trabalho começa em casa.

Por definição, os saldos internos também impulsionam os saldos das contas correntes externas — mostrados aqui em dólares — e, por extensão, os fluxos de capital (Gráfico 11). Em outras palavras, o reequilíbrio pode aumentar a estabilidade interna, externa e global. Isso é verdade por si só, dado o risco de interrupções repentinas nos fluxos de capital. E também é verdade porque, conforme observado, os superávits e déficits externos podem criar um terreno fértil para as tensões comerciais.

No FMI, sabemos que reequilibrar é difícil. Os países com superávit em conta corrente costumam achar que fazer um ajuste não é algo urgente; eles são exportadores, e não importadores, de capital. Por outro lado, os países com moedas de reserva — com destaque para os Estados Unidos — desfrutam de uma capacidade especial para manter déficits em conta corrente. Mas o resultado líquido de superávits e déficits sustentados pode ser o acúmulo de vulnerabilidades.

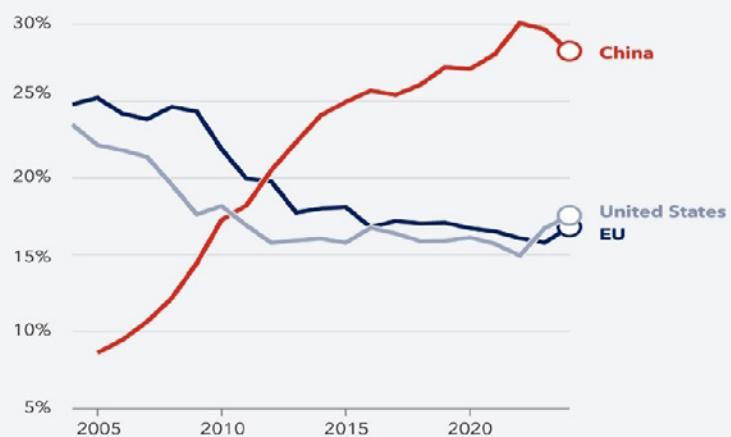
Todos os países podem aplicar políticas para buscar um melhor equilíbrio interno e externo, apoiando a resiliência e o bem-estar coletivo.

Quero me concentrar nos três maiores atores:

Na China, temos prestado assessoria sobre políticas para estimular o consumo privado cronicamente baixo. Essas políticas são: primeiro, medidas para abrandar as políticas industriais e o envolvimento genera-

GRÁFICO 12

PROGRESSION OF MANUFACTURING AS A SHARE OF GLOBAL VALUE ADDED



Sources: Haver Analytics; World Bank; and IMF staff calculations.

IMF

lizado do Estado no setor; segundo, medidas para melhorar as redes de proteção social e reduzir a necessidade de poupar por precaução; e terceiro, apoio fiscal para fazer face às deficiências do setor imobiliário. Essas ações, se seguidas com firmeza, aumentariam a confiança e a demanda interna, ajudariam a reparar as relações comerciais prejudicadas e preparariam o terreno para o próximo capítulo da história de crescimento da China. Entre outras coisas, esse capítulo precisa permitir que se acolha de forma mais calorosa a progressão natural da manufatura para os serviços à medida que as economias se desenvolvem (Gráfico 12).

Na União Europeia, a expansão fiscal assertiva por parte da Alemanha, para facilitar os gastos com defesa e infraestrutura, impulsionará a demanda interna, e as políticas que abrangem toda a UE destinadas a melhorar a competitividade por meio de um mercado único mais profundo poderiam ter um efeito semelhante. A Europa precisa de uma união bancária. A Europa precisa de uma união de

mercados de capitais. E a Europa precisa de menos restrições ao comércio interno de serviços. É uma lista extensa. Em conjunto, a flexibilização fiscal e o reforço da integração elevariam o crescimento, aumentariam a resiliência e melhorariam os saldos internos e externos.

Por último, mas não menos importante, nos Estados Unidos, o principal desafio da política macroeconómica será posicionar a dívida do governo federal em uma trajetória de declínio. Para alcançar essa trajetória, serão necessárias reduções significativas no déficit orçamentário federal, o que, entre outras coisas, exigirá elementos de reforma dos gastos. A queda da dívida federal fortaleceria a resiliência e reduziria o déficit em conta corrente.

Reformas e reequilíbrio são uma necessidade compartilhada. Da ASEAN ao Conselho de Cooperação do Golfo, passando pelo continente africano e por outras partes, as autoridades estão tomando medidas para fortalecer a economia, melhorar os laços regionais

e reduzir os superávits e os déficits. Apoiamos vivamente esses esforços.

Por último, gostaria de abordar a terceira grande prioridade e, de longe, a mais urgente: assegurar que possa haver cooperação em um mundo multipolar.

Na política comercial, o objetivo deve ser alcançar um acordo entre os principais participantes que preserve a abertura e assegure uma maior igualdade de condições, de modo a reiniciar uma tendência global rumo a tarifas mais baixas ao mesmo tempo que se reduzem as barreiras não tarifárias e as distorções.

Precisamos de uma economia mundial mais resiliente, e não de um deslocamento para a divisão. E para facilitar a transição, as políticas devem permitir que os agentes econômicos privados tenham tempo para se ajustar e produzir.

É importante ressaltar que a resiliência exige que se preste atenção às políticas para amortecer os golpes sobre os que perdem. As políticas distributivas formam uma ponte fundamental entre a boa economia e a boa política.

Em suma, minha expectativa é que nossas Reuniões de Primavera na próxima semana, em que 191 países membros do FMI se encontrarão, sejam um fórum vital para o diálogo em um momento vital. Todos os países, grandes e pequenos, podem — e devem — fazer sua parte para fortalecer a economia global em uma era de choques mais frequentes e graves.

Para encerrar, gostaria de ressaltar que no desafio existe oportunidade. Quando a pressão é grande o bastante, coisas que pareciam impossíveis se tornam possíveis, montanhas antes intransponíveis são superadas e interesses pessoais que não recuavam acabam ficando para trás. Com a cabeça fria, uma visão cla-

World Economic Outlook Growth Projections

| (Real GDP, annual percent change) | PROJECTIONS | | |
|---|-------------|------|------|
| | 2024 | 2025 | 2026 |
| World Output | 3.3 | 2.8 | 3.0 |
| Advanced Economies | 1.8 | 1.4 | 1.5 |
| United States | 2.8 | 1.8 | 1.7 |
| Euro Area | 0.9 | 0.8 | 1.2 |
| Germany | -0.2 | 0.0 | 0.9 |
| France | 1.1 | 0.6 | 1.0 |
| Italy | 0.7 | 0.4 | 0.8 |
| Spain | 3.2 | 2.5 | 1.8 |
| Japan | 0.1 | 0.6 | 0.6 |
| United Kingdom | 1.1 | 1.1 | 1.4 |
| Canada | 1.5 | 1.4 | 1.6 |
| Other Advanced Economies | 2.2 | 1.8 | 2.0 |
| Emerging Market and Developing Economies | 4.3 | 3.7 | 3.9 |
| Emerging and Developing Asia | 5.3 | 4.5 | 4.6 |
| China | 5.0 | 4.0 | 4.0 |
| India | 6.5 | 6.2 | 6.3 |
| Emerging and Developing Europe | 3.4 | 2.1 | 2.1 |
| Russia | 4.1 | 1.5 | 0.9 |
| Latin America and the Caribbean | 2.4 | 2.0 | 2.4 |
| Brazil | 3.4 | 2.0 | 2.0 |
| Mexico | 1.5 | -0.3 | 1.4 |
| Middle East and Central Asia | 2.4 | 3.0 | 3.5 |
| Saudi Arabia | 1.3 | 3.0 | 3.7 |
| Sub-Saharan Africa | 4.0 | 3.8 | 4.2 |
| Nigeria | 3.4 | 3.0 | 2.7 |
| South Africa | 0.6 | 1.0 | 1.3 |
| Memorandum | | | |
| Emerging Market and Middle-Income Economies | 4.3 | 3.7 | 3.8 |
| Low-Income Developing Countries | 4.0 | 4.2 | 5.2 |

Source: IMF, *World Economic Outlook*, April 2025

Note: For India, data and forecasts are presented on a fiscal year basis, with FY 2024/25 (starting in April 2024) shown in the 2024 column. India's growth projections are 6.5 percent in 2025 and 6.2 percent in 2026 based on calendar year.

INTERNATIONAL MONETARY FUND

IMF.org/pubs

ra e força de vontade, momentos de mudança podem se transformar em momentos de renovação.

O segredo para aproveitar o mo-

mento é concentrar toda a sua energia não na preservação do antigo, mas na construção do novo: uma economia mundial mais equilibrada e mais resiliente.

FMI – CRESCIMENTO ECONÔMICO

A economia global entra em uma nova era

*Em meio a tensões comerciais e alta incerteza política,
o caminho a seguir será determinado pela forma
como os desafios são enfrentados e as
oportunidades aproveitadas*

Pierre-Olivier Gourinchas

Economista-Chefe do FMI

(Discurso proferido em 22 de abril de 2025)



O sistema econômico global sob o qual a maioria dos países operou nos últimos 80 anos está sendo redefinido, conduzindo o mundo a uma nova era. As regras existentes estão sendo questionadas, enquanto novas ainda estão por vir. Desde o final de janeiro, uma série de anúncios de tarifas pelos Estados Unidos, que começaram com Canadá, China, México e setores críticos, culminaram com impostos quase universais em 2 de abril. A tarifa efetiva dos EUA ultrapassou os níveis atingidos durante a Grande Depressão, enquanto as contra-respostas dos principais parceiros comerciais impulsionaram significativamente a tarifa global.

A incerteza epistêmica e a imprevisibilidade política resultantes são um dos principais impulsionadores das perspectivas econômicas. Se mantidos, esse aumento abrupto de tarifas e a incerteza que os acompanha desacelerarão significativamente o crescimento global. Refletindo a complexidade e a fluidez do momento, nosso relatório apresenta uma série de previsões para a economia global.

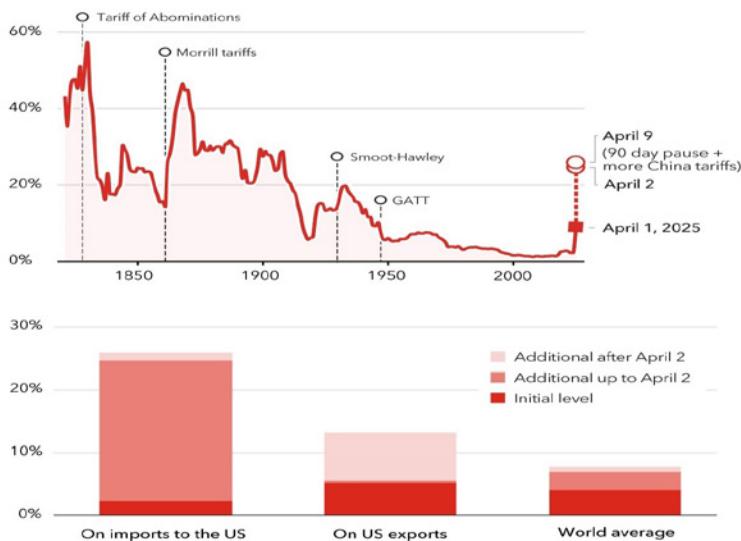
Nossa previsão de referência do World Economic Outlook - WEO inclui anúncios de tarifas entre 1º de fevereiro e 4 de abril pelos EUA e contramedidas por outros países.

Isso reduz nossa previsão de crescimento global para 2,8% e 3% neste ano e no próximo, um rebaixamento cumulativo de cerca de 0,8 ponto percentual em relação à nossa atualização do WEO de janeiro de 2025. Também apresentamos uma previsão global excluindo as tarifas de abril (previsão anterior a 2 de abril). Sob esse caminho alternativo, o crescimento global teria visto apenas um modesto rebaixamento cumulativo de 0,2 ponto percentual, para 3,2% para 2025 e 2026.

Por fim, incluímos uma previsão baseada em modelos incorporando anúncios feitos após 4 de abril. Du-

US tariffs are highest in a century, global tariffs are also rising sharply

Effective average tariff rate, United States

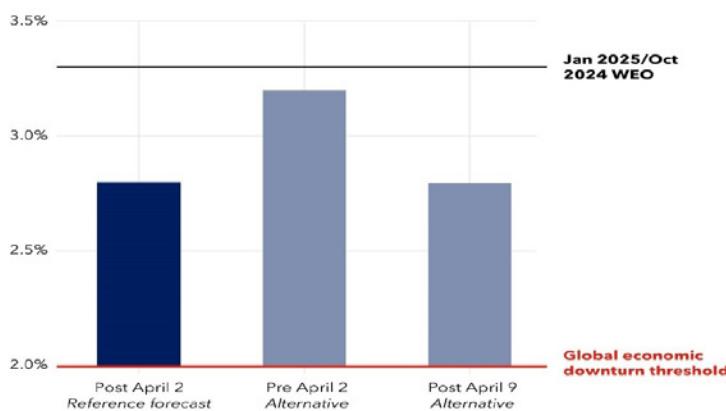


Sources: Haver Analytics; PII; Refinitiv Eikon; World Bank and IMF staff calculations.
Note: Weighted average tariffs on US exports and world average use WITS data for 2022. Includes announced tariffs by the rest of the world on US exports up to April 12.

IMF

Global growth forecasts vary by scenario

Real GDP growth, 2025



Sources: IMF, World Economic Outlook; and IMF staff estimates. Note: Post April 2 reference forecast is based on information available as of April 4, 2025

IMF

rante esse período, os Estados Unidos suspenderam temporariamente a maioria das tarifas, enquanto aumentaram as da China para níveis proibitivos. Essa pausa, mesmo que estendida indefinidamente, não altera materialmente a perspectiva global em comparação com a

visão de referência. Isso ocorre porque a taxa tarifária efetiva geral dos Estados Unidos e da China permanece elevada, mesmo que alguns países inicialmente com tarifas altas agora se beneficiem, enquanto a incerteza induzida por políticas não diminuiu.

Apesar da desaceleração, o crescimento global permanece bem acima dos níveis de recessão. A inflação global é revisada para cima em cerca de 0,1 ponto percentual a cada ano, mas o impulso de desinflação continua. O comércio global tem se mostrado bastante resiliente até agora, em parte porque as empresas conseguiram redirecionar os fluxos comerciais quando necessário. Isso pode se tornar mais difícil desta vez. Projetamos que o crescimento do comércio global cairá mais do que a produção, para 1,7% em 2025 — uma revisão significativa para baixo desde nossa Atualização do Relatório WEO de janeiro de 2025.

No entanto, a estimativa global mascara variações substanciais entre os países. As tarifas constituem um choque negativo de oferta para a jurisdição implementadora, à medida que os recursos são realocados para a produção de itens menos competitivos, com consequente perda de produtividade agregada e preços de produção mais altos. A médio prazo, podemos esperar que as tarifas reduzam a concorrência e a inovação e aumentem a busca por renda, o que pesará ainda mais sobre as perspectivas.

Nos Estados Unidos, a demanda já estava em queda antes dos recentes anúncios de política monetária, refletindo uma maior incerteza política. De acordo com nossa previsão de referência de 2 de abril, reduzimos nossa estimativa de crescimento dos EUA para este ano para 1,8%. Isso representa 0,9 ponto percentual a menos que em janeiro, e as tarifas representam 0,4 ponto percentual dessa redução. Também elevamos nossa previsão de inflação dos EUA em cerca de 1 ponto percentual, ante 2%.

Para os parceiros comerciais, as tarifas representam, em grande parte, um choque negativo na demanda, afastando clientes estrangeiros de seus produtos, mesmo que alguns pa-

íses possam se beneficiar do desvio de comércio. Em consonância com esse impulso deflacionário, reduzimos nossa previsão de crescimento da China para este ano para 4%, uma redução de 0,6 ponto percentual, e a inflação foi revisada para baixo em cerca de 0,8 ponto percentual.

O crescimento na zona do euro, sujeita a tarifas efetivas relativamente mais baixas, foi revisado para baixo em 0,2 ponto percentual, para 0,8%. Tanto na zona do euro quanto na China, um estímulo fiscal mais forte proporcionará algum suporte neste ano e no próximo. Muitas economias de mercados emergentes podem enfrentar desacelerações significativas, dependendo de onde as tarifas se estabelecerem. Reduzimos nossa previsão de crescimento para o grupo em 0,5 ponto percentual, para 3,7%.

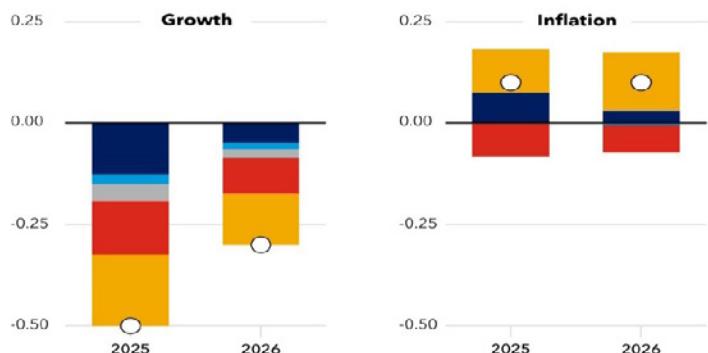
Cadeias de suprimentos globais densas podem amplificar os efeitos de tarifas e incertezas. A maioria dos bens comercializados são insumos intermediários que cruzam fronteiras diversas vezes antes de se transformarem em produtos finais. Disrupções podem se propagar para cima e para baixo na rede global de insumos e produtos com efeitos multiplicadores potencialmente grandes, como vimos durante a pandemia. Empresas que enfrentam incertezas no acesso ao mercado provavelmente farão uma pausa no curto prazo, reduzirão investimentos e cortarão gastos. Da mesma forma, as instituições financeiras reavaliarão a exposição dos tomadores de empréstimo. O aumento da incerteza e o aperto das condições financeiras podem dominar o curto prazo, pensando sobre a atividade econômica, como refletido na forte queda dos preços do petróleo.

O efeito das tarifas sobre as taxas de câmbio é complexo. Os Estados Unidos, como país tarifário, podem ver sua moeda se valorizar, como em episódios anteriores. No entanto, a

Global growth revised down significantly, inflation slightly revised up

Forecast change from January 2025, percentage points

■ US ■ Euro area ■ Other AEs ■ China ■ Other EMDEs ○ Total



Sources: IMF, World Economic Outlook; and IMF staff estimates.

IMF

maior incerteza política, as perspectivas de crescimento mais fracas dos EUA e um ajuste na demanda global por ativos em dólar — que até agora tem sido ordenado — podem pressionar o dólar, como vimos desde os anúncios das tarifas. No médio prazo, o dólar pode se desvalorizar em termos reais se as tarifas se traduzirem em menor produtividade no setor de bens comercializáveis dos EUA, em relação aos seus parceiros comerciais.

Os riscos para a economia global aumentaram, e o agravamento das tensões comerciais pode deprimir ainda mais o crescimento. As condições financeiras podem se tornar ainda mais restritivas, à medida que os mercados reagem negativamente à redução das perspectivas de crescimento e ao aumento da incerteza. Embora os bancos permaneçam bem capitalizados em geral, os mercados financeiros podem enfrentar testes mais severos.

As perspectivas de crescimento poderiam, no entanto, melhorar imediatamente se os países flexibilizassem sua política comercial atual e firmassem novos acordos comerciais.

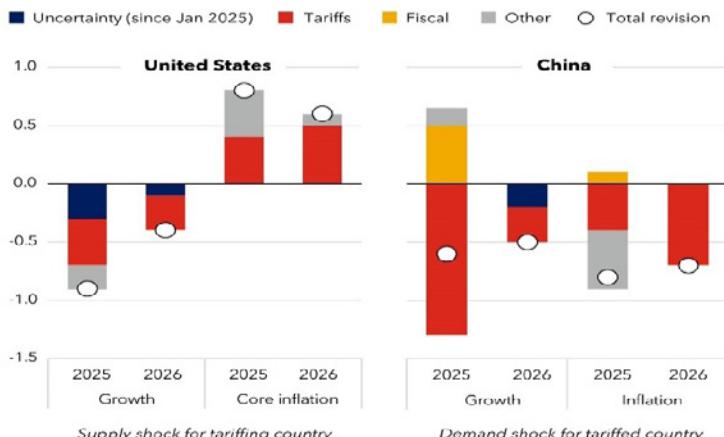
Abordar os desequilíbrios internos pode, ao longo dos anos, compensar os riscos econômicos e aumentar a produção global, contribuindo significativamente para a correção dos desequilíbrios externos. Para a Europa, isso significa investir mais em infraestrutura para acelerar o crescimento da produtividade. Significa também aumentar o apoio à demanda interna na China e intensificar a consolidação fiscal nos Estados Unidos.

Nossas recomendações políticas exigem prudência e maior colaboração. A primeira prioridade deve ser restaurar a estabilidade da política comercial e forjar acordos mutuamente benéficos. A economia global precisa de um sistema comercial claro e previsível que resolva lacunas de longa data nas regras do comércio internacional, incluindo o uso generalizado de barreiras não tarifárias ou outras medidas que distorçam o comércio. Isso exigirá uma cooperação aprimorada.

A política monetária também precisará permanecer ágil. Alguns países poderão enfrentar trade-offs mais acentuados entre inflação e produção. Em outros, as expectativas de

Tariffs effects vary across countries

Forecast change from January 2025, percentage points

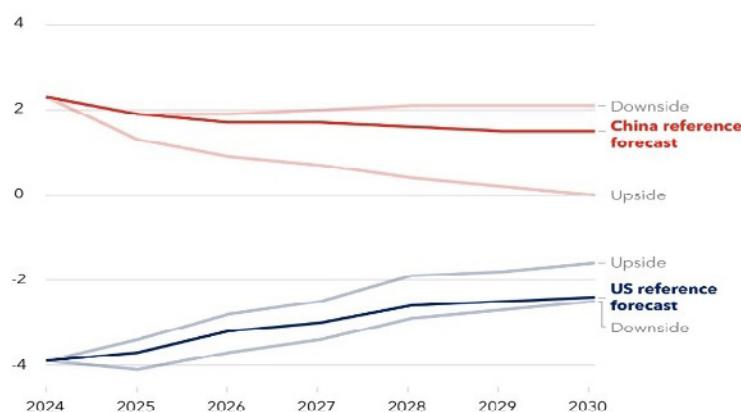


Sources: IMF, World Economic Outlook; and IMF staff estimates.

IMF

Addressing domestic imbalances can help improve external imbalances

Current account balance scenarios, percent of GDP



Sources: IMF, World Economic Outlook; and IMF staff estimates.

IMF

inflação poderão ficar menos ancoradas, com um novo choque inflacionário logo após o anterior. Países que enfrentarem pressões de preços resurgentes exigirão um aperto monetário vigoroso. Para outros, o choque negativo na demanda justificará taxas de juros mais baixas. A credibilidade da política monetária será importante em todos os casos, e a independência do banco central continua sendo

um pilar fundamental.

A crescente volatilidade externa decorrente de ajustes tarifários e um possível ambiente prolongado de aversão ao risco podem ser difíceis de navegar para os mercados emergentes. Nossa Quadro de Política Integrada enfatiza a importância de permitir que as moedas se ajustem quando impulsionadas por forças

fundamentais, como é o caso agora, e define as condições específicas em que é aconselhável que os países intervencionem.

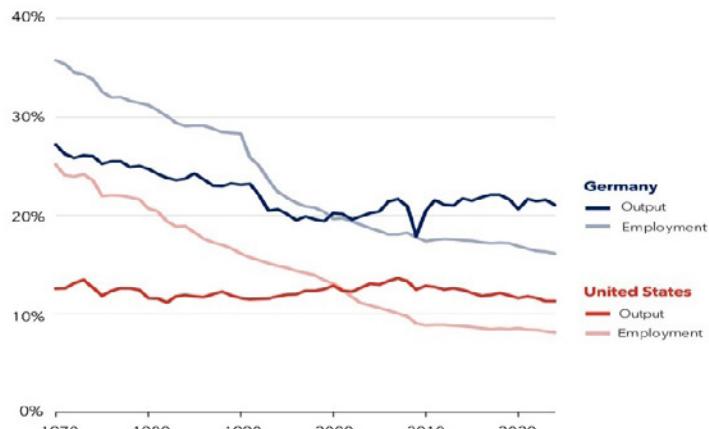
As autoridades fiscais enfrentam dilemas ainda mais complexos: dívida elevada, baixo crescimento e custos financeiros crescentes. A maioria dos países ainda tem pouco espaço fiscal e precisa implementar planos de consolidação graduais e confiáveis, enquanto alguns dos países mais pobres, também afetados pela redução da ajuda pública, podem enfrentar dificuldades financeiras.

Novas necessidades de gastos estão agravando ainda mais as fragilidades fiscais. Os pedidos de apoio aumentarão para aqueles que correm o risco de sofrer graves perturbações devido aos choques. Esse apoio deve permanecer direcionado a metas específicas e incorporar cláusulas de caducidade automáticas. A experiência dos últimos quatro anos sugere que é mais fácil abrir a torneira do apoio fiscal do que fechá-la.

Alguns países, especialmente na Europa, enfrentam novos e permanentes aumentos nos gastos relacionados à defesa. Como esses aumentos devem ser financiados? Para países com espaço fiscal suficiente, apenas a parte temporária dos gastos adicionais – ou seja, o apoio temporário para ajudar na adaptação ao novo ambiente ou o aumento inicial nos gastos para reconstruir as capacidades de defesa – deve ser financiada por dívida. Para todos os outros países, as novas necessidades de gastos devem ser compensadas por cortes de gastos em outras áreas ou novas receitas.

Não devemos perder de vista a necessidade de um crescimento mais forte. Os governos devem continuar a implementar reformas fiscais e estruturais que ajudem a mobilizar recursos privados e a reduzir a má alocação de recursos. Devem também

While manufacturing's employment share is declining, its output share remains stable



Sources: Haver Analytics; and US Bureau of Economic Analysis. Note: Share in total employment and real value added. West Germany used up to 1990.

IMF

investir na infraestrutura digital e na formação necessárias para beneficiar de novas tecnologias, como a inteligência artificial.

Por fim, devemos nos perguntar por que nosso sistema global justifica um remapeamento — e reconhecer que décadas de aprofundamento dos laços comerciais promoveram um crescimento econômico rápido, porém desigual. Em muitas economias avançadas, há uma percepção aguda de que a globalização deslocou injustamente muitos empregos na

indústria manufatureira nacional. Há algum mérito nessas queixas, mesmo que a participação do emprego na indústria manufatureira nas economias avançadas esteja em declínio secular em países com superávits comerciais, como a Alemanha, ou déficits, como os Estados Unidos.

A força mais profunda por trás desse declínio é o progresso tecnológico e a automação, não a globalização: em ambos os países, a participação da produção industrial permaneceu estável. Ambas

as forças são, em última análise, benéficas, mas podem ser muito prejudiciais para indivíduos e comunidades. É uma responsabilidade coletiva garantir o equilíbrio certo entre o ritmo do progresso ou da globalização e a abordagem das distorções associadas.

Isso exige que os formuladores de políticas pensem muito além da lente reducionista de compensar transferências entre "vencedores" e "perdedores", seja de revoluções tecnológicas ou da globalização. Nesse sentido, infelizmente, não foi feito o suficiente, levando muitos a adotar uma visão de mundo de soma zero, na qual os ganhos de alguns só ocorrem às custas de outros. Em vez disso, é importante entender melhor essas causas profundas para que possamos construir um sistema comercial aprimorado que ofereça mais oportunidades. Esse objetivo está consagrado em nossos Estatutos, que nos pedem para "facilitar a expansão e o crescimento equilibrado do comércio internacional e contribuir, assim, para a promoção e manutenção de altos níveis de emprego e renda real".

A integração global não é um objetivo em si. É um meio para atingir um fim, importante na medida em que contribui para a melhoria dos padrões de vida para todos.

Observação —Este material é baseado no Capítulo 1 do World Economic Outlook de abril de 2025, “A incerteza política testa a resiliência global”.

*CARLOS ALBERTO TEIXEIRA DE OLIVEIRA

Administrador, Economista e Bacharel em Ciências Contábeis, com vários cursos de pós graduação no Brasil e exterior. Ex-Executive Vice-Presidente e CEO do Safra National Bank of New York, em Nova Iorque, Estados Unidos. Ex-Presidente do BDMG-Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais e do Banco de Crédito Real de Minas Gerais; Foi Secretário de Planejamento e Coordenação Geral e de Comércio, Indústria e Mineração; e de Minas e Energia do Governo de Minas Gerais; Também foi Diretor-Geral (Reitor) e fundador do Centro Universitário Estácio de Sá de Belo Horizonte; Ex-Presidente do IBEF Nacional – Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças e da ABDE-Associação Brasileira de Desenvolvimento; Atualmente é Coordenador Geral do Fórum JK de Desenvolvimento Econômico; Presidente da ASSEMG-Associação dos Economistas de Minas Gerais. Presidente da MinasPart Desenvolvimento Empresarial e Econômico, Ltda. Integra vários Conselhos Consultivos e de Administração de diversas empresas e instituições. Membro da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais e da Academia Brasileira de Ciências Contábeis. Vice-Presidente da diretoria executiva da ACMinas – Associação Comercial e Empresarial de Minas. Presidente/Editor Geral de MERCADOCOMUM. Autor de vários livros, como a coletânea de 3 livros - 2.336 páginas, intitulada "Juscelino Kubitschek: Profeta do Desenvolvimento – Exemplos e Lições ao Brasil do Século XXI".

Juros nominais sobre a dívida pública brasileira somaram R\$ 935,9 bilhões no acumulado dos últimos doze meses e, até março, representaram 7,80% do PIB

O resultado nominal consolidado das contas públicas acumula déficit de R\$ 948,5 bilhões em 12 meses até março - equivalente a 75,4% do PIB)

A Dívida Bruta do Governo Geral atingiu 75,4% do PIB (R\$ 9.027,4 bilhões) em março de 2025

Carlos Alberto Teixeira de Oliveira

RESULTADOS FISCAIS

O Banco Central do Brasil divulgou, no dia 30 de abril, os resultados fiscais das contas públicas do país e que foram os seguintes: (Gráficos a seguir):

O setor público consolidado registrou resultado primário superavitário de R\$3,6 bilhões em março, ante superávit de R\$1,2 bilhão no mesmo mês de 2024. O Governo Central e as empresas estatais registraram, na ordem, déficits de R\$2,3 bilhões e R\$566 milhões, e os governos regionais, superávit de R\$6,5 bilhões. Em doze meses, o setor público consolidado acumulou déficit de R\$13,5 bilhões, 0,11% do PIB, ante déficit de R\$15,9 bilhões, 0,13% do PIB, acumulado até fevereiro.

Os juros nominais do setor público consolidado, apropriados por competência, somaram R\$75,2



bilhões em março de 2025, comparativamente a R\$64,2 bilhões em março de 2024. No acumulado em doze meses, os juros nominais alcançaram R\$935,0 bilhões (7,80% do PIB) em março deste

ano, comparativamente a R\$745,7 bilhões (6,71% do PIB) nos doze meses até março de 2024.

O resultado nominal do setor público consolidado, que inclui o resultado pri-

mário e os juros nominais apropriados, foi deficitário em R\$71,6 bilhões em março. No acumulado em doze meses, o déficit nominal alcançou R\$948,5 bilhões (7,92% do PIB), ante déficit nominal de R\$939,8

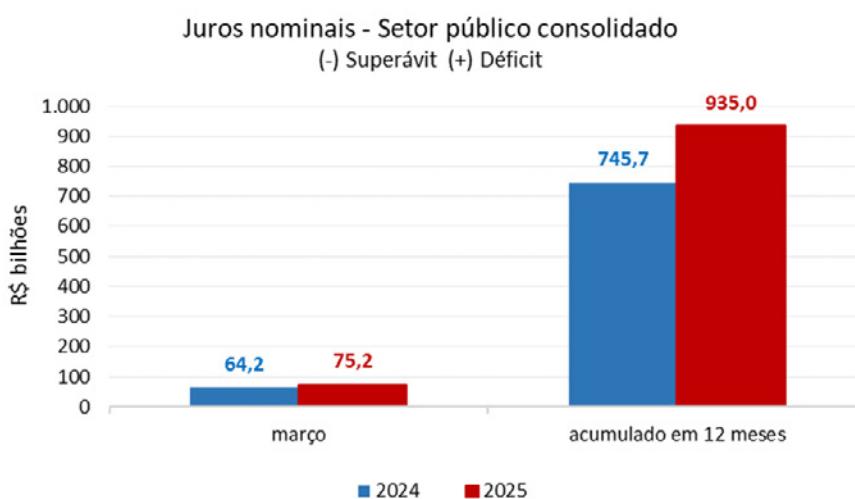
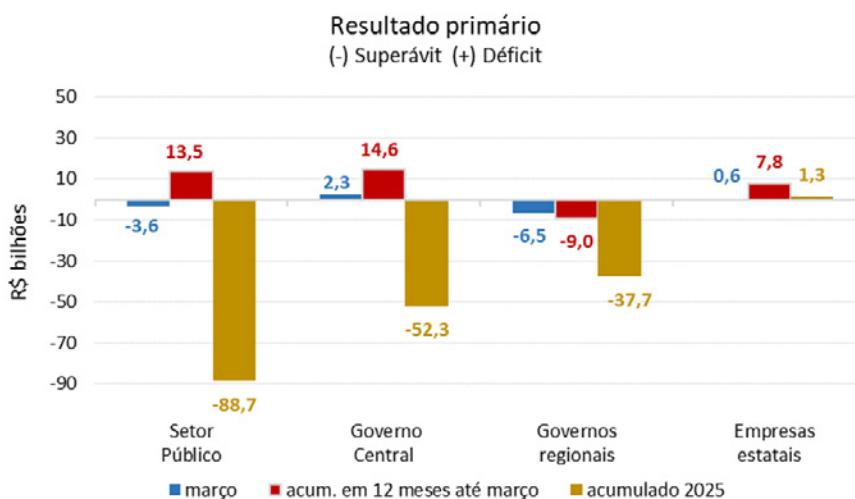
bilhões (7,91% do PIB) em fevereiro de 2025.

O resultado nominal do setor público consolidado, que inclui o resultado primário e os juros nominais apropriados, foi deficitário em R\$ 71,6 bilhões em março. No acumulado em doze meses, o déficit nominal alcançou R\$ 948,5 bilhões (7,92% do PIB), ante déficit nominal de R\$ 939,8 bilhões (7,91% do PIB) em fevereiro de 2025.

DÍVIDA LÍQUIDA DO SETOR PÚBLICO (DLSP) E DÍVIDA BRUTA DO GOVERNO GERAL (DBGG)

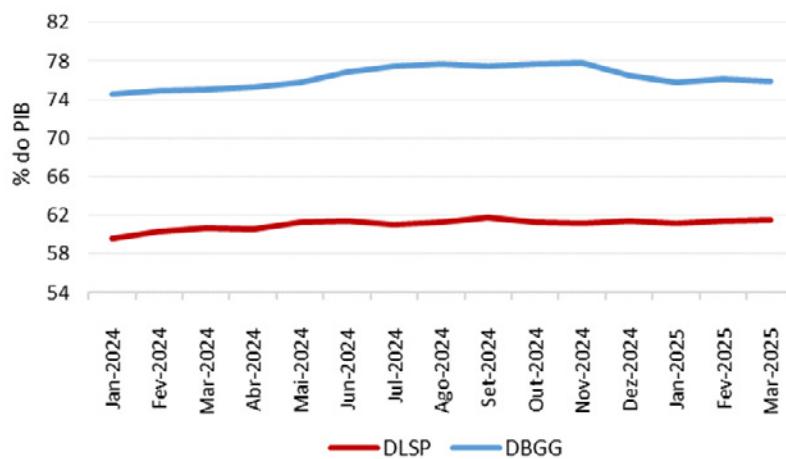
A DLSP atingiu 61,6% do PIB (R\$7,4 trilhões) em março, elevando-se 0,2 p.p. do PIB no mês. Esse resultado refletiu os impactos dos juros nominais apropriados (+0,6 p.p.), do efeito da valorização cambial de 1,8% no mês (+0,2 p.p.), e da variação do PIB nominal (-0,5 p.p.). No ano, a DLSP elevou-se 0,1 p.p. do PIB, refletindo, em especial, os impactos dos juros nominais (+1,6 p.p.), do efeito da valorização cambial acumulada de 7,3% (+0,9 p.p.), do superávit primário do período (-0,7 p.p.), da variação do PIB nominal (-1,2 p.p.) e dos demais ajustes da dívida externa líquida (-0,4 p.p.).

A DBGG – que compreende o Governo Federal, o INSS e os governos estaduais e municipais – atingiu 75,9% do PIB (R\$ 9.017,4 bilhões) em março de 2025, redução de 0,2 p.p. do PIB em relação ao mês



anterior. Essa evolução no mês foi decorrente da variação do PIB nominal (-0,6

DLSP e DBGG



p.p.), do resgate líquido de dívida (-0,3 p.p.), do efeito da valorização cambial (-0,1 p.p.), e dos juros nominais apropriados (+0,8 p.p.). No ano, a redução de 0,6 p.p. do PIB decorre principalmente do crescimento do PIB nominal (-1,5 p.p.), dos resgates líquidos de dívida (-0,9 p.p.), do efeito da valorização cambial (-0,3 p.p.) e da incorporação de juros nominais (+2,2 p.p.).

A despesa no pagamento de juros nominais sobre a dívida pública brasileira consolidada, nestes cinco últimos anos - 2021/2025, deverá atingir um total de US\$ 714,86 bilhões - o equivalente a cerca de 31,83% do PIB previsto para este ano

PAGAMENTO DE JUROS NOMINAIS SOBRE A DÍVIDA PÚBLICA BRASILEIRA VALORES CORRENTES - PERÍODO DE 2019 A 2025 - EM US\$

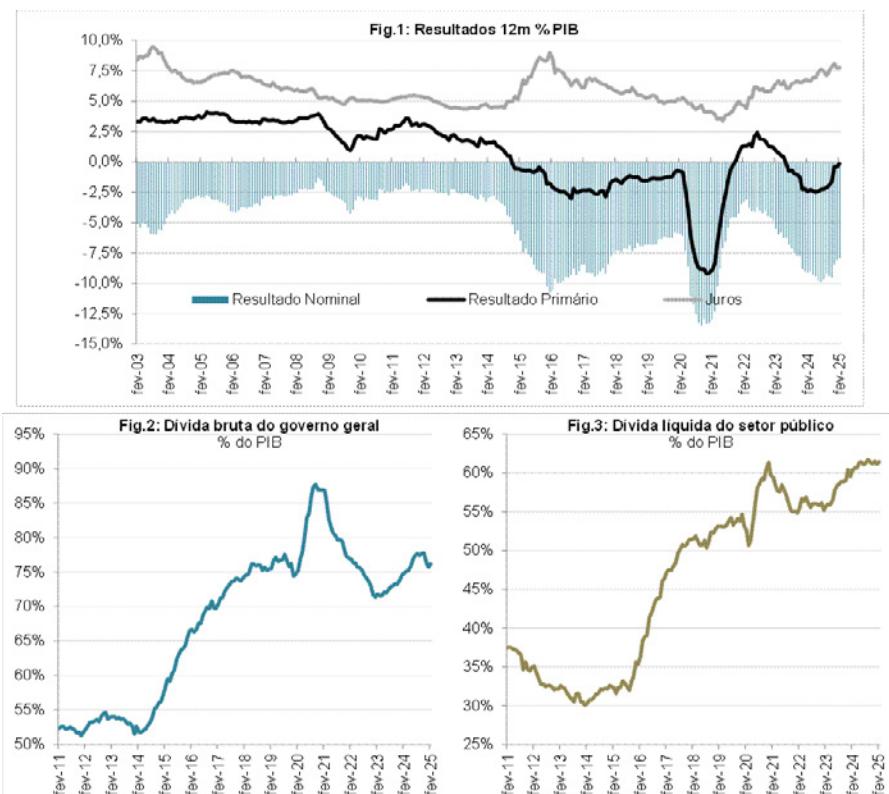
| Ano | Juros Médios Em % Ano | PIB Brasil Em US\$ bilhões | Valor dos Juros Pagos Em US\$ milhões |
|------------------|-----------------------|----------------------------|---------------------------------------|
| 2021 | 4,98 | 1.670,29 | 83.180,44 |
| 2022 | 5,82 | 1.951,57 | 113.581,37 |
| 2023 | 6,56 | 2.190,99 | 132.728,94 |
| 2024 | 8,05 | 2.178,42 | 175.362,81 |
| 2025* | 8,86 | 2.246,29 | 199.021,29 |
| Média Anual | | | 142.972,47 |
| Total do período | | | 714.862,35 |

*Projeções. Fonte: Banco Central do Brasil/LCA Consultores
Elaboração: MinasPart Desenvolvimento/MercadoComum

PAGAMENTO DE JUROS NOMINAIS SOBRE A DÍVIDA PÚBLICA BRASILEIRA VALORES CORRENTES - PERÍODO DE 2021 A 2025 - EM R\$

| Ano | Juros Médios Em % Ano | PIB Brasil Em R\$ bilhões | Valor dos Juros Pagos Em R\$ bilhões |
|-------|-----------------------|---------------------------|--------------------------------------|
| 2021 | 4,98 | 9.012,14 | 448,80 |
| 2022 | 6,82 | 10.079,68 | 586,64 |
| 2023 | 6,56 | 10.943,34 | 717,88 |
| 2024 | 8,05 | 11.744,71 | 945,45 |
| 2025* | 8,86 | 12.934,38 | 1.145,99 |
| TOTAL | | | 3.844,76 |

*Projeções. Fonte: Banco Central do Brasil/LCA Consultores
Elaboração: MinasPart Desenvolvimento/MercadoComum



PAGAMENTO DE JUROS NOMINAIS SOBRE A DÍVIDA PÚBLICA BRASILEIRA VALORES CORRENTES - PERÍODO DE 2019 A 2025 - EM US\$

| Ano | Juros Médios Em % Ano | PIB Brasil Em US\$ bilhões | Valor dos Juros Pagos Em US\$ Milhões |
|--------------------------|-----------------------|----------------------------|---------------------------------------|
| Governo Temer | | | |
| 2017 | 6,09 | 2.062,77 | 125.622,69 |
| 2018 | 5,41 | 1.915,91 | 103.650,73 |
| Média Anual | | | |
| Total do Período | | | |
| Governo Bolsonaro | | | |
| 2019 | 4,97 | 1.872,51 | 93.063,75 |
| 2020 | 4,11 | 1.475,37 | 60.637,71 |
| 2021 | 4,98 | 1.670,29 | 83.180,44 |
| 2022 | 5,82 | 1.951,57 | 113.581,37 |
| Média Anual | | | |
| Total do período | | | |
| Governo Lula | | | |
| 2023 | 6,56 | 2.190,99 | 132.728,94 |
| 2024 | 8,05 | 2.178,42 | 175.362,81 |
| 2025* | 8,86 | 2.246,29 | 199.021,29 |
| Média Anual | | | |
| Total do período | | | |
| Total Geral - 2017/2025 | | | |

*Projeções. Fonte: Banco Central do Brasil/LCA Consultores
Elaboração: MinasPart Desenvolvimento/MercadoComum

As taxas de juros reais na economia norte-americana são muito diferentes daquelas praticadas no Brasil

Nestes primeiros 24 anos do século XXI, em apenas seis deles as taxas de juros da economia norte-americana situaram em níveis reais, ou seja, foram superiores à inflação sendo que, a mais elevada delas alcançou, apenas, 2,38% ao ano. Cabe destacar, de outro lado, que por sete anos seguidos - de 2009 a 2015, as taxas Fed Funds (a Selic de lá) ficou estacionada em 0,25% ao ano.

O economista Roberto Luis Troster, em artigo publicado sob o título de "A conta de juros, um osso duro de roer", publicado no Valor em 4 de abril, declarou: "É problemático. O que foi um remédio engenhoso, agora é um veneno que está corroendo o futuro do Brasil. Um dos problemas é que (o juro elevado) tira potência da política monetária, porque gera um efeito perverso. A cada elevação da taxa de juros, os detentores de aplicações que rendem juros têm ganhos de renda, e não perdas. Mais renda induz a mais consumo, não a menos, como o objetivado".

Cabe salientar que, a cada ponto percentual de elevação da taxa de juros pelo COPOM do Banco Central do Brasil, isso resultará em um adicional de R\$ 90 bilhões de despesas ao governo brasileiro, além do enfraquecimento da atividade econômica nacional, ficando a população



mais endividada e cada vez também mais pobre.

O Brasil precisa deixar de ser o "paraíso dos rentistas e inferno de quem produz", declarou o ex-ministro da Economia, Paulo Guedes, no início do governo Bolsonaro. De acordo com o renomado economista André Lara Rezende, "o que se observa, há anos, é a retroalimentação de um círculo vicioso com duplo dano: imensa transferência de dinheiro da sociedade para o sistema financeiro; e a geração de crescente déficit orçamentário do Estado e aumento da dívida pública, cujo serviço é sustentado por títulos com juros muito altos, que, por sua vez, aumentam o rombo fiscal.

Em épocas passadas,

chegou-se a afirmar que "ou o Brasil combatia as saúvas ou elas acabariam com o Brasil". Traduzindo para os tempos atuais é como afirmar que "ou o Brasil reduz as suas taxas de juros ou os juros liquidarão com o país". Reduzir as taxas de juros aqui praticadas em níveis que possam ser considerados civilizados é uma imposição de ordem, de segurança nacional. Não se pode esperar mais, até mesmo porque taxa de juros não é o único componente para o exercício de uma política monetária eficaz e saudável.

O Brasil, ao longo dessas últimas quatro décadas lembra muito o período do presidente Antonio Salazar (1932-1968) à frente da nação portuguesa, quando,

não obstante desfrutar de uma excepcional estabilidade e equilíbrio econômico, Portugal simplesmente não conseguia crescer, transformando-se numa das economias mais raquéticas, pobres e frágeis de todo o continente europeu.

Só o crescimento torna plástica a economia, criando condições para que as ações conscientes e deliberadas do Governo e da Sociedade possam atuar no rumo da atenuação dos problemas sociais e da desconcentração da renda de um lado, e da modernização do aparelho produtivo, de outro. A estagnação da economia enrijece-a, afastando a possibilidade de modificações em sua estrutura e em seu conteúdo.

O Brasil sofre de uma "síndrome do raquitismo econômico" e, simplesmente, não conseguiu acompanhar, nestes últimos trinta anos, o ritmo crescimento da economia mundial, ficando muito aquém da média. A máquina do crescimento econômico nacional parece enferrujada, emperrada e não consegue engatar qualquer ritmo que a possa levar avante e, ao contrário, tem se mostrado como uma autêntica marcha a ré e um verdadeiro andar para trás, como rabo de cavalo.

Transformar o Brasil em nação desenvolvida - essa

deve ser a nossa bandeira e visão de futuro. E, nesse sentido, impõe-se uma mudança radical de mentalidade. Não há mais tempo a perder e essa deve ser a decisão imediata a ser tomada e inadiável por mais tempo. Se não a iniciarmos já só nos restará, tão-somente, o consolo do atraso e com ele também chegará, inevitavelmente, a desordem institucional atrelada a ameaças à nossa democracia.

Não se pode continuar aceitando nem mais tolerar que o Brasil seja condenado ao atraso e ao subdesenvolvimento. Essa não é a nossa

sina nem poderá ser o nosso destino!

Por fim, o social não pode ser tratado como um apêndice do econômico, mas como parte integrante de um processo mais amplo e equitativo de desenvolvimento socioeconômico.

Desenvolver ações de cunho compensatório e assistencialista atenua, momentaneamente, as carências mais imediatas, mas não resolve de maneira definitiva os problemas sociais. Há que se conceber uma política de redistribuição efetiva da renda, acoplada ao crescimento

consistente, equilibrado e harmônico da economia.

Finalizo este texto apresentando, a seguir, parte de discurso do ex-presidente Juscelino Kubitschek:

"Carecemos, em primeiro lugar, de uma nova política da qual decorra a articulação e execução de enérgicas medidas de natureza concreta.

ta. Sabemos, todos nós, que urge acompanhar o ritmo do mundo moderno, que não podemos viver apenas de vagas aspirações, quando temos diante de nós uma grande e bem definida tarefa. Essa há de ser também um ideal, obrigação, ponto de honra e dever. Não mais consentiremos, sem desdouro, que continuem na miséria, vegetando em condições atentatórias aos nossos



TAXA DE JUROS REAL PRATICADA NO BRASIL PERÍODO DE 2001 A 2024



TAXA DE JUROS REAL PRATICADA NOS ESTADOS UNIDOS PERÍODO DE 2001 A 2024

| Ano | FED FUNDS RATE Média Anual-% a.a. | CPI-% a.a. | TAXA DE JUROS REAL % a.a. |
|------|--------------------------------------|------------|------------------------------|
| 2001 | 3,90 | 1,60 | +2,26 |
| 2002 | 1,67 | 2,48 | -0,79 |
| 2003 | 1,12 | 2,04 | -0,90 |
| 2004 | 1,35 | 3,34 | -1,93 |
| 2005 | 3,20 | 3,34 | -0,14 |
| 2006 | 4,96 | 2,52 | +2,38 |
| 2007 | 5,05 | 4,11 | +0,90 |
| 2008 | 2,08 | -0,02 | +2,10 |
| 2009 | 0,25 | 2,81 | -2,49 |
| 2010 | 0,25 | 1,44 | -1,17 |
| 2011 | 0,25 | 3,06 | -2,73 |
| 2012 | 0,25 | 1,76 | -1,48 |
| 2013 | 0,25 | 1,51 | -1,24 |
| 2014 | 0,25 | 0,65 | -0,40 |
| 2015 | 0,26 | 0,64 | -0,38 |
| 2016 | 0,51 | 2,05 | -1,51 |
| 2017 | 1,10 | 2,13 | -0,88 |
| 2018 | 1,91 | 2,00 | -0,09 |
| 2019 | 2,28 | 2,32 | -0,04 |
| 2020 | 0,54 | 1,30 | -0,75 |
| 2021 | 0,25 | 7,18 | -6,47 |
| 2022 | 2,02 | 6,41 | -4,33 |
| 2023 | 5,23 | 3,32 | +1,84 |
| 2024 | 5,27 | 2,90 | +2,30 |

Fonte: FED/LCA Consultores Elaboração: MinasPart Desenvolvimento/MercadoComum

| Ano | TAXA SELIC Média Anual-% a.a. | TAXA DE INFLAÇÃO IPCA (% a.a.) | TAXA DE JUROS REAL |
|---------------|----------------------------------|-----------------------------------|-----------------------|
| 2001 | 17,63 | 7,67 | 9,24 |
| 2002 | 19,48 | 12,53 | 6,18 |
| 2003 | 23,08 | 9,30 | 12,61 |
| 2004 | 16,44 | 7,60 | 8,21 |
| 2005 | 19,15 | 5,64 | 12,73 |
| 2006 | 15,10 | 3,14 | 11,60 |
| 2007 | 11,98 | 4,46 | 7,20 |
| 2008 | 12,54 | 5,90 | 6,27 |
| 2009 | 9,92 | 4,31 | 5,37 |
| 2010 | 10,00 | 5,91 | 3,86 |
| 1 - Acumulada | 320,91 | 89,74 | 121,69 |
| - Média Anual | 15,53 | 6,65 | 8,33 |
| 2011 | 11,79 | 6,50 | 4,97 |
| 2012 | 8,46 | 5,84 | 2,48 |
| 2013 | 8,44 | 5,91 | 2,39 |
| 2014 | 11,02 | 6,41 | 4,34 |
| 2015 | 13,58 | 10,67 | 2,63 |
| 2016 | 14,17 | 6,29 | 7,41 |
| 2017 | 9,92 | 8,95 | 6,77 |
| 2018 | 6,56 | 3,75 | 2,72 |
| 2019 | 5,96 | 4,31 | 1,58 |
| 2020 | 2,81 | 4,52 | -1,63 |
| 2021 | 4,81 | 10,06 | -4,77 |
| 2022 | 12,63 | 5,78 | 6,47 |
| 2023 | 13,25 | 4,62 | 8,25 |
| 2024 | 10,92 | 4,83 | 5,80 |
| 2 - Acumulada | 258,15 | 113,64 | 69,30 |
| - Média Anual | 9,59 | 6,03 | 4,17 |
| 3 - Acumulada | 1.407,51 | 305,36 | 275,31 |
| (1+2) | | | |
| - Média Anual | 12,07 | 6,30 | 5,98 |

Fonte: IBGE/Bacen/LCA Consultores/MinasPart Desenvolvimento

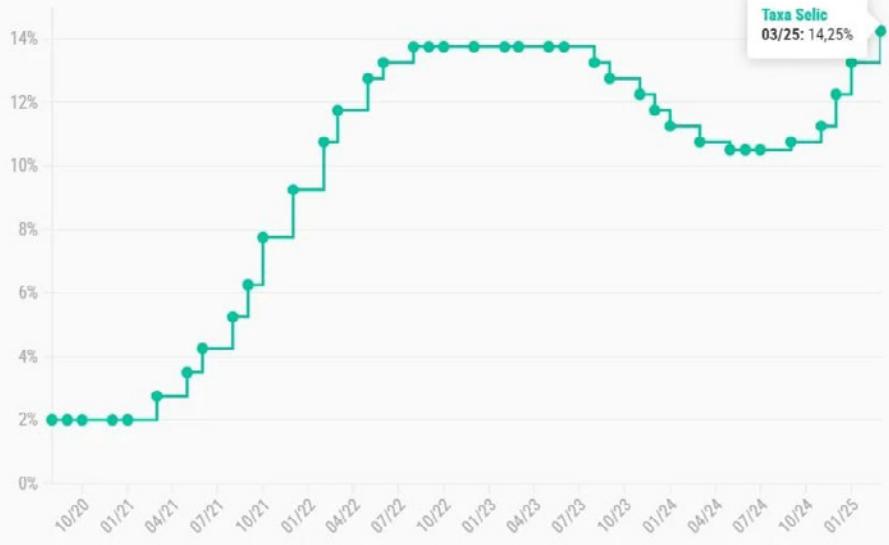
princípios mais caros de respeito à pessoa humana, esses milhões de seres que o destino fez cidadãos do Novo Mundo.

A nossa verdadeira causa, a causa que nos reclama e congrega, não pode deixar de ser prioritariamente a da nossa prosperidade, a da nossa melhoria, a da libertação de parte considerável de nossas populações ainda privadas dos elementos indispensáveis a uma existência condigna, à altura dos ideais de bem-estar individual e coletivo que inspiram a democracia. Não podemos estar sinceramente integrados em qualquer pensamento, sistema ou linha de ideias que não signifique, ao mesmo tempo, uma garantia para nossa liberdade e um caminho para nossa segurança. Por amarga experiência própria, já nos convencemos de que os países que só podem tirar o seu sustento da extração e comércio de matérias-primas, são países condenados à dependência econômica, à estagnação, a um incerto e perigoso futuro. Nossa determinação de promover o desenvolvimento e incrementar o processo de industrialização do país não decorre de uma ambição excessiva, mas da nossa convicção de que estaremos em pe-

Histórico recente dos juros básicos no país

Selic chegou ao maior patamar desde 2016

Datas referentes a cada reunião do Copom



Costumo voltar atrás, sim. Não tenho compromisso com o erro.

Juscelino Kubitschek



rigo, como nação, se agirmos de outro modo.

Sabemos que, em todas as atividades da produção que constituem fontes de divisas, teremos de enfrentar

as competições de países em que o trabalho é mais bem apoiado mecanicamente, ou recebe remuneração inferior, porque menos livre. Não ignoramos as graves ameaças que pesam sobre nós em ra-

zão de uma tecnologia a que não temos ainda acesso e que não reconhece limites às suas possibilidades. Sentimos o risco de não recuperarmos a distância perdida, se nada fizermos para romper os isolamentos nacionais e concertar uma ação unida, que evite a dispersão ou a duplicação inútil de energia".

Texto do discurso realizado, no Palácio do Itamaraty, analisando a política externa, durante reunião da Comissão Brasileira da Operação Pan-Americana continental – Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1959 – extraído da coletânea de 3 livros intitulada JK – Profeta do Desenvolvimento, de minha autoria

*CARLOS ALBERTO TEIXEIRA DE OLIVEIRA

Administrador, Economista e Bacharel em Ciências Contábeis, com vários cursos de pós graduação no Brasil e exterior. Ex-Executive Vice-Presidente e CEO do Safra National Bank of New York, em Nova Iorque, Estados Unidos. Ex-Presidente do BDMG-Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais e do Banco de Crédito Real de Minas Gerais; Foi Secretário de Planejamento e Coordenação Geral e de Comércio, Indústria e Mineração; e de Minas e Energia do Governo de Minas Gerais; Também foi Diretor-Geral (Reitor) do Centro Universitário Estácio de Sá de Belo Horizonte; Ex-Presidente do IBEF Nacional – Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças e da ABDE-Associação Brasileira de Desenvolvimento; Atualmente é Coordenador Geral do Fórum JK de Desenvolvimento Econômico; Presidente da ASSEMG-Associação dos Economistas de Minas Gerais. Presidente da MinasPart Desenvolvimento Empresarial e Econômico, Ltda. Vice-Presidente da ACMinas – Associação Comercial e Empresarial de Minas. Presidente/Editor Geral de MercadoComum. Autor de vários livros, como a coletânea intitulada "Juscelino Kubitschek: Profeta do Desenvolvimento".

Brasil já registra, neste início de 2025, a maior fuga de dólares da história

US\$ 15,8 bilhões deixaram o país no 1º trimestre, superando o ano da pandemia; somente em março a saída foi de US\$ 8,3 bilhões



O Brasil registrou a maior saída de dólares de sua história durante primeiro trimestre de 2025, registrando-se US\$ 15,8 bilhões deixando o país nesse período. O valor supera a saída de dólares ocorrida verificada no auge da pandemia de Covid-19 em 2020, de acordo com dados divulgados pelo Banco Central no início de abril.

Além disso, antes do saldo desse mês, o recorde anterior ocorreu no primeiro trimestre de 1999, quando US\$ 13,7 bilhões saíram do país.

Apenas em março deste ano, a saída de dólares totalizou em US\$ 8,3 bilhões. Este também é o maior valor mensal já registrado desde o início da série histórica em 1982. O recorde anterior para o mesmo mês ocorreu em março de 2020, quando a saída foi de US\$ 6,6 bilhões.

No acumulado do trimestre, as retiradas somaram US\$ 23,1 bilhões

BRASIL – RESERVAS CAMBIAIS CONCEITO INTERNACIONAL DE LIQUIDEZ – FMI - De 2011 a 2024

| Ano | US\$ Bilhões |
|----------|--------------|
| 2011 | 352,01 |
| 2012 | 373,15 |
| 2013 | 358,81 |
| 2014 | 363,55 |
| 2015 | 356,46 |
| 2016 | 365,02 |
| 2017 | 373,97 |
| 2018 | 374,72 |
| 2019 | 356,85 |
| 2020 | 355,62 |
| 2021 | 362,20 |
| 2022 | 324,70 |
| 2023 | 355,03 |
| 2024 | 329,73 |
| Mar 2025 | 336,16 |

Fonte: Bacen. Elaboração: MinasPart
Desenvolvimento MercadoComum

pelo canal financeiro e entraram US\$ 7,3 bilhões pelo segmento comercial, resultando no fluxo cambial negativo. Já em março, a saída decorreu de uma

retirada de US\$ 12,8 bilhões da conta financeira e um saldo positivo de US\$ 4,5 bilhões na conta comercial.

Esse movimento foi verificado em meio ao de incertezas e tensões relacionadas à política dos Estados Unidos de taxação do comércio internacional.

No último mês, o mercado ainda aguardava o anúncio do presidente Donald Trump sobre as tarifas recíprocas, que só foram anunciadas no dia 2 de abril.

No 1º trimestre, o saldo do fluxo cambial ficou negativo em US\$ 15,8 bilhões. Superou a saída da moeda norte-americana em 2020, ano da pandemia de covid-19. Os dados são do BC (Banco Central). Eis a íntegra do relatório (PDF – 97 kB). A saída de dólares do país foi a mais intensa da série histórica, iniciada em 1982. No 1º trimestre de 2020, no início da pandemia de covid-19, o fluxo cambial foi negativo em US\$ 11,4 bilhões.

O fluxo cambial é divulgado semanalmente pela autoridade monetária, pelo relatório "Movimento de Câmbio Contratado". Registra a entrada e saída do dólar no país através da soma dos contratos de compra e venda de moeda estrangeira dos bancos comerciais com o mercado não financeiro.

A saída de dólares foi de US\$ 23,1 bilhões no canal financeiro, que inclui dados de remessas de lucros e dividendos ao exterior e outros. O segmento comercial (exportações e importações) teve entrada líquida de US\$ 7,3 bilhões.

A fuga da moeda estrangeira é registrada durante o aumento das incertezas e tensões em relação à política dos Estados Unidos de taxação do comércio internacional. A saída recorde anterior era do 1º trimestre de 1999. Somou US\$ 13,7 bilhões no período. Por outro lado, a maior entrada de recursos de janeiro a março foi em 2011, quando totalizou US\$ 35,6 bilhões.

Em março de 2025, o país registrou a saída de US\$ 8,3 bilhões e essa também foi a maior retirada de recursos da série histórica, iniciada em 1982. Havia sido de US\$ 6,6 bilhões em 2020, o 1º mês da pandemia de covid-19 e responsável pelo recorde anterior.

Relatórios do Banco Central registram a saída de US\$ 12,8 bilhões na conta financeira. Na conta comercial, que inclui as exportações e importações, o saldo foi positivo em US\$ 4,5 bilhões. O levantamento não considera os contratos de câmbio interbancários assim como intervenções e operações externas do Banco Central. A conta comercial exclui os seguintes itens: exportação de mercadorias; importação de mercadorias; operações back-to-back; encomendas internacionais; ajustes em transações comerciais; aquisição de mercadorias entregues no país; e aquisição de mercadorias entregues no exterior. Já o segmento financeiro inclui informações de renda, como remessas de lucros e dividendos ou investimentos.

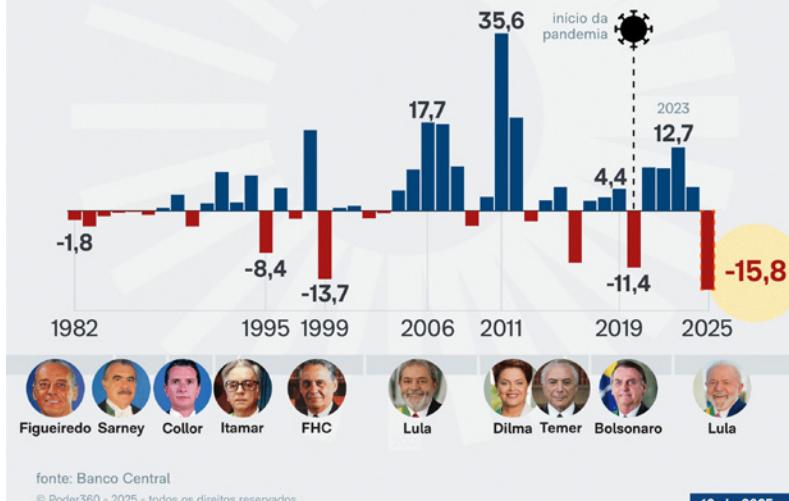
Fonte: Bacen - Poder 360 - Valor

US\$ 15,8 BILHÕES DEIXARAM O BRASIL NO 1º TRIMESTRE

trajetória do saldo da movimentação cambial no 1º trimestre de cada ano (em US\$ bilhões)



saída do 1º trimestre de 2025 superou o ano da pandemia, quando totalizou US\$ 11,4 bilhões



10.abr.2025

BRASIL TEM MAIOR FUGA DE DÓLARES PARA MARÇO DA HISTÓRIA

trajetória do saldo da movimentação cambial para meses de março (em US\$ bilhões)



fuga foi de US\$ 8,3 bilhões, superando o 1º mês da pandemia de covid-19



10.abr.2025

Transporte rodoviário de cargas sofre com infraestrutura precária e aumento de custos operacionais

Com carência de investimentos, torna-se urgente e imprescindível um plano logístico nacional

O Brasil tem enfrentado sérios entraves logísticos que comprometem sua competitividade e elevam os custos do transporte de cargas. De acordo com o Acórdão 2000/2024, divulgado recentemente pelo Tribunal de Contas da União (TCU), o país investe menos da metade em infraestrutura voltada ao transporte, em comparação a outros países de nível econômico semelhante. O impacto direto dessa defasagem aparece nos números: em 2022, cerca de 13% do Produto Interno Bruto (PIB) foi consumido por despesas logísticas, somando R\$ 1,3 trilhão — quase o dobro da média registrada em países desenvolvidos. Para a indústria, o frete chega a representar 15% do valor final do produto.

Embora o modal rodoviário concentre mais de 60% da movimentação de cargas no Brasil, ele segue operando em condições precárias. O relatório ainda aponta que as políticas públicas continuam priorizando o escoamento de commodities para exportação, enquanto o transporte rodoviário destinado ao mercado interno carece de investimentos, planejamento e atenção. O resultado é um sistema sobrecarregado, com rodovias mal conservadas, inseguras e pouco eficientes, o que eleva os custos e compromete a competitividade nacional.

Para José Alberto Panzan, diretor da Anacirema Transportes e presidente do Sindicato das Empresas de Transporte de Cargas de Campinas e Região (SINDICAMP), o foco das políticas públicas está desalinhado com a realidade do setor. “Não podemos mais tratar infraestrutura como um problema crônico, e sim como uma prioridade nacional. Cada real investido de forma inteligente nesse setor representa ganho em produtividade, geração de empregos e competitividade de mercado”, afirma.



Para além das rodovias em más condições, outros gargalos vêm impactando diretamente os custos e a eficiência do transporte rodoviário de cargas. O executivo também destaca: “A baixa intermodalidade, a superlotação dos portos, a falta de centros de distribuição e a burocracia são barreiras silenciosas que pesam na operação. Some-se a isso a escassez de mão de obra qualificada e a adoção limitada de tecnologia, e temos um cenário de atraso logístico que onera toda a cadeia produtiva”, explica.

A ausência de planejamento de longo prazo por parte do poder público é outro fator apontado como crítico. Sem diretrizes claras e investimentos contínuos, as empresas enfrentam dificuldades para prever e controlar seus custos operacionais. “Ficamos vulneráveis a aumentos inesperados, desvios de rotas e manutenções emergenciais. Isso compromete a previsibilidade e dificulta o planejamento financeiro, tanto para transportadoras quanto para embarcadores”, observa Panzan.

Segundo a Pesquisa CNT de Rodovias 2024, 67,5% da malha pavimentada no Brasil apresenta algum tipo de deficiência, seja no pavimento, na sinalização

ou na geometria da via. O estudo reforça a necessidade urgente de investimentos contínuos para garantir melhores condições de trafegabilidade, segurança e eficiência no transporte rodoviário. Diante desse cenário, a modernização da infraestrutura já existente se mostra como uma das alternativas mais eficazes no curto e médio prazo.

“Modernizar é mais barato e mais rápido do que construir do zero. Investir em manutenção, tecnologia de rastreamento e gestão integrada aumenta a produtividade e reduz o desperdício. Não faz sentido abrir novas frentes se o básico continuar abandonado”, pontua o executivo.

Além disso, José Alberto Panzan ressalta a importância de as empresas estarem alinhadas aos sindicatos de base, que atuam ativamente na representação do setor junto ao poder público. “Levamos as demandas reais do setor aos governos estadual e federal, sempre com foco em soluções práticas e viáveis. Nossa papel é mostrar que, sem logística eficiente, não há competitividade possível”, reforça.

Com planejamento estratégico, investimentos consistentes e diálogo institucional, é possível construir uma infraestrutura à altura das demandas do país e garantir mais eficiência, competitividade e desenvolvimento sustentável para o transporte de cargas.

“Não se trata apenas de atender às necessidades do presente, mas de preparar o setor para o futuro. Precisamos de uma visão de longo prazo que une responsabilidade pública, compromisso empresarial e ações concretas. Só assim conseguiremos transformar a logística brasileira em um verdadeiro motor de desenvolvimento”, conclui Panzan.

Nota de repúdio de Luciano Hang a decisão judicial

Luciano Hang, proprietário das Lojas Havan divulgou à imprensa, no dia 10 de abril, a seguinte nota de repúdio a uma decisão judicial, considerada por ele como absurda:



“É lamentável e absurda a decisão proferida pelo juiz Fabrício Martins Veloso, que condenou a Havan ao pagamento de uma indenização por um suposto “assédio eleitoral”. É uma decisão política e sem qualquer base na realidade.

O mais grave de tudo isto é que a ex-funcionária se ampara em documentos e situações de 2018, sendo que ela só foi contratada em fevereiro de 2020 e desligada em abril de 2022, ou seja, na vigência do contrato de trabalho não houve período eleitoral que sustentem as alegações, fundamentadas em fatos que não foram citados no processo, e com o testemunho de uma outra ex-funcionária que perdeu o processo, sob as mesmas alegações, processo este, inclusive, já encerrado.

O meu posicionamento político sempre foi público, transparente e

amplamente divulgado pela imprensa, seguindo meu direito de liberdade de expressão. Mesmo assim, essa ex-funcionária aceitou trabalhar na empresa, permaneceu por mais de dois anos e, só agora, distorce os fatos para obter vantagem financeira.

A sentença menciona, como se fosse prova de coação, o fato de os caixas das nossas lojas não utilizarem o número 13, sendo que isso é por uma questão pessoal minha. Usar isso como justificativa para condenação é um verdadeiro escárnio jurídico, julgamento extra petita, em que o juiz foi além do que podia, mostrando mais uma vez uma imparcialidade no julgamento do processo, pois isso sequer foi citado pela ex-funcionária na petição inicial.

Infelizmente, alguns membros da Justiça têm lado. Usam o poder da cuneta para fazer ativismo, e não justi-

ça. E o pior, fazem isso atacando quem pensa diferente, quem trabalha, gera empregos para mais de 22 mil pessoas, e paga impostos altíssimos para sustentar a máquina pública.

O ambiente de trabalho é para isso: para trabalhar. O que estamos vendo hoje é uma inversão de valores. Tem gente que não quer mais trabalhar, quer ganhar dinheiro fácil às custas de processos absurdos, e ainda encontra respaldo em decisões como essa.

Não aceito calado esse tipo de perseguição. Não aceito o errado como se verdadeiro fosse. Já recorremos da decisão, da qual confio na análise sempre atenta e justa dos desembargadores do Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região, para que essa sentença seja revista e reformada, assim como já aconteceu em outros casos semelhantes.”

Quando nem as auditorias são confiáveis, o que sobra para o investidor?

Nicole Berto

Nicole Berto é Executiva do Instituto Empresa (www.institutoempresa.com.br), Mestre em Ciências Sociais pela Universidade de Glasgow, Reino Unido.

Todo investidor tem algumas crenças estruturantes. Afinal, investir é confiar. Uma dessas expectativas é que os números, balanços e dados apresentados pela empresa investida sejam regulares. E que exista uma estrutura de controle, supervisão e sanção que garanta a fidedignidade destes dados.

Neste contexto, atuam as Auditorias. Elas deveriam exercer controle, externo e independente, sobre dados comunicados ao mercado. Afinal, essas auditorias são realizadas por empresas especializadas, que deveriam assegurar a veracidade dos números apresentados. Não se trata de serem investigadores de fraudes, mas de, ao menos pontuarem fragilidades e inconsistências alertando ao investidor.

No entanto, os recentes acontecimentos envolvendo gigantes da auditoria, como a KPMG, PwC e EY, abalaram essa confiança.

Recentemente, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) condenou a KPMG a pagar uma indenização milionária a um investidor. A decisão ocorreu porque a KPMG aprovou, sem ressalvas, os balanços de um banco que posteriormente enfrentou sérios problemas financeiros. Essa aprovação induziu investidores a acreditarem na solidez da instituição, resultando em prejuízos significativos quando a realidade veio à tona.

A Superintendência de Seguros Privados (Susep) também aplicou multas à PwC e aos seus auditores por falhas na auditoria das demonstrações contábeis do IRB Brasil Resseguros S/A. Essas falhas contribuíram para que



investidores confiassem em informações financeiras que não refletiam a real situação da empresa, resultando em prejuízos bilionários.

A EY também foi penalizada no mesmo caso. A Susep impôs sanções à Ernst & Young Serviços Atuariais S/S (EY) e a três de seus profissionais devido a infrações cometidas na auditoria atuarial independente das demonstrações financeiras do IRB em 2019. As análises apontaram que a auditoria não observou elementos críticos na avaliação das provisões técnicas, resultando em multas superiores a R\$ 1 milhão e na inabilitação de um dos auditores por mais de quatro anos.

O Instituto Empresa, que há anos monitora e denuncia irregularidades no mercado, já havia apontado a necessidade de os investidores estejam mais atentos ao papel das auditorias. O Instituto questiona a relação de dependência entre auditor e auditado. Como pode uma auditoria ser imparcial se seu cliente é a própria empresa que deve fiscalizar? Para além disso, as Auditorias não podem se esconder sob laudos cheios de

cláusulas de exclusão de responsabilidade. Ainda que não devam procurar fraudes, devem, ao contrário, se deixar encontrar por elas e não hesitar em ressalvar balanços.

Uma sugestão urgente seria dar mais autonomia aos Conselhos Fiscais das Companhias. Eles são órgãos independentes, que não se submetem aos controladores. As Auditorias externas deveriam ser contratadas por eles e não pela própria Companhia.

Esses episódios nos fazem questionar: se não podemos confiar plenamente nas auditorias realizadas por empresas renomadas, como podemos, enquanto investidores, nos proteger? O mínimo que se espera é que balanços auditados sejam conferidos com rigor, sem conivência com empresas problemáticas.

É essencial que auditorias cumpram seu papel com transparência e independência. Afinal, quando esse pilar falha, o maior prejudicado não é a empresa auditada – é o investidor que confiou nesses números e colocou seu dinheiro em risco.

Impostômetro 20 anos: estudo inédito aponta que, em duas décadas, R\$ 40 trilhões foram pagos em impostos pela população brasileira

Números levantados pelo Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação (IBPT), em parceria com a Associação Comercial de São Paulo, apontam R\$ 40 trilhões arrecadados e sem retorno para a população



Estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação (IBPT), em parceria com a Associação Comercial de São Paulo (ACSP), revela que, em 20 anos de Impostômetro, os brasileiros já pagaram R\$ 40 trilhões em impostos municipais, estaduais e federais. O painel, instalado no prédio da ACSP, localizado na rua Boa Vista, 51, no centro histórico da capital paulista, completou duas décadas de atividades no último dia 20 de abril.

O Brasil ocupa o 24º lugar no ranking dos países com as maiores cargas tributárias do mundo. Para se ter uma ideia real da cifra arrecadada, seria possível comprar 575.575.043 casas populares, construir 61.595.385 escolas públicas, adquirir 130.032.478 ambulâncias, 50.914.986.965 de cestas básicas e 25.023.125 leitos hospitalares, entre

outros itens essenciais.

Os impostos sobre o consumo representam a maior parte da arrecadação total de tributos. Em 2024, com a carga tributária subindo para 32,32% do PIB, os impostos alcançaram 13,91% do produto interno bruto, indicando uma leve elevação na sua participação relativa, possivelmente entre 41% e 43% da arrecadação total, impulsionada por fatores como o fim de isenções sobre combustíveis. No ano passado, o Impostômetro registrou mais de R\$ 3,6 trilhões, cerca de 32,20% do PIB.

SETORES DA ECONOMIA QUE MAIS PAGAM IMPOSTOS

1. Indústria (30%-35%)
2. Comércio (25%-30%)
3. Serviços (20%-25%)
4. Energia (10%-15%)
5. Agroindústria (8%-12%)

“O Impostômetro cumpre seu papel de transparência com a população mostrando as cifras exorbitantes dos tributos pagos pelos brasileiros. Esses R\$ 40 trilhões em impostos poderiam ser revertidos em serviços de qualidade para a sociedade. Nossa compromisso de agora em diante é reforçar esse monitoramento e cobrar ações do poder público, comenta Roberto Mateus Ordine, presidente da Associação Comercial de São Paulo.

PROJEÇÃO DE COMO A REFORMA TRIBUTÁRIA PODE IMPACTAR NA ARRECADAÇÃO E NA ECONOMIA NOS PRÓXIMOS ANOS:

2026-2029: arrecadação estável ou com leve queda líquida devido a isenções e cashback, mas com crescimento econômico tímido (0,5% a 1% adicional ao PIB anual) à medida que empresas se adaptarem.

2030-2032: aumento gradual da arrecadação à medida que o sistema se consolida, com PIB crescendo até 2% ao ano além da média, puxado por investimentos.

Pós-2033: arrecadação potencialmente 10% a 15% maior que o cenário sem reforma, devido à base tributável ampliada, com PIB 12% a 20% maior em 15 anos, como projetado, se a eficiência prometida se concretizar.



30 anos do Prêmio Top of Mind MercadoComum - Marcas de Sucesso Minas Gerais

Confirmada. A solenidade de premiação, seguida de jantar de gala, ocorrerá nos salões do Automóvel Clube de Minas Gerais, em Belo Horizonte-MG – às 19 horas do dia 20 de maio.

A premiação das Marcas vencedoras ocorrerá às 19 horas, do dia 20 de maio, nos salões do Automóvel Clube de Minas Gerais, em Belo Horizonte - MG e, após a solenidade, acontecerá o tradicional "Jantar de Confraternização" para 400 convidados especiais.

O 30º Top of Mind – Marcas de Sucesso – Minas Gerais tem por objetivo premiar as principais marcas do Estado apuradas por pesquisa de opinião no ano de 2025. Para tanto, fez-se necessário realizar um minucioso estudo visando analisar o índice de lembrança espontânea de diferentes marcas, em 36 diferentes segmentos, junto à população mineira.

MercadoComum que ora está completando 32 anos circulará, no mês de junho, com uma edição impressa e outra eletrônica especial, contendo o descriptivo da pesquisa e a sua metodologia, além de maté-



rias jornalísticas específicas sobre as empresas vencedoras, destacando-se a importância e o relevante papel exercido por esta iniciativa, que é também o de procurar ampliar a divulgação da imagem econômica e social de Minas, aumentando as chances de atração de novas empre-

sas para o Estado e de amplificar os negócios daquelas aqui já presentes. As edições eletrônicas em PDF de MercadoComum são encaminhadas diretamente, via e-mail, a um público superior a 120 mil formadores de opinião em Minas e em todo o país. As suas edições online e páginas na

internet foram, no acumulado do ano de 2024, visualizadas por cerca de 35 milhões de pessoas, em todo o país e no exterior, de acordo com estudos efetuados pelo Google Search Analytics.

O “Top of Mind” é uma das medidas mais tradicionais no âmbito do marketing e da propaganda. Sua tradução literal significa “topo da mente” e indica o percentual com que uma determinada população cita uma marca em primeiro lugar, quando solicitada a pensar em uma categoria específica de produtos ou serviços. Considerando as experiências e o conhecimento de cada consumidor, essa métrica expressa as marcas preferidas, mais próximas e/ou mais associadas a uma determinada categoria e pode ser considerado um indicador de desempenho das estratégias de branding e do valor de marca (brand equity).

Para que o estudo Top of Mind capture o índice de lembrança de modo fidedigno, todas as perguntas feitas pelos entrevistadores são abertas e espontâneas. Isto é, o entrevistado responde o que vem à mente, sem nenhum tipo de estímulo. Sendo assim, os pesquisadores são instruídos a não realizarem nenhum tipo de explicação e nem apresentarem exemplos sobre os segmentos ou categorias pesquisadas.

O Prêmio Top of Mind de Minas Gerais, que neste ano completa três décadas, reconhece as Marcas de Sucesso do Estado, escolhidas por critérios eminentemente técnicos através de pesquisa de opinião, recomendada com exclusividade, por MercadoComum. A Jumppi Inteligência e Pesquisa foi, novamente, selecionada para realizar a coleta de dados e a análise dos resultados deste ano.

Para o levantamento das cidades que compõem a amostra da pesquisa, a Jumppi utilizou o Índice de Po-

Excelência



Expressão



Liderança



OS NÚMEROS DO TOP OF MIND EM MINAS GERAIS

Durante os 30 anos deste estudo:



40.434

Entrevistas realizadas



1.621

Segmentos pesquisados



2.540

Marcas premiadas em diversas categorias

Estão previamente classificadas como “Marcas Top do Top of Mind de Minas Gerais de 2025”:

- Biscoitos Aymoré;
- Café 3 Corações;
- Colchões Ortobom;
- Drogaria Araújo;
- Instituto Hermes Pardini;
- Livraria Leitura;
- Localiza;
- Tintas Suvinil;
- Planos de Saúde Unimed-BH e Unimed-Federação MG;
- Supermercados BH.

tencial de Consumo (IPC Maps) que apresenta o detalhamento, em valores absolutos, do potencial de consumo em 853 municípios do estado de Minas Gerais. A amostra para o presente estudo considerou os cinquenta municípios com maior potencial de consumo a partir do IPC.

A coleta de dados ocorreu durante o mês de fevereiro - realizada por meio de entrevistas telefônicas e presenciais, sendo o instrumento de pesquisa programado a partir de sistema eletrônico. Cabe evidenciar que todas as respostas das entrevistas são espontâneas, isto é, não foram apresentadas opções aos entrevistados.

A pesquisa contou com 1.558 en-

trevistas, 1.152 das quais no Interior do Estado e 406 na Capital) compreendendo os 50 maiores municípios de Minas Gerais representativos de mais da metade da população total estadual e do potencial de consumo estadual, de acordo com levantamento efetuado pelo IPC-Maps, conforme já mencionado anteriormente.

A pergunta-chave e considerada como básica da pesquisa, junto aos entrevistados é: "Qual é a primeira marca que lhe vem à cabeça, quando se fala, por exemplo: feijão?". Os resultados obtidos ganham relevância bastante especial no meio empresarial, de marketing e de comunicação, pois se transformam numa série histórica importante sob o ponto de vista mercadológico.

A margem de erro foi estipulada em 2,5 pontos percentuais (para mais e/ou para menos) e o nível de confiança do estudo é de 95%.

Os segmentos econômicos pesquisados foram: - Alimentos e Bebidas; - Compras e Construção; - Comunicação, Internet e Lazer; - Finanças e Transportes; - Saúde.

Neste ano, estarão sendo premiadas 61 Marcas em quatro categorias distintas, apuradas após validados 36 itens da pesquisa realizada. Carro Fiat e Planos de Saúde Unimed são as únicas Marcas participantes desde o início deste evento e acumulam, desde então, 29 troféus consecutivos cada uma.

MARCAS VENCEDORAS DO 30º PRÊMIO TOP OF MIND – MERCADOCOMUM – MARCAS DE SUCESSO – MINAS GERAIS – 2025

POR ORDEM ALFABÉTICA

| Marca | Segmento | Categoria |
|-------------------|---------------------------------|------------|
| 3 CORAÇÕES | Café | Excelência |
| 51 | Cachaça | Excelência |
| ARAUJO | Drogaria | Excelência |
| AYMORÉ | Biscoitos | Excelência |
| BANCO DO BRASIL | Banco/Inst. Financeira | Liderança* |
| BAUDUCCO | Biscoitos | Expressão |
| BH SHOPPING | Shopping Center (BH) | Expressão |
| BRAHMA | Cerveja | Liderança |
| BRAUNAS | Tijolos (BH) | Excelência |
| BYD | Carro Elétrico | Excelência |
| CAIXA | Banco/Inst. Financeira | Liderança* |
| CAMIL | Arroz | Expressão* |
| CASAS BAHIA | Loja Prods. Eletrod/Eletrônicos | Liderança |
| CAUÉ | Cimento | Liderança |
| CIMED | Medicamento Genérico | Expressão* |
| CLARO | Provedor de Internet | Expressão* |
| CORAL | Tintas | Expressão |
| CRISTAL DE MINAS | Açúcar | Excelência |
| ESTADO DE MINAS | Jornal Mineiro | Liderança |
| FIAT | Carro Nacional | Excelência |
| GERDAU | Aço | Liderança |
| HEINEKEN | Cerveja | Expressão* |
| HERMES PARDINI | Labor. Análises Clínicas (BH) | Excelência |
| IPIRANGA | Posto de Combustíveis | Liderança* |
| ITATIAIA | Emissora de Rádio | Liderança |
| ITAÚ | Banco/Inst. Financeira | Liderança* |
| MAGAZINE LUIZA | Loja Prods. Eletrod/Eletrônicos | Liderança |
| MATER DEI | Hospital (BH) | Expressão |
| MEDLEY | Medicamento Genérico | Expressão* |
| MERCADO LIVRE | Site de Compras | Liderança* |
| MERCEDES BENZ | Caminhão | Expressão* |
| MINAS SHOPPING | Shopping Center (BH) | Liderança |
| MINAS TÊNIS CLUBE | Clube Recreativo (BH) | Expressão* |

| Marca | Segmento | Categoria |
|------------------|------------------------------|------------|
| NUBANK | Banco/Inst. Financeira | Expressão |
| ORTHOCRIN | Colchão | Expressão |
| ORTOBOM | Colchão | Liderança |
| O TEMPO | Jornal Mineiro | Expressão* |
| PORTO SEGURO | Seguradora/Seguros | Liderança |
| PRATIQUE | Academia de Ginástica (BH) | Liderança |
| PRATO FINO | Arroz | Liderança |
| PROSEGUR | Emp. Transp. Vals. Segurança | Liderança |
| ROMMANEL | Joalheria | Liderança* |
| SADIA | Alimentos Congelados | Liderança |
| SALINAS | Cachaça | Expressão |
| SANTA AMÁLIA | Macarrão/Massas | Expressão |
| SESC | Clube Recreativo (BH) | Expressão* |
| SHELL | Posto de Combustíveis | Liderança* |
| SHOPEE | Site de Compras | Liderança* |
| SCANIA | Caminhão | Expressão* |
| SKOL | Cerveja | Expressão* |
| SMART FIT | Academia de Ginástica (BH) | Expressão |
| SUPERMERCADOS BH | Supermercado | Excelência |
| SUPERNOTÍCIA | Jornal Mineiro | Expressão* |
| SUVINIL | Tintas | Excelência |
| TIO JOÃO | Arroz | Expressão* |
| UNIÃO | Açúcar | Expressão |
| UNIMED-BH | Plano de Saúde (BH) | Excelência |
| UNIMED-/Fed. MG | Plano de Saúde (Interior) | Excelência |
| VASCONCELOS | Arroz | Expressão* |
| VILMA | Macarrão/Massas | Excelência |
| VIVARA | Joalheria | Liderança* |
| VIVO | Provedor de Internet | Expressão* |
| VOLVO | Caminhão | Expressão* |

*Empate Técnico

**OUTRAS DISTINÇÕES
ESPECIAIS EM
COMEMORAÇÃO
AOS 30 ANOS DO PRÊMIO
TOP OF MIND - MG
APURADAS PELA PESQUISA**

**1 - MARCA MAIS AMADA
PELOS MINEIROS**

- 1º lugar:
SUPERMERCADOS BH

**2 - PRODUTO A CARA DE
BELO HORIZONTE**

- 1º lugar: *SUPERMERCADOS BH*
- 2º lugar: *PÃO DE QUEIJO*
- 3º lugar: *QUEIJO*

**3 - PRODUTO A CARA DE
MINAS GERAIS**

- 1º lugar: *PÃO DE QUEIJO*
- 2º lugar: *QUEIJO*
- 3º lugar: *CAFÉ*

**4 - POLÍTICO MINEIRO
(JÁ FALECIDO) QUE TEVE
A CARA DE MINAS GERAIS**

- 1º lugar: *Tancredo Neves*
- 2º lugar: *Juscelino Kubitschek*
- 3º lugar: *Itamar Franco*
- 4º lugar: *Newton Cardoso*

**5 - OPINIÃO DOS MINEIROS
(Favorável ou Contra)
(Divulgação ocorrerá durante
a solenidade de premiação)**

1 - *Privatização da CEMIG e COPASA*

2 - *Redução da Maioridade Penal dos 18 anos atuais*

3 - *Liberação do consumo e do porte de maconha para uso pessoal*

4 - *Porte de armas*

5 - *Voto obrigatório*

6 - *Serviço militar obrigatório aos 18 anos*

7 - *Casamento civil entre pessoas do mesmo sexo*



Este 30º Prêmio Top of Mind – MercadoComum – Marcas de Sucesso – Minas Gerais - 2025 já conta, inicialmente, com os apoios especiais da ACMinas – Associação Comercial e Empresarial de Minas; ASSEMIG-Associação dos Economistas de Minas Gerais; Fórum JK de Desenvolvimento Econômico; IBEF-MG – Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças de Minas Gerais; MinasPart- Desenvolvimento Empresarial e Econômico Ltda. e Portogallo Family Office e Investimentos.

MercadoComum circulará, no mês de junho, com uma edição impressa e outra eletrônica especial, contendo o descritivo da pesquisa e sua metodologia, além de matérias jornalísticas específicas sobre as empresas vencedoras, destacando-se a importância e o relevante papel exercido por esta iniciativa, que é também o de procurar ampliar a divulgação da imagem econômica e social de Minas, aumentando as chances de atração de novas empresas para o Estado e de amplificar os negócios daquelas aqui já presentes.

As empresas vencedoras da premiação que veicularão uma página de publicidade, nas edições especiais

de MercadoComum que circularão em junho e que participarão da solenidade de premiação, receberão uma certificação com a sua classificação na pesquisa, um troféu nominativo especialmente preparado em aço inox estilizado, bem como a pesquisa realizada, além da publicação de um descritivo institucional sobre a mesma na referida edição, e a postagem de um banner no Portal de MercadoComum na internet. Terão direito, ainda, a uma mesa de 6 lugares e convites individualizados para a solenidade e Jantar de Confraternização. Adicionalmente, também poderão ter acesso às fotos exclusivas, aos vídeos do evento, além de lhes ser permitido dar ampla divulgação às suas logomarcas e demais aspectos ligados a esta iniciativa.

Ressalte-se que a confirmação para a veiculação das publicidades deverá ocorrer, imprescindivelmente, até o dia 18 de abril e sendo do interesse das empresas de participar como anunciantes da edição especial impressa e eletrônica, deste 30º Prêmio Top of Mind, V.Sas. poderão contatar diretamente:

cato@mercadocomum.com - ou alinemercadocomum@gmail.com - Fone (31) 3281-6474



BENEFÍCIOS PARA AS EMPRESAS QUE FIZEREM UMA PÁGINA DE PUBLICIDADE NAS EDIÇÕES ESPECIAIS - IMPRESSA E ELETRÔNICA DE MERCADOCOMUM SOBRE O 30º PRÊMIO TOP OF - MARCAS DE SUCESSO DE MINAS GERAIS

1 PÁGINA DE PUBLICIDADE 20,2X 26,6 CM EM CORES;

- Disponibilização de uma mesa de seis lugares e doze convites especiais para participação na solenidade de premiação e Jantar de Confraternização;
- Exibição de um banner no Portal e edições online de MercadoComum durante 1 mês - www.mercadocomum.com - Formato 350 x 280px - Mídias permitidas: JPG, PNG, GIF e HTML
- Descritivo institucional de 1 página sobre a empresa nas edições especial Top of Mind;
- Troféu Especial em aço inox;
- Cópia completa e integral da pesquisa Top of Mind realizada;
- Acesso a fotos e vídeo do evento;
- Direito de uso da logomarca da premiação
- Distribuição de brindes e material promocional durante o evento de premiação;

Estará contente conosco e com o Brasil de nossos dias o alferes Joaquim José da Silva Xavier, encarnação da Inconfidência Mineira?

Juscelino Kubitscheck de Oliveira

ESTAMOS reunidos mais uma vez nesta nobre e austera cidade de Ouro Preto para cultuar a memória de Tiradentes, para trazer-lhe a expressão de nosso reconhecimento e também para pedir-lhe as inspirações de que tanto necessitamos todos nós, nesta hora difícil que a Pátria, de que ele foi um dos fundadores, está atravessando.

Neste ano, a festa de 21 de abril se reveste de significação particular, tendo em vista a presença ilustre do chefe da Nação Brasileira. Do presidente Getúlio Vargas, não se pode dizer que é um simples hóspede de Ouro Preto, um visitante de passagem. A cidade é bem familiar ao presidente. Aqui esteve ele na sua adolescência; filho do extremo sul do país, onde é tão ardente, militante e exaltado o amor ao Brasil, veio o presidente Getúlio Vargas estudar na antiga Capital da Província de Minas Gerais, capital histórica da Independência e da emancipação da nacionalidade. Revendo estas paisagens, que conspiraram para tornar ainda mais densa a atmosfera que envolve este mundo cheio de recordações, V. Excia. Sr presidente deve sentir-se duplamente emocionado, pois à viva memória de acontecimentos que tiveram significação definitiva para o processo de configuração do Brasil acrescenta-se, no seu espírito, a lembrança do tempo em que, estudante entre muitos estudantes, se preparava naturalmente V. Excia. para o seu grande destino político.

Saudando o presidente da República do Brasil em nome do povo mineiro e do seu governo, como hóspede de Vila Rica, faço-o certo de que estou me dirigindo a



alguém intimamente ligado à nossa Província por laços profundos, por muitas afinidades de temperamento e de sentimentos. Vindo a Ouro Preto, o eminentíssimo chefe da Nação reafirma o carinho que sempre dedicou ao episódio supremo da história cívica de Minas. A S. Excia. se deve a iniciativa de promover a repatriação das cinzas dos conjurados de Vila Rica, que hoje reposam no Panteão do Museu da Inconfidência, por ele criado. Também, por sua iniciativa, foi Ouro Preto elevada à categoria de Cidade Monumento, homenagem que exprime os sentimentos de ternura e admiração que o presidente consagra à cidade severa e imponente. Capital de Minas num passado glorioso, depois de ter escutado os hinos que ressoaram entre as montanhas como se fossem o eco do palpitante de milhares de corações inflamados da mesma fé e do mesmo entusiasmo, depois de se ter projetado como sede do movimento mais belo e generoso de toda a nossa História, apresenta-se como um dos monumentos verdadeiramente glorioso do Brasil.

Conta esta solenidade, além da honrosa presença do Chefe da Nação, com a

de ilustres Ministros, insignes vultos da República e membros do Parlamento e do Judiciário, nobres representantes das Forças Armadas, das classes produtoras e trabalhadoras, dignos artistas e homens de pensamento do País. Aqui estão também ilustres governadores, homens que partilham a imensa responsabilidade e ajudar a conduzir o Brasil, à frente dos Estados que governam.

Mas não só os que materialmente vieram conviver conosco nesta hora de referência e homenagem a Tiradentes estão presentes. Presentes, pelos efeitos de solidariedade, acha-se, de fato, todo o povo brasileiro, presentes os filhos dos recantos mais longínquos do País, todos espiritualmente congregados em torno desta comemoração, que se vai tornando sempre mais significativa e que cresce de sentido e importância com a agraviação dos problemas, das angústias e inquietações da Pátria comum.

A oportunidade de se reunirem tantos cidadãos em cujos ombros pesam as responsabilidades de governo, a começar pelo Sr. presidente da República, o fato de estarem voltadas para esta fes-

ta as atenções de todo o País oferecem o ensejo de se dedicar o dia de hoje à exaltação da Unidade Nacional. É isso o que desejo propor aos que me ouvem e a todos a quem alcançar a minha palavra, não importa onde quando.

O dia de Tiradentes deve ser o dia da Unidade Nacional. Unidade não só geográfica, não só econômica, mas principalmente unidade oral, unidade de propósitos, unidade na ambição justa, unidade o desejo de conservar e defender a personalidade do Brasil.

Sim, unidade do Brasil, unidade que é o nosso maior patrimônio, a nossa riqueza maior, o nosso bem supremo, unidade que é o nosso próprio destino, o que torna possível sermos uma grande pátria, uma grande comunidade; unidade de que nos incumbe defender todos os dias, reconquistar todos os dias, preservar todos os dias e não dormir sobre as conquistas já feitas, sobre o milagre realizado por nossos antepassados; unidade que é a própria marca do Brasil, o que nos torna diferentes neste continente, o que nos permite confiar em que o nosso dia de amanhã será o de um grande e forte País, poderoso e de ânimo pacífico, abrigando um povo mais feliz mais sadio, mais assistido.

Este ambiente ouropretano, saturado de História, inspira a necessidade de palavras sinceras e de um exame de consciência. Aqui nasceu, aqui mesmo nesta cidade, a ideia de nossa independência; aqui se conspirou e houve uma heroica experiência em dias afastados e oprimidos; aqui houve dedicação e sofrimento pelo Brasil recém-nascido. Aqui conheceram amargura, perseguições, castigos, durezas de toda espécie, homens que ansiam pela autonomia da Pátria Brasileira, que se ofereceram em holocausto a uma ideia de liberdade, homens a quem cabe o título de primeiros brasileiros, historicamente, primeiros brasileiros pelas ideias e sentimentos de plenitude nacional, aqui foi trazida a cabeça de Joaquim José da Silva Xavier, depois de partido em quatro pedaços o seu corpo e espalhados os seus membros,

exatamente nos mesmos sítios em que praticou o crime de amor à Pátria. Aqui houve o sonho da nação nítida, vivendo pela sua própria vontade e pelas suas próprias forças, o sonho de alguns homens que souberam captar os anseios da terra, da nação que ainda se formava que mal ia adquirindo a sua consciência.

Esta cidade é, pois, um lugar sagrado, e é preciso que a oportunidade de falar nesta solenidade, que se realiza na mais densa atmosfera de tradição que existe no Brasil, não se dilua em palavras vãs, na repetição de votos que perderam o conteúdo, que não exprimem o que realmente sentimos neste instante do Brasil, em que é preciso manter cada vez mais viva a chama da esperança no coração dos brasileiros.

Necessitamos fazer crepituar, sim, a esperança no coração do Brasil. Seria mentir à sombra aqui presente de Tiradentes; seria faltar ao respeito que seu sacrifício nos merece; seria renegá-lo e esconder a necessidade em que estamos de uma ação constante em favor da esperança em nossa alma de povo; seria perder esta oportunidade e a emoção propícia ao exame de consciência, que se apossa de nós, na evocação do herói humilde, do homem que foi o exemplo da coragem serena, da abnegação, do sentimento da responsabilidade, da grandeza de alma diante da sorte adversa, do homem modesto que foi até o fim de seu sacrifício, que não teve limites no dom de si mesmo, feito ao ideal da independência de sua Pátria.

Estará contente conosco e com o Brasil de nossos dias o alferes Joaquim José da Silva Xavier, encarnação da Inconfidência Mineira? Estaremos justificando o sacrifício do herói, a sua morte gloriosa e infamante, e todos os perigos e todas as lágrimas derramadas nessa Inconfidência Mineira, eclosão de amor a uma pátria que dealbava apenas?

É certo que o País avançou em muitas direções, que se conservou íntegro, que caminhou muito neste meio século, que cresceu em alguns anos acelera-

damente; é certo também que o Brasil cresceu o necessário para termos a efetiva visão de tudo o que deve ser feito, de todo o trabalho que é indispensável seja empreendido a fim de que se consolide a independência do Brasil, independência que teve em Tiradentes o seu fundador e o seu maior herói.

Numa conjuntura mundial como esta, em que as nações têm de ser disciplinadas e duras para sobreviver, para enfrentar e conter a cobiça externa e a desordem interna, é um dever iniludível não permitirmos que a anemia se instale em setores fundamentais de nossa vida, e que se faça sentir a nossa capacidade de ação em todo o território da Pátria, para que não lhe faltem as bases da sua prosperidade, as fundações e alicerces da sua construção.

Não há como negar que muito já foi feito, mas a verdade é que apenas começamos a nos mover, e mal o Brasil começa a empreender a sua viagem e eis que a alguns atormenta, mais que se tempestade fosse, a calmaria, o desânimo, o torpor, o desengano, tão mais condenáveis quanto nascidos em um povo que não teve verdadeira experiência da amargura, na nação que não atingiu sua plenitude, que não disse definitivamente ao que vinha no concerto universal e não deu o seu recado ao mundo.

Defrontando o mártir como estamos agora, com o pensamento nesse que teve alma heroica e forte, que hoje aqui celebramos, forçoso é confessar que nem todos trabalham para construir o Brasil, fazê-lo erguer-se e caminhar na direção do seu destino. Diante da impaciência, da falta de vontade de viver a jovem aventura de um país em fase criadora, diante da dificuldade de crer, diante da alma necessitada de vontade e de alegria, tornam-se secundários os problemas materiais. É bem certo que a razão das soluções tardias, do desequilíbrio, das incertezas e vacilações no plano material, não teve outra origem senão na atonia do espírito, que aqui denunciamos, no cansaço precoce, na exaustão antes da tarefa concluída, diante da terra

a lavrar, com as sementes ainda a serem jogadas para o mistério da fecundação. Sentimos antecipadamente o tédio das glebas por onde já a foice dos segadores realizou o seu trabalho fértil.

É esse estado de espírito que provoca, ao mesmo tempo, o desestímulo e o clima do “não – vale – a – pena”, diante de muitos problemas a serem cuidados. É esse estado de espírito, outrrossim, a origem de tantos estraçalhamentos, de tantas lutas entre brasileiros. No momento em que tudo nos deveria unir para uma ação fecunda, para a conquista do nosso território, para o desenvolvimento de nossas possibilidades, para esse trabalho comum, indispensável, é que nos perdemos em dissensões, em batalhas de que está ausente outro sentimento senão o espírito de crítica infecunda. Quando deveríamos estar compenetradoss de um sentimento de nobre missão, o que se verifica são sinais contraditórios de uma vocação misteriosa para a negação, é um desejo de nos colocarmos sob o signo do negativo. Somos um povo jovem num País que deve suscitar entusiasmo, num País que deve e pode ter um grande destino. Deveríamos, pois, estar conscientes das nossas possibilidades numerosíssimas de agir. Participamos e somos nós, povo brasileiro, alma e substância de uma nação que se inaugura, de uma nação na sua aurora, e sobre nós não deve pesar, com suas asas cansadas, um crepúsculo inexplicável.

Há países que não têm saída nem solução, ou que já se sabe que atingiram o ponto final do seu crescimento ou estão limitados a não ir muito além do que são, com suas fronteiras à vista. Há países que não poderão jamais passar os limites do cotidiano. O dia de ontem é igual ao de hoje e será semelhante ao dia de amanhã. O ritmo da vida é sempre o mesmo, não se altera, não sofre transformações senão as que lhe são impostas de fora. Não há matéria própria para compor e configurar. Não há onde empregar o espírito de criação e aventura.

Compreende-se e admite-se que nesses países se manifeste, por vezes, o tédio,

ou que a ambição se contrarie impedida de empreender grandes viagens; que haja amargura ou sentimento de inutilidade. Mas no Brasil, a falta de ambição, a ausência de amor ao trabalho, o sentimento de invalidez de tudo, constituem pecados graves frente à munificência do destino, verdadeira ingratidão a Deus, que nos proporcionou a única felicidade permitida aos povos sobre a Terra; a possibilidade de abrir o seu caminho, de modelar o seu próprio destino.

Diante de nós está o Brasil, e o Brasil é uma incumbência enorme, uma tarefa ilimitada a que se devem dedicar sucessivamente gerações e gerações. Não temos direito ao desespero branco, aos desânnimos crepusculares, ou de nos deixarmos vencer pelas tendências negativas; não podemos ser tristes enquanto não tirarmos proveito de nosso patrimônio, da herança que nos legaram os titãs que fizeram a unidade nacional, no meio de asperezas e dificuldades sem conta, assolados pelo desconforto. Não mereceremos o Brasil se não tivermos fé. Não seremos nada sem confiar e esperar.

O verdadeiro problema, o único, o problema de cuja solução tudo o mais decorre, é o da fé. Sem fé de que nos vale esta terra, cujas entradas guardam tesouros que não nos servem de nada? Sem fé, de que nos vale a potencialidade do Brasil, tão decantada, o que vale esta nação que é quase um continente, com territórios diversificados, uns necessitando dos outros e assim permitindo uma composição de interesses altamente propícia? Sem fé, não faremos nada além do que foi feito. O Brasil que existe é uma obra de fé. Foram homens de fé que tiraram do nada o que somos: o corpo e alma que somos. Foram homens de fé que deram o impulso, o sopro que transformou uma terra de partes tão diversas, de climas diferentes, de características extremamente variadas, num bloco, numa coisa só, num sentimento tão forte que tem resistido a toda sorte de enfermidades, de ataques, a todas as ciladas da negação deletéria. Vivemos e somos o Brasil graças à fé que nos legaram os nossos fundadores, os nossos pais, os brasileiros que anteciparam o

próprio Brasil, que foram patriotas antes mesmo de existir a Pátria na sua plenitude e na sua nitidez.

Povo sem fé é o mesmo que povo desenraizado, flutuante, aciganado, infixo. Graças a Deus, a fé existe, ninguém deve ou pode duvidar. Não permitamos que se amorteça o ânimo de conquista de tudo o que nos resta conquistar sobre nós mesmos, o que é quase ilimitado.

Estamos reverenciando, neste momento, a mais impressionante figura de homem de fé nascido em nossa Pátria. Sua fé não teve meio termo, não conheceu limitações e incertezas. Tiradentes teve fé na Pátria que apenas amanhecia: quando o conduziram ao suplício, teve confiança em Deus e fé na vida eterna. Não hesitou um só instante em considerar que o seu sacrifício valia a pena, o que constitui o maior ato de fé possível no ser humano. Considerou que o Brasil de amanhã merecia que se lutasse, sofresse e morresse pela sua independência, o que é o mais nobre e alto exemplo de fé.

As pátrias são formadas por seus homens-semente. São essas sementes-homem que fazem florescer e frutificar, que justificam as nações.

Voltados para o protomártir da Independência, para o herói inconfundível da conspiração de Vila Rica, façamos nós todos, neste momento, uma promessa solene: a promessa de lutarmos contra a desagregação, contra o divisionismo, contra a deliquescência, contra a falta de fé que ameaça a alma brasileira. A solução da nossa crise está em avivar na alma do povo o amor e a fé que a Nação exige para realizar a sua grande missão.

**Discurso como governador de Minas Gerais, proferido em Ouro Preto, a 21 de abril de 1954, por ocasião das comemorações da Inconfidência Mineira. Texto extraído da coletânea de 3 livros intitulada "Juscelino Kubitschek: Profeta do Desenvolvimento - Exemplos e Lições ao Brasil do Século XXI - 2.336 páginas, de autoria de Carlos Alberto Teixeira de Oliveira*

Jornalismo lidera arrependimento profissional nos EUA. E no Brasil?

Estudo da Universidade de Georgetown aponta jornalismo como a carreira mais rejeitada; cenário brasileiro também preocupa



Uma pesquisa da Universidade de Georgetown revelou que o Jornalismo é a carreira com maior índice de arrependimento entre os formados nos Estados Unidos, com 87% dos graduados afirmando que, se pudessem, escolheriam outra profissão. O dado acende um alerta não apenas sobre as condições da profissão no país norte-americano, mas também sobre os caminhos que o jornalismo vem trilhando no Brasil — onde o desgaste da categoria avança de maneira silenciosa, mas perceptível em diversas frentes.

Nas redações do país, o dia a dia tem exigido um conjunto ampliado de competências, com alta demanda e equipes reduzidas. Profissionais acumulam funções que envolvem apuração, edição, publicação e gestão de conteúdo em redes sociais. Segundo Adriano Santos, jornalista e sócio da Tamer Comunicação, o cenário afeta diretamente a permanência dos profissionais na área. "Hoje, espera-

-se que um único jornalista atue em múltiplas frentes, muitas vezes sem suporte técnico e, muitas vezes, financeiro", afirma.

A digitalização do trabalho jornalístico aumentou a velocidade de produção e alterou os critérios de desempenho. Métricas como visualizações, curtidas e compartilhamentos passaram a influenciar diretamente as decisões editoriais. Em diversas redações, um mesmo profissional é responsável por produzir e distribuir o conteúdo, com pouco tempo para planejamento. "Não é raro que uma mesma pessoa escreva, edite, publique e ainda interaja com o público nas redes sociais", pontua Santos. A prática, segundo ele, se tornou rotina mesmo em veículos.

A exposição pública e os ataques à imprensa também fazem parte dos desafios enfrentados por quem atua na área. Nos últimos anos, jornalistas têm sido alvo de campanhas de

desinformação e questionamentos à credibilidade, especialmente nas plataformas digitais. O ambiente afeta a rotina de trabalho e o relacionamento com o público. "A profissão perdeu espaço e prestígio, mas o papel social do jornalismo continua essencial", observa o sócio da Tamer Comunicação. O impacto da desconfiança é sentido especialmente por profissionais iniciantes e aqueles que atuam em coberturas políticas ou investigativas.

Mesmo diante dos desafios, profissionais seguem atuando em diferentes frentes, inclusive fora das redações tradicionais. A formação jornalística tem sido aplicada em áreas como comunicação institucional, análise de dados e produção de conteúdo estratégico. Para Santos, há espaço para adaptação e novas trajetórias. "O jornalismo ainda é fundamental para o debate público e para a construção de uma sociedade crítica. O que falta não é vocação, é estrutura", conclui.

Belo Horizonte – MG terá modelo da Cidade do México para a revitalização e transformação do hipercentro

Missão articulada pela CDL/BH reúne poder público e empresários que irão conhecer as boas práticas da transformação do Centro Histórico da capital mexicana



Poder público, entidades empresariais, representantes dos poderes judiciário e legislativo, e empresários se reuniram na penúltima semana de abril para traçar estratégias da missão que irá conhecer as boas práticas do programa de revitalização que transformou a capital mexicana. Idealizada pela Câmara de Dirigentes Lojistas de Belo Horizonte (CDL/BH), o objetivo é conhecer in loco a revitalização que tornou um espaço decadente em um local seguro e atrativo para empresas e moradores. A missão, que será realizada em novembro, já conta com 20 participantes entre poder público e sociedade civil.

Para o presidente da CDL/BH, Marcelo de Souza e Silva, o propósito da missão é conhecer de perto as boas práticas implantadas na capital mexicana e adaptá-las à realidade do hipercentro de Belo Horizonte. "Vamos entender e estudar as estratégias e ações que conseguiram transformar uma região, que estava esvaziada, em um espaço vivo, revitalizado e atraente para a economia e a sociedade", explicou.

Outro grande incentivador da missão é o presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil de Minas Gerais (Sinduscon-MG), Raphael

Rocha Lafetá, que explica a importância de atrair as pessoas para a ocupação dos espaços urbanos. "Restaurar prédios e edifícios para moradias é uma grande oportunidade para implantarmos em Belo Horizonte. A Cidade do México fez um excelente trabalho neste sentido e podemos ver de perto este resultado", afirmou.

Para o prefeito de Belo Horizonte, Álvaro Damião, que confirmou presença na missão do mês de novembro, a capital mineira ainda precisa avançar em alguns pontos e é preciso unir esforços para buscar as soluções. "Estamos preparados para assumir desafios e vamos fazer o que for preciso para melhorar a vida das pessoas que moram e visitam Belo Horizonte. Não podemos ficar para trás", explicou. O gestor municipal destacou que a solução de alguns problemas pode vir de bons exemplos. "Assim como podemos exportar nossas boas referências, como é o caso das UMEIs, as unidades de educação infantil, podemos colher bons frutos com a realidade mexicana", acrescentou.

A missão terá curadoria do jornalista e pesquisador de arquitetura e urbanismo, Raul Juste Lores. Para ele, a ideia é promover conversas francas com os

protagonistas das transformações, visitas in loco e interação entre pessoas que possam trazer iniciativas e decisões na bagagem. "A Cidade do México pode inspirar políticos, empresários e interessados na recuperação do Centro porque conseguiu fazer o que nós tentamos sem sucesso, há décadas. Com mazelas parecidas às nossas e algumas que nem imaginamos, de cartéis a terremotos, da preservação de prédios com quinhentos anos à erosão constante, temos muito a aprender a replicar em nossa cidade", reflete.

A HISTÓRIA POR TRÁS DA REVITALIZAÇÃO DA CIDADE DO MÉXICO

A decadência do Centro Histórico da capital mexicana começou a tomar força em agosto de 2001 quando o governo federal do México, a prefeitura da cidade, grandes empresários e representantes da sociedade civil se uniram para estabelecer um programa de revitalização da região. O objetivo era resgatar a beleza do Centro Histórico e transformá-lo em um local vivo, seguro e revitalizado.

Após a criação de uma fundação para o Centro Histórico da região, foram feitas obras de reforma de calçadas e ruas, instalação de novo mobiliário urbano, luminárias, lixeiras, dentre outros. O governo ofereceu programas de incentivo à moradia no centro que resultaram em um grande número de novos moradores. Também foram oferecidos incentivos fiscais para empresas públicas e privadas que atraíram negócios e investimentos.

SAP anuncia novo CFO para a América Latina



A SAP anuncia Gustavo Conrado como novo Chief Financial Officer (CFO) para a América Latina. Desde que ingressou na SAP Brasil, em novembro de 2021, Conrado tem desempenhado papel fundamental como líder da área de Finanças, contribuindo significativamente para o crescimento e o fortalecimento da operação. Em sua nova função, o executivo continuará a apoiar diretamente a equipe da SAP Brasil ao mesmo tempo em que liderará as operações financeiras em toda a região.

"Assumir a posição de CFO da SAP para a América Latina é uma honra

e um desafio que encaro com enorme responsabilidade, dedicação e humildade. Desde o primeiro dia, fui acolhido por uma equipe que valoriza a colaboração e a integridade — pilares que levo comigo nesta nova etapa. Estou entusiasmado para trabalhar ainda mais próximo dos nossos times e contribuir para o crescimento sustentável da SAP na América Latina", conclui o executivo.

Com uma carreira sólida, Conrado ocupou diversas posições de liderança ao longo de quase 22 anos na IBM, incluindo as funções de analista, controller da operação latino-americana

e CFO de unidades de negócio. É formado em Administração pela PUC-RJ, possui um IAG Master em Marketing pela mesma instituição e um MBA em Gestão Estratégica e Financeira pela Fundação Getúlio Vargas.

Como líder global em aplicações e inteligência artificial empresariais, a SAP (NYSE:SAP) está no centro dos negócios e da tecnologia. Por mais de 50 anos, organizações confiaram na SAP para extrair o seu melhor ao unir operações críticas que abrangem finanças, compras, RH, cadeia de suprimentos e experiência do cliente.

Juscelino Kubitschek:

PROFETA DO DESENVOLVIMENTO

EXEMPLOS E LIÇÕES AO BRASIL DO SÉCULO XXI

"Não se trata de uma obra biográfica, nem de um documento de natureza acadêmica porque é muito mais do que simples relato e análise de sua vida. Esta nova obra sobre JK, contendo fatos inéditos ainda não revelados busca, resgatar o debate sobre o Desenvolvimento Nacional para que o Brasil possa se reconciliar com o crescimento econômico, vigoroso, consistente, contínuo e sustentável."



Conheça o legado do político que transformou o País e fez o Brasil crescer 50 anos em 5 anos de governo.

São 2.336 páginas distribuídas em três volumes:

Volume I - O Profeta do Desenvolvimento

Volume II - O Desenvolvimento em 1º Lugar
A Construção de uma Nação Próspera e Justa

Volume III - Mensageiro da Esperança
Coletânea de 250 Discursos Proferidos na Presidência da República

AUTOR:

Carlos Alberto Teixeira de Oliveira é Administrador, Bacharel em Ciências Contábeis e Economista; Presidente/ Editor Geral de MercadoComum – Publicação Nacional de Economia, Finanças e Negócios; Presidente da ASSEMG - Associação dos Economistas de Minas Gerais; e Coordenador-Geral do Fórum JK de Desenvolvimento Econômico. Vice-Presidente da ACMinas – Associação Comercial e Empresarial de Minas.



No Brasil, as instituições e as leis nunca tiveram o prestígio que necessitam para serem efetivas

Roberto Brant

Advogado, ex-deputado federal, ex-ministro da Previdência Social

Num tempo distante em que os políticos de Minas eram admirados pela virtude e a sabedoria, o Governador Milton Campos, pressionado por seu partido para instrumentalizar o governo em seu benefício político, resistiu dizendo que ao governo dos homens preferia sempre o governo das leis. Na linguagem da política moderna estava dizendo que a força das instituições deveria prevalecer sobre a vontade dos homens.

A democracia e a economia de livre mercado combinadas produziram o período de maior progresso e maior liberdade em toda a história da humanidade. Não foi um tempo em que grandes homens faziam a história apenas com a sua vontade. Foi um tempo em que instituições políticas e econômicas impessoais asseguraram um ambiente de segurança jurídica e previsibilidade econômica, no qual empresas e pessoas puderam prosperar e cooperar.

Um dos grandes pensadores de nosso tempo, o filósofo austríaco Karl Popper, afirmava que a democracia não tinha o poder de garantir que só os melhores e os mais capazes seriam escolhidos para governar, mas para sobreviver a democracia teria que ter os meios e os instrumentos para impedir que maus governantes pudesse fazer ao país males irremediáveis. Nos Estados Unidos e na Europa esta regra prevaleceu por muito tempo. Aqui na América Latina e, também na Ásia, as instituições não se desenvolveram com a mesma potência e a maldição dos salvadores da pátria e dos “país dos pobres” com frequência arruinaram a economia, mataram a liberdade e chegaram a alimentar uma cultura populista que envenenou para sempre alguns países. Isto talvez explique um



pouco porque nossos países ficaram para trás.

Por razões que variam de país a país, o prestígio da democracia liberal em todo o mundo está em recessão. Numa volta a um passado que julgávamos sepultado estamos assistindo ao crescimento das democracias iliberais, não fossem os dois termos tão contraditórios entre si. Estas chamadas democracias têm eleições regulares, mas não há separação dos poderes, nem garantia dos direitos individuais e a lei que prevalece é a vontade do governo. Podem muito bem ser chamadas ditaduras disfarçadas.

O avanço desses arranjos iliberais parece irrefreável. O caso da vez é nada menos que os Estados Unidos, o grande modelo de democracia resistente ao tempo, na verdade a mais antiga das modernas democracias, que parecia a todos constituída para durar sempre. De repente, sem nenhuma pactuação institucional com o Parlamento ou a Justiça, o presidente converteu-se por iniciativa própria em um verdadeiro monarca absoluto. Governa por ordens executivas, sem consulta ao Congresso ou submissão ao Judiciário, sem nenhuma oposição dos demais poderes e com a aparente concordância de parcela importante da população. Na contramão da advertência de Popper, está tomando decisões que afetarão irre-

mediavelmente o destino futuro do seu país. As instituições cederam à vontade dos homens e a democracia americana está sendo derrubada sem resistência, tal como foi um dia derrubado o Muro de Berlim, numa suprema ironia da história.

Entre nós no Brasil as instituições e as leis nunca tiveram o prestígio que necessitam para serem efetivas. Sofremos da tentação irresistível dos personalismos. Nunca tivemos partidos de verdade, sempre tivemos personalidades. Ainda agora nossa vida política se resume ao confronto entre dois homens praticamente sem ideias, a cujos caprichos todos se curvam. Em um campo está o atual presidente, exercendo seu terceiro mandato e aspirando a um quarto, apesar da idade e do vazio de seu governo, que anunciou candidamente que o ano de 2027 será o de um desastre fiscal.

No outro campo, Bolsonaro, embora inelegível, mantém paralisados todas as demais possibilidades eleitorais, pela submissão dos possíveis candidatos a uma liderança sem ideias ou projetos de mudanças.

Em todos os campos de atividade nosso país tem homens e mulheres de alto nível, capazes de competir em qualquer lugar do mundo. Por que só na política falta talento, virtude e mentes criativas?

Andreia Tarello



Bolsonaro: decisão da 1ª turma do STF que tornou o ex-presidente réu

Ives Gandra da Silva Martins

Professor emérito das universidades Mackenzie, Unip, Unifeso, UniFMU, do Ciee/O Estado de São Paulo, das Escolas de Comando e Estado-Maior do Exército (Eceme), Superior de Guerra (ESG) e da Magistratura do Tribunal Regional Federal - 1ª Região, professor honorário das Universidades Austral (Argentina), San Martín de Porres (Peru) e Vasili Goldis (Romênia), doutor honoris causa das Universidades de Craiova (Romênia) e das PUCs PR e RS, catedrático da Universidade do Minho (Portugal), presidente do Conselho Superior de Direito da Fecomercio -SP, ex-presidente da Academia Paulista de Letras (APL) e do Instituto dos Advogados de São Paulo (Iasp).

Pontos jurídicos que divergem da decisão do STF

A decisão da 1ª Turma do Supremo Tribunal Federal em relação ao ex-presidente Jair Bolsonaro de aceitar a denúncia da Procuradoria-Geral da República (PGR) e torná-lo réu, entendendo que houve uma tentativa de golpe de Estado com base no que foi, fundamentalmente, encontrado no celular do coronel Mauro Cid e em sua delação premiada, merece algumas breves considerações.

Trata-se de uma mudança na jurisprudência do Supremo, pois, no caso da Lava Jato, apesar do prejuízo de bilhões causado ao Brasil por corruptores confessos, a Suprema Corte não utilizou a delação premiada como fundamento de suas decisões e até entendeu que ela não poderia servir para embasar prisões.

Como um velho advogado, com 68 anos de exercício profissional e 61 de magistério universitário e 90 anos de idade, confesso que ainda tenho muitas dificuldades para compreender a decisão, sem, contudo, fazer qualquer crítica aos Ministros. Aliás, por não criticá-los e, muitas vezes, elogiá-los, sou frequentemente censurado por meus leitores e seguidores das redes sociais.

Fato é que, primeiro, para haver uma tentativa de golpe, seria necessária uma ação concreta, que só poderia ser



realizada por militares. No entanto, nenhum militar com comando de tropas saiu às ruas para essa tentativa.

Lecionei durante 33 anos para coronéis que seriam promovidos a generais e, em 2022, creio que aproximadamente 90% dos generais haviam assistido às minhas aulas de Direito Constitucional. Lembro-me perfeitamente de que, durante as aulas, nos momentos de debate, não havia ambiente para que algum deles cogitasse golpes de Estado, até porque minhas aulas eram sobre o respei-

to à Constituição, jamais sobre sua ruptura.

Reafirmo: para haver tentativa, é necessário que exista um ato de execução do crime. E, nesse caso, as Forças Armadas seriam as únicas que poderiam executar um eventual golpe. No entanto, não houve tentativa, pois sequer houve o início de uma ação.

Em segundo lugar, afirmar que o evento de 8 de janeiro foi um golpe é algo muito difícil de aceitar. Digo isso como historiador da Academia Paulista de

História, com livros publicados na área. Como acadêmico da Academia Paulista de História, nunca vi, ao estudar a história mundial, um golpe de Estado sem a participação das Forças Armadas. Destaco, ainda, que a minha segunda tese acadêmica foi sobre o impacto das despesas militares nos orçamentos públicos, analisando todas as conhecidas batalhas mundiais até o ano 1.200, quando se tornaram tão numerosas a ponto de não ser mais possível citá-las individualmente.

Insisto que o ocorrido em 8 de janeiro não foi um golpe de Estado também porque ninguém estava armado. Foi uma baderna, mas não foi um golpe de Estado. Uma das participantes estava com batom e alguns tinham estilingues. Ora, com batom e estilingues não se faz uma revolução.

O terceiro elemento que me impressiona é chamar de documento golpista um papel sem assinatura, onde constava uma declaração de estado de sítio.

Ora, o estado de sítio é uma figura constitucional que existe para garantir o Estado de Direito e não para rompê-lo. Para ser decretado pelo presidente, o estado de sítio deve ser autorizado por maioria absoluta do Congresso Nacional.

Trata-se, portanto, de um papel sem valor algum, já que o Congresso Nacional jamais autorizaria o estado de sítio. Sendo assim, não vale nada, não é um documento.

Quarto ponto que, como advogado, me parece importante: muitos dos advogados que eu conheço, alguns brilhantes e respeitadíssimos no Brasil, não tiveram acesso completo à delação premiada e a todos documentos.

Como é que eu vou defender o meu cliente sem conhecer todos os elementos que levaram à acusação? A

Constituição, no inciso LV do artigo 5º prevê a garantia da "ampla defesa". A palavra "ampla" é um adjetivo de uma força ôntica impressionante. Não é, portanto, qualquer defesa judicial e processual. Mesmo assim, a defesa queixou-se de ter tido acesso a apenas aquela parte que constava dos autos. Tratou-se, portanto, de uma defesa limitada e cerceada.

Com todo o imenso respeito que tenho aos Ministros, a matéria teria, a meu ver, que ser decidida pelo Plenário da Suprema Corte, dada a importância da discussão.

Uma vez mais, quero deixar muito claro que não faço juízo de valores sobre os Ministros, até porque tenho livros escritos com alguns deles e sempre os admirei como juristas. Embora, nas decisões judiciais, nossa convergência seja muito grande, nossa divergência ocorre quando entendo que eles se transformaram em poder político.

Por essa razão é que, hoje, são obrigados a andar acompanhados de seguranças. Algo que não ocorria quando eu saía com os Ministros Maurício Corrêa, Moreira Alves, Oscar Corrêa, Cordeiro Guerra, Sidney Sanches, enfim, todos aqueles que foram meus amigos de tempos imemoriais, como os de Aliomar Baleeiro, Hahnemann Guimarães ou José Néri da Silveira. Não era necessário uso deseguranças, porque era o STF apenas Poder Judiciário.

Significa dizer que os nossos atuais Ministros recebem um tratamento típico de políticos: quando estão na rua, quem os aprova, aplaude, enquanto quem não gosta, os ataca.

Como um modesto advogado de província e esforçado professor universitário de Direito Constitucional, creio que não foi essa a intenção dos Constituintes, até por conta do que presenciei ser discutido durante a elaboração da nossa Carta Magna. Nos 20

meses em que participei comentando a Constituição, fui ouvido em audiências públicas pelos Constituintes, mantendo contato permanente com Bernardo Cabral e visitando Ulisses Guimarães em sua casa, perto do Jóquei Clube, para discutirmos pontos da Constituição.

Naquele momento, o objetivo era, ao sairmos de um regime de exceção, onde havia um poder dominante, estabelecer três poderes harmônicos e independentes.

Retrato, pois, aquilo que vi na discussão e na formulação de uma Constituição ampla, prolixa, mas que tinha uma espinha dorsal fantástica, baseada na harmonia e independência dos Poderes, além da previsão dos direitos e garantias individuais, que são os dois maiores sustentáculos da Constituição de 1988.

Como um idoso de 90 anos, prisioneiro de São Paulo por conta da dificuldade de locomoção, mas com a cabeça ainda funcionando um pouco, embora não mais como antigamente, gostaria de trazer essas minhas reflexões para aqueles que me lêem e viram a decisão de ilustres Ministros do STF, a quem respeito, mas que têm, entretanto, neste nômenonário, advogado e professor universitário, uma interpretação que, infelizmente, em relação ao direito, é bem diferente daquilo que foi decidido.

Sem ter posição em relação a A, B ou C, mas apenas analisando o julgamento como um advogado com 68 anos de experiência e 61 anos como professor universitário, que passou 20 meses estudando para comentar com Celso Bastos, em 15 volumes e cerca de 10 mil páginas, a Constituição do Brasil, essa é a minha opinião.

Fico muito constrangido de divergir dos meus amigos da Suprema Corte, que tanto admiro. Mas, como cidadão, não poderia me calar.

Ronan Tito de Almeida: fé, política e cidadania

Itamar José de Oliveira

Jornalista e escritor



Era uma vez um menino, apaixonado pelo pai, Edmar Tito de Almeida, seleiro de ofício, vendeiro para ganhar a vida e fazendeiro para criar a família, e encantado com a mãe, Aurora Pereira de Almeida, que cuidava da casa, dos filhos, do marido e da venda.

Ele nasceu no povoado do Valo Velho, no município de Pratinha, no dia 22 de agosto de 1931, depois de Teresa e antes de Albertina, Maria José e Edmar, uma família de cinco irmãos.

Ronan Tito de Almeida sempre de orgulhou de ser da Pratinha, de São

Domingos dos Araxás, de Uberlândia e dos vários mundos que ele descobriu ao longo de uma caminhada de 93 anos, encerrada no dia 10 de abril de 2025.

A família, entristecida pela partida de seu esteio mais resistente, decidiu que a cerimônia de despedida de um grande líder político da restauração democrática brasileira não seria um acontecimento político para repercutir na opinião pública. O corpo do homem público, que foi presidente da Associação Comercial e Industrial de Uberlândia, vice-presidente da Federa-

ração das Indústrias de Minas Gerais, deputado federal por dois mandatos consecutivos e senador da República, foi velado apenas por familiares e poucos amigos que sempre caminharam ao lado de Ronan Tito.

Mas a notícia acabou repercutindo e foi recebida com pesar por políticos de vários partidos que enalteceram as qualidades pessoais e de cidadania do ex-senador.

Miro Teixeira, ex-deputado carioca, deixou a seguinte mensagem aos amigos e familiares de Ronan Tito:

"Tristeza. Na Constituinte, Ronan era companheiro em duras jornadas e generoso anfitrião com queijo mineiro de alta qualidade. Minas perde mais um grande representante. Pêsames à família".

O presidente nacional do PMDB, deputado federal Baleia Rossi, publicou uma nota de pesar para lembrar que o ex-senador Ronan Tito, que foi presidente da Fundação Ulysses Guimarães e líder do PMDB no Senado, combateu a ditadura militar e participou intensamente da Assembleia Nacional Constituinte que possibilitou a restauração do regime democrático no Brasil.

O ex-deputado Luiz Alberto Rodrigues, companheiro de Ronan Tito e Zaire Rezende na luta política vitoriosa de Uberlândia e do Triângulo Mineiro, recordou que Ronan Tito foi um notável companheiro de Tancredo Neves, Ulysses Guimarães e Teotônio Vilela no combate à ditadura e na construção de pontes para a governabilidade da Nova República.

O ex-deputado federal constituinte Aloisio Vasconcelos enalteceu o trabalho político de Ronan Tito como secretário de estado do Trabalho do governador Tancredo Neves e assinalou que Ronan Tito e Alfredo Campos foram senadores que honraram a tradição política de Minas com iniciativas que eram acolhidas pelos homens públicos de maior destaque no cenário político nacional.

O ex-ministro da Saúde, José Saraiva Felipe, que foi presidente do PMDB de Minas e secretário geral do PMDB nacional, fez questão de registrar que Ronan Tito foi um político que se guiava por valores democráticos, compromisso com os mais carentes e respeito às instituições sociais que asseguram a defesa dos direitos fundamentais da pessoa humana.

O senador Rodrigo Pacheco, ex-presidente do Senado, também divulgou

uma nota de pesar enaltecendo as qualidades pessoais e políticas do senador que ajudou a escrever uma das páginas mais significativas da resistência democrática ao regime civil militar de 1964.

O ex-deputado federal e ex-prefeito de Montes Claros, Luiz Tadeu Leite, amigo e compadre de Ronan Tito, afirma que fazer política com Ronan Tito era uma oportunidade de pregar a democracia, a convivência entre os diferentes e o diálogo com todos que respeitam os valores de uma convivência fraterna.

Entre os amigos que caminharam mais tempo ao lado de Ronan Tito, o sentimento de pesar não esconde uma contradição alegria pela celebração de uma vida que foi plenamente vivida para servir. Ele tinha compromisso com os ideais que o impulsionaram para a Política. Deixou de ser o empresário que tinha muita estrada para percorrer. Não viveu para a família como gostaria de ter vivido. Desde criança, em São Domingos dos Araxás, onde se apaixonou pela vontade pedagógica de mudar o mundo através da educação dos salesianos de Dom Bosco, Ronan Tito tornou-se um quixotesco homem de fé na humanidade, um utópico sonhador com a política para promover o bem comum e um combatente incansável na luta contra as desigualdades sociais que ele enfrentava impetuosamente.

Ronan nunca escondeu que era quase reverencial com Tancredo Neves, fraternal com Ulysses Guimarães e Teotônio Vilela, a santíssima Trindade que ele reverenciava como os notáveis do PMDB.

Como deputado e senador, teve muita alegria de ter convivido com uma geração de políticos que honraram seus mandatos populares. Paulo Brossard, Pedro Simon, José Richa, Roberto Campos, Delfim Netto, Afonso Arinos de Melo Franco, Valdir Pires, Franco

Montoro, José Sarney, José Fogaça, Aluísio Alves, Marcos Freyre, Marco Maciel, Thales Ramalho, João Paulo Pires de Vasconcelos, Simone Tebet, Maria Elvira Salles Ferreira são alguns políticos que Ronan apreciava por qualidades e inteligências distintas. Ele manifestou sempre certa contrariedade com os ex-companheiros Fernando Henrique Cardoso, Mário Covas e Pimenta da Veiga, que deixaram o PMDB para fundar o PSDB.

O próprio Ronan confessou com certa amargura: "Com o PSDB, a nossa história é de completo desencanto. O PSDB é nosso pedaço arrancado, com a desculpa parlamentarista e o verniz social democrático, que dança conforme a batuta dos caciques da Avenida Paulista".

Ronan Tito defendia a unidade do PMDB para reconstruir o estado democrático de direito. Foi mais um sonho não realizado. Ulysses Guimarães não foi presidente da República. Ronan Tito não conseguiu conquistar o governo de Minas Gerais. O PMDB se dividiu também em grupos liderados por políticos que não conseguiram devolver ao povo brasileiro a esperança que nasceu na campanha das Diretas, na luta pela redemocratização e na batalha contra os aventureiros que transformaram os partidos políticos em searas para o enriquecimento pessoal e patrimonial.

Ronan Tito, no final da caminhada, gostava de contar histórias de um tempo que não existe mais em nenhum lugar do planeta.

A bíblia de Ronan Tito não existe mais. Seu aprendizado de menino perdeu o sentido. Os governantes não falam mais para as futuras gerações. Estão perdidos nas redes sociais do personalismo e do egoísmo. Mas nem tudo está perdido. A juventude pode salvar a humanidade com novos sonhos. O sonho da gente não morre jamais. Somos todos das Minas e das Gerais. Como Ronan Tito de Almeida, do Valo Velho, da Pratinha do Araxá.

Saúde corporativa: revolução digital chega com soluções que democratizam o acesso médico

Empresas reinventam o suporte médico para funcionários enquanto tecnologia preenche lacunas na Saúde

Divulgação Alper



O Espaço de Saúde Dr. Alper, é uma inovação que integra o atendimento phygital em um espaço físico, estruturado e pode ser instalado em qualquer empresa

Estudos recentes destacam uma lacuna crítica no atendimento médico corporativo. Aproximadamente 30% das empresas brasileiras não possuem ambulatórios médicos físicos, limitando severamente o acesso dos funcionários aos serviços de saúde. Essa realidade cria desafios significativos: suporte médico reduzido,

aumento de visitas desnecessárias a prontos-socorros e potenciais perdas de produtividade.

Pesquisas globais, como o relatório de janeiro de 2025 do McKinsey Health Institute, revelam um potencial extraordinário: investir na saúde dos funcionários pode gerar até US\$

11,7 trilhões em valor econômico global. Em uma era onde a inovação tecnológica chega à saúde, empresas brasileiras estão sendo pioneras em soluções que prometem revolucionar o acesso médico para trabalhadores de diferentes setores.

A exemplo, uma parceria entre

a Alper Seguros, uma das maiores corretoras de seguros do Brasil, e a Agora Consulta, pioneira em atendimento phygital no Brasil, demonstra uma abordagem inovadora de gestão de saúde corporativa, aproveitando a telemedicina para oferecer suporte médico eficiente e acessível. Os resultados são quantificáveis e significativos. As empresas podem observar reduções de 15 a 30% em visitas a prontos-socorros; melhoria de até 40% no rastreamento de doenças crônicas e aumento de 50% no engajamento com telemedicina. Além disso, estudos também apontam para uma potencial redução de 20% no absenteísmo.

"A telemedicina, aliada ao atendimento presencial, tem revolucionado o setor da saúde, tornando o atendimento médico mais acessível e eficiente, especialmente em regiões com dificuldade de acesso", destaca Paula Gallo, diretora de Gestão de Riscos e Saúde da Alper Seguros. "O lançamento do Espaço de Saúde Dr. Alper agrega valor aos nossos clientes, ao mesmo tempo em que gera maior aproveitamento dos recursos empregados em planos de saúde corporativos", completa.

O Espaço de Saúde Dr. Alper, é uma inovação que integra o atendimento phygital em um espaço físico estruturado e pode ser instalado em qualquer empresa, e que combina tecnologia com atendimento médico humanizado em múltiplas especialidades. Inicialmente, o colaborador passa por uma triagem virtual ou presencial com o enfermeiro que avalia os sintomas e, em seguida, direciona para o atendimento médico - agora, com mais insumos para uma análise clínica mais precisa.

A eficiência do modelo é impressionante: resolução clínica superior a 90%, Net Promoter Score (NPS) alcançando até 100% e capacidade de transformar radicalmente o acesso à saúde no ambiente corporativo.

A Alper está na vanguarda do cuidado primário com a saúde, desde a criação do Dr. Alper em 2020, antes do anúncio da Pandemia do COVID-19, e, desde então, vem trazendo soluções relacionadas demonstrando como a tecnologia pode democratizar o acesso à saúde, criando um portal digital dentro de ambientes corporativos e abordando desafios sistêmicos enquanto prioriza o bem-estar dos funcionários. Dessa forma, o Espaço de Saúde Dr. Alper vai além de um serviço médico: é um ecossistema tecnologicamente integrado que fornece um cuidado coordenado e não fragmentado. O resultado é a melhora na saúde dos colaboradores e uma diminuição significativa na sinistralidade dos planos de saúde.

Múltiplas pesquisas enfatizam que a saúde organizacional se correlaciona diretamente com desempenho. Empresas que priorizam a saúde dos funcionários observam aumento da produtividade, redução do absenteísmo, menores custos de assistência médica e maior engajamento. "Na vanguarda dessa transformação, a Alper, que está sempre investindo

em inovação, aposta em soluções que integram tecnologia e cuidado humanizado", ressalta Paula Gallo. "O resultado é economia para as empresas, qualidade de vida para os funcionários e redução de prejuízos econômicos, com elevação na produtividade", complementa.

Conforme as empresas brasileiras reconhecem cada vez mais a saúde como um investimento estratégico, soluções como o Espaço de Saúde Dr. Alper não são apenas inovadoras, estão se tornando essenciais. Ao combinar eficiência tecnológica com cuidado centrado no ser humano, essas iniciativas estão redefinindo a gestão da saúde no ambiente de trabalho.

No entendimento das duas empresas, o futuro da saúde corporativa chegou, e ele é phygital, acessível e profundamente envolvido com o bem-estar de trabalhadores dos mais variados setores. "A tecnologia não substitui o cuidado humano, mas o potencializa, criando um novo paradigma de assistência médica que coloca as pessoas no centro da transformação", conclui Paula Gallo.

Como as seguradoras estão se adaptando ao envelhecimento da população brasileira

Com o aumento da longevidade, empresas investem em produtos personalizados para a terceira idade e buscam soluções para manter o equilíbrio da saúde suplementar

O Brasil está envelhecendo rapidamente. Segundo dados do IBGE, a população com 60 anos ou mais representava 14,7% dos brasileiros em 2022 e deverá ultrapassar os 30% até 2050. Esse fenômeno traz uma série de desafios — especialmente para o setor de seguros, que precisa se adaptar para atender às novas demandas e manter a sustentabilidade do sistema, em especial da saúde suplementar.

"A longevidade é uma conquista, mas também impõe ajustes importantes. A sinistralidade tende a crescer, já que idosos utilizam mais os serviços de saúde. Por isso, é preciso repensar modelos e produtos, oferecendo mais do que proteção: entregando cuidado contínuo e personalizado", explica Igor Rodrigues, CEO da 3R4 Seguros, corretora especializada em soluções para empresas e famílias.

De acordo com a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), o índice de sinistralidade dos planos de saúde vem crescendo nos últimos anos, alcançando 87,3% no primeiro trimestre de 2024 — um dos maiores já registrados. Esse aumento está diretamente relacionado à maior utilização de procedimentos, exames e internações por parte da população idosa.

Na visão da corretora, essa realidade pressiona os custos do setor e exige um esforço conjunto entre seguradoras, operadoras e corretores para oferecer soluções que equilibrem qualidade e viabilidade financeira.

Para lidar com esse cenário, seguradoras estão desenvolvendo planos mais adequados às necessidades da terceira idade, com foco em soluções que ofereçam cuidado contínuo e qualidade de vida.



Entre as principais tendências estão a inclusão de redes referenciadas com especialidades geriátricas, programas específicos para o acompanhamento de doenças crônicas, como hipertensão e diabetes, o fortalecimento da telemedicina e do atendimento domiciliar — que garantem mais conforto e eficiência —, além da criação de clubes de benefícios voltados ao bem-estar, com iniciativas focadas em nutrição, atividade física e saúde mental.

"A personalização é o caminho. Não se trata apenas de oferecer um plano de saúde, mas de criar soluções integradas que considerem o estilo de vida do idoso, promovam a prevenção e contribuam para a qualidade de vida", ressalta o especialista.

SUSTENTABILIDADE DO SISTEMA EXIGE INOVAÇÃO E GESTÃO ATIVA

Outro ponto crítico é a sustentabilidade financeira do sistema. Com mais idosos na base de usuários, o custo por vida tende a aumentar. Isso exige uma gestão cada vez mais inteligente e base-

ada em dados. Nesse sentido, ferramentas de inteligência artificial, análise preditiva e monitoramento contínuo vêm sendo utilizadas para antecipar riscos, evitar desperdícios e garantir o melhor uso dos recursos disponíveis.

A 3R4 Seguros também destaca a importância da educação do consumidor: "A conscientização sobre o uso adequado do plano e o incentivo a práticas saudáveis reduzem o impacto da sinistralidade e beneficiam todo o ecossistema." O envelhecimento da população brasileira não é uma tendência futura — é uma realidade presente. E diante dela, as seguradoras e corretoras de seguros assumem um novo papel: o de agentes de transformação da saúde, da longevidade e da qualidade de vida.

Para Igor, o momento é de inovação com responsabilidade. "Estamos diante de uma transição demográfica sem precedentes. Precisamos unir tecnologia, empatia e estratégia para garantir que o sistema seja sustentável e que a população idosa tenha o cuidado que merece."

Planos de saúde superam crise pós-pandemia e retomam lucratividade: cenário exige ajustes e sustentabilidade de longo prazo

Após anos de prejuízo impulsionado pela pandemia, setor de saúde suplementar começa a retomar o equilíbrio financeiro



Depois de atravessar um dos períodos mais desafiadores da história recente, o setor de planos de saúde começa a dar sinais claros de recuperação. De acordo com dados divulgados pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), o setor encerrou 2024 com R\$ 2,5 bilhões em lucro operacional, representando um salto significativo em relação aos anos anteriores, especialmente considerando os prejuízos acumulados durante e após a pandemia da Covid-19.

Entre 2020 e 2022, as operadoras enfrentaram uma combinação crítica de aumento exponencial de sinistralidade, adiamento de cirurgias eletivas e crescimento dos custos assistenciais, que comprometeu severamente os resultados financeiros. Foi um período marcado por instabilidade, readequações e

uma corrida por eficiência para preservar a sustentabilidade dos serviços.

Segundo análise da SulAmérica, uma das maiores operadoras do país, os ajustes implementados foram fundamentais para a reversão desse quadro. Entre eles, destacam-se a adoção de modelos mais sustentáveis de remuneração médica, o incentivo à atenção primária, o uso de tecnologia e telemedicina e a gestão mais rigorosa dos recursos assistenciais.

Para a Innoa Seguros, corretora especializada em planos corporativos, o momento exige não apenas a celebração dos resultados positivos, mas principalmente um olhar estratégico sobre o futuro do setor. "A pandemia foi um divisor de águas. Tivemos que rever tudo: modelos de contratação,

entendimento do perfil epidemiológico das carteiras, jornada do cliente e o próprio papel das corretores no processo de educação em saúde", afirma Rodrigo Pedroni, CEO da empresa.

De acordo com o executivo, a recuperação financeira deve ser entendida como um reflexo de medidas estruturais, mas também de um maior engajamento de empresas e beneficiários na gestão de saúde. "Hoje, é nítido que quem investe em prevenção, acompanhamento clínico e gestão populacional reduz custos e melhora a experiência dos usuários. As empresas estão mais conscientes disso, e as operadoras, mais abertas à inovação", reforça Pedroni.

A Innoa tem apostado em programas de bem-estar corporativo, gestão de sinistralidade e consultoria ativa na escolha dos planos para seus clientes. Para a corretora, a transparência nos reajustes, o equilíbrio dos contratos e a personalização das soluções serão os diferenciais de quem deseja crescer de forma sustentável nesse novo ciclo do setor.

"O lucro é um indicativo importante, mas não pode ser o fim. Nossa foco deve continuar sendo o cuidado com as pessoas, de forma eficiente e acessível. O setor está amadurecendo e é preciso aproveitar esse momento para consolidar um sistema mais inteligente, integrado e centrado na saúde do beneficiário", conclui Pedroni.

Hipertensão: condição silenciosa é responsável por mais de 10 milhões de mortes por ano no mundo

Doença que atinge 30% da população brasileira pode causar perda de função renal, afetar a visão e desencadear infartos e AVCs



Conhecida como uma enfermidade silenciosa, a hipertensão está entre as principais causas de problemas cardiovasculares e complicações graves. Isso porque, na maioria dos casos, o paciente não apresenta sintomas — e é justamente aí que mora o perigo. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), a condição é responsável por mais de 10 milhões de mortes por ano em todo o mundo. No Brasil, o cenário é ainda mais alarmante: cerca de 30% da população convive com a doença, de acordo com o Ministério da Saúde.

Mesmo sem sintomas aparentes,

a elevação persistente da pressão pode causar danos significativos ao organismo. "Muitas pessoas não acreditam que estão doentes porque não sentem nada. Mas é importante entender que os sinais só surgem quando o problema já provocou consequências no corpo, o que reforça a relevância da conscientização sobre o diagnóstico precoce", alerta a cardiologista dos hospitais São Marcelino Champagnat e Universitário Cajuru, Larissa Rengel.

FATORES DE RISCO

O envelhecimento é um dos prin-

cipais elementos associados ao surgimento da pressão alta. "A hipertensão está diretamente ligada ao avanço da idade. Com o aumento da expectativa de vida da população, é natural que haja mais pessoas idosas e, consequentemente, um crescimento nos casos", explica a médica. Além da idade, o estilo de vida também exerce papel decisivo no desenvolvimento do problema. Dietas com alto teor de sódio, baixo consumo de frutas e verduras, sedentarismo e excesso de peso contribuem para o descontrole dos níveis da pressão arterial.

Os distúrbios de pressão também

têm forte componente hereditário, ou seja, pessoas com histórico familiar da doença devem redobrar a atenção. A obesidade, por exemplo, está fortemente ligada à elevação da tensão arterial. "Não é incomum que pacientes que usavam três ou quatro medicamentos para o controle da hipertensão deixem de precisar das medicações após perderem 30 ou 40 quilos com a cirurgia bariátrica", relata Larissa.

Outros fatores, como diabetes, colesterol elevado e tabagismo, frequentemente estão associados ao quadro hipertensivo. "Um paciente com pressão desregulada, diabetes e colesterol alto apresenta um risco muito elevado de sofrer um infarto ou desenvolver insuficiência cardíaca", destaca a especialista.

COMPLICAÇÕES OCULTAS

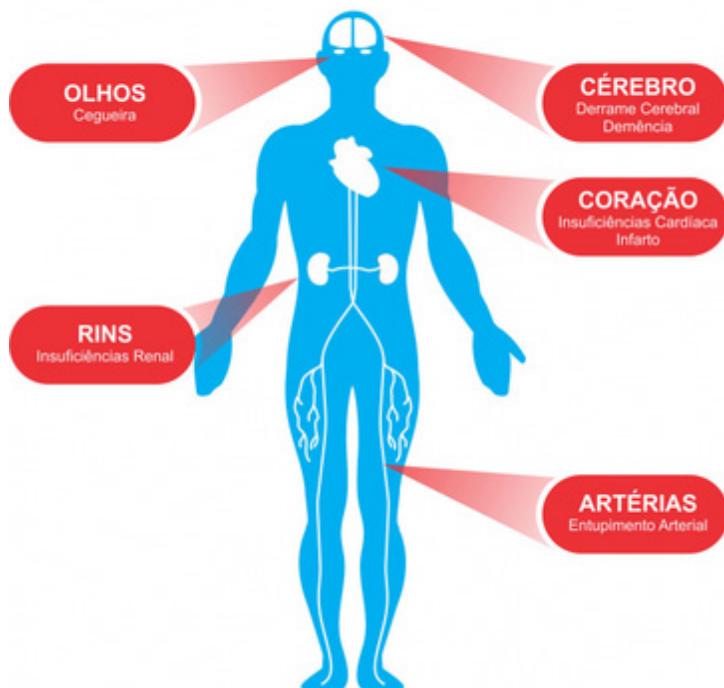
Embora infarto e AVC sejam as consequências mais conhecidas, não são as únicas. "No Brasil, essa disfunção é a principal causa de perda da função renal, levando muitos à diálise. Também pode afetar a visão, provocando perda parcial ou total da capacidade de enxergar", observa Larissa.

Dante desse cenário, um diagnóstico preciso é essencial. "Se alguém passou por uma situação de estresse e apresentou pressão de 15 por 9, isso não significa, necessariamente, que seja hipertenso. São necessárias medições repetidas, em momentos de tranquilidade, e, em alguns casos, exames específicos para confirmar o quadro com segurança", enfatiza.

CONTROLE

De acordo com a Sociedade Brasileira de Hipertensão, cerca de 70% dos diagnosticados não conseguem manter os níveis dentro dos limites recomendados. Os principais motivos são a baixa adesão ao tratamento e a dificuldade em modificar hábitos.

ORGÃOS MAIS AFETADOS PELA HIPERTENSÃO ARTERIAL



"Tomar o remédio é apenas uma parte do processo. É fundamental perder peso, adotar uma alimentação equilibrada, reduzir o consumo de sal e praticar atividade física com regularidade. E muita gente ainda não leva isso a sério", comenta a médica.

Outro erro comum é interromper o uso da medicação por conta própria. "Muitas pessoas pensam: 'Se eu não estou sentindo nada, posso parar por um ou dois dias'. Mas essa interrupção prejudica o tratamento e aumenta o risco de complicações futuras", complementa Larissa.

PREVENÇÃO

Manter uma alimentação saudável, praticar exercícios regularmente e realizar check-ups periódicos faz toda a diferença — especialmente quando esses cuidados são incorporados desde a infância e mantidos ao longo da vida. "Vale a pena dedicar alguns minutos do dia para tomar o re-

médio, cuidar da alimentação e se exercitar. Pode parecer simples, mas são hábitos que podem representar 20 ou 30 anos a mais com saúde e qualidade de vida", finaliza a cardiologista.

O Hospital São Marcelino Champsagnat faz parte do Grupo Marista e nasceu com o compromisso de atender seus pacientes de forma completa e com princípios médicos de qualidade e segurança. É referência em procedimentos cirúrgicos de média e alta complexidade.

O Hospital Universitário Cajuru é uma instituição filantrópica com atendimento 100% SUS e com a certificação de qualidade da Organização Nacional de Acreditação (ONA) nível 3. Está orientado pelos princípios éticos, cristãos e valores do Grupo Marista. Vinculado às escolas de Medicina e Ciências da Vida da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

Adoção da IA no setor de saúde e ciências da vida poderá aumentar mais de 300%



Uma pesquisa realizada pela KPMG apontou que, atualmente, 18% das empresas do setor de saúde e ciências da vida adotam, de forma parcial ou ampla, a inteligência artificial (IA), mas esse indicador poderá chegar a 74% nos próximos três anos, um aumento de mais de 300%. Quando questionados sobre a implementação da IA generativa, a adoção desse recurso é menor: 8% já a utilizam hoje em dia e 42% nos próximos períodos. É o que apontou o "Relatório Global de IA em Finanças" (do inglês, KPMG Global AI in Finance Report).

Com relação ao nível de maturidade do setor de saúde e ciências da vida na adoção da inteligência artificial, 59% das empresas já estão implementando o recurso, 25% estão na fase inicial e apenas 16% estão liderando. Além disso, as empresas da área investem atualmente 7,3% do orçamento em IA. Nos próximos três anos, esse aporte deverá chegar a 8,6%.

"As empresas do setor de saúde e ciências da vida estão buscando a implementação da inteligência artificial, mesmo com um número tímido na adoção atualmente, as perspectivas de adesão da tecnologia para o futuro são altas. Os gestores entendem que o diferencial da IA generativa na análise de dados e produção de relatórios contribuem para resultados promissores em áreas estratégicas do negócio", afirma o sócio-líder da KPMG no Brasil, Leonardo Giusti.

Quando questionados sobre barreiras para adoção de inteligência artificial nas empresas, os executivos disseram que a principal delas era a vulnerabilidade em segurança e privacidade de dados (59%), seguida pela falta de habilidades e conhecimentos em tecnologia (53%) e dificuldade em coletar dados relevantes e consistentes (48%). Apesar dos obstáculos, o levantamento mostrou que foi registrado 22% no Retorno Sobre Investimentos (ROI) em IA no setor.

"As empresas estão recorrendo à IA em vários aspectos das suas áreas financeiras. Os resultados da pesquisa indicam que a contabilidade e o planejamento financeiro foram os departamentos que mais tiveram avanços na implementação e no uso desta tecnologia, principalmente, devido aos potenciais benefícios que ela traz para muitas das atividades desenvolvidas, que podem ir desde o aprimoramento do processamento de dados e de relatórios financeiros até análise preditiva em tempo real", diz o sócio-líder de tecnologia e inovação para auditoria da KPMG no Brasil, Rodrigo Gonzalez.

A KPMG é uma rede global de firmas independentes que presta serviços profissionais de auditoria, tributos e consultoria. Está presente em 142 países e territórios, com 275 mil profissionais atuando em firmas-membro em todo o mundo. No Brasil, são mais de cinco mil profissionais, distribuídos em 15 cidades de 10 estados e do Distrito Federal.

Planos de saúde gastaram R\$ 6,8 bilhões com judicialização em 2024

Associação aponta alta de 22,6% nas despesas com ações judiciais, mas demora no cumprimento de decisões pelas operadoras também agrava cenário

Em 2024, as operadoras de planos de saúde gastaram cerca de R\$ 6,8 bilhões com processos judiciais, segundo levantamento da Associação Brasileira de Planos de Saúde (Abramge). Essa soma representa um aumento de 22,6% em relação ao ano anterior e está relacionada ao crescimento do número de ações judiciais movidas por consumidores que buscam garantir tratamentos ou procedimentos não cobertos pelos planos. Devido à quantidade massiva de ações com o mesmo tema e conteúdo, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) denominou o fenômeno como “judicialização massificada”.

No entanto, é importante considerar que muitas dessas ações ocorrem em razão da demora das operadoras em cumprir decisões judiciais. Embora a crescente judicialização represente, de fato, um desafio financeiro para as operadoras, em muitos casos há abusos de ambos os lados, pois tanto consumidores quanto empresas passaram a abusar de seus direitos, criando assim o que se tem chamado de “judicialização abusiva ou predatória”.

A falta de investimento em soluções administrativas eficazes por parte das empresas para lidar com as demandas dos pacientes, aliada ao descumprimento da lei, seja pela recusa indevida em cumprir o que está previsto na legislação, seja pelo desrespeito a determinações judiciais, contribui para o acúmulo de processos e a morosidade das decisões, que muitas vezes se arrastam por anos a fio. Esse impasse colabora diretamente para a sobrecarga do sistema, pois prolonga o sofrimento dos pacientes e favorece a multiplicação de ações nos tribunais, reduzindo a eficiência e a eficácia do Judiciário,



tanto em aspectos qualitativos quanto quantitativos.

“Esse tipo de conduta, longe de ser pontual, representa hoje uma das principais causas da sobrecarga no Judiciário. São centenas de ações que poderiam ser evitadas se houvesse mais compromisso com o cumprimento da lei. Quando grandes operadores econômicos se aproveitam da lentidão do sistema e da complexidade processual para adiar ou negar direitos legítimos, é o próprio paciente quem arca com as consequências desse desequilíbrio. Os planos de saúde já incluem esses custos em seus orçamentos. Os cálculos financeiros sobre os gastos judiciais já são repassados ao consumidor”, explica o advogado Thayan Fernando Ferreira, especialista em Direito da Saúde, membro da Comissão de Direito Médico da OAB-MG e diretor do escritório Ferreira Cruz Advogados.

A adoção de soluções mais eficientes e transparentes pode ajudar a reduzir e minimizar os impactos para os consumidores. A criação de canais de comunicação mais claros e acessíveis entre operadoras e usuários

também pode evitar que situações passíveis de solução administrativa se transformem em litígios. Para o advogado, essas e outras medidas podem contribuir significativamente.

“As coberturas já estão previstas em lei e são de conhecimento geral. Basta cumprir a Lei dos Planos de Saúde e o Código de Defesa do Consumidor. O Rol de Procedimentos e Eventos da ANS, por exemplo, serve como parâmetro básico e didático, não sendo algo rígido e inflexível. Se houvesse mais investimento em informação e tecnologia para atendimento ao paciente, as ações judiciais seriam drasticamente reduzidas. Vale a pena, para muitas empresas, manter-se na ilegalidade, pois as multas e indenizações são ‘baratas’ e a quantidade de pessoas que recorrem à Justiça é muito menor do que aquelas que são lesadas. O consumidor tem direito à informação e às coberturas, tanto contratuais quanto legais. Não adianta empurrar o problema para debaixo do tapete, é preciso enfrentá-lo, informando os consumidores e pacientes e criando mecanismos de solução alternativa para atender essas pessoas que precisam de saúde com urgência”, afirma Thayan.



**O INFARTO NÃO
ESCOLHE HORA,
MAS VOCÊ
PODE ESCOLHER
PREVENIR!**



**Agende seu
CHECKUP COMPLETO**

Mais de 40 indicadores para uma avaliação completa e criteriosa.
Prevenção ativa contra infarto, AVC, trombose, diabetes e diversos outros fatores de risco.

Vistos a estrangeiros: FecomercioSP pede urgência no Congresso para manter isenção

Medida visa impedir que Turismo nacional tenha mais uma burocracia para visitantes e tripulantes

A Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP) oficializou, às lideranças do Congresso, o pedido de aprovação com urgência do Projeto de Decreto Legislativo (PDL) 206/2023, que suspende um decreto do governo federal e mantém a isenção de vistos para que cidadãos dos Estados Unidos, do Canadá e da Austrália ingressem no Brasil. A exigência passou a valer em 10 de abril.

A dispensa ocorreu oficialmente em 2019, porém, em 2023, o governo publicou um decreto determinando que os cidadãos desses países só conseguiram entrar no território brasileiro com o visto. Desde então, há um empenho no Congresso para que passe a valer a isenção — sobretudo diante do alto custo ao Turismo que essa exigência acarretará. A reação parlamentar foi efetiva até o momento: em 19 de março, o Senado sustou a exigência e, agora, a decisão depende da Câmara dos Deputados.

Desde 2023, a FecomercioSP atua para que se mantenha a isenção. Os turistas dessas três nações representam cerca de 15% do total dos visitantes do Brasil, com destaque para os estadunidenses, que ficam atrás somente dos argentinos na lista de estrangeiros que mais ingressam no País. Esse porcentual é expressivo e deve ser considerado, uma vez que a exigência de vistos poderá reduzir o número de visitantes, impactando negativamente tanto o Turismo quanto a economia local — portanto, será um retrocesso.



Em 2024, 878 mil turistas dessas nacionalidades ingressaram no Brasil, representando um aumento relevante de 9,5% em comparação com o ano anterior (ao passar de 8%, no primeiro semestre, para 11%, na segunda metade do ano). É importante destacar também o claro desequilíbrio nos fluxos turísticos: atualmente, para cada norte-americano que nos visita, em média, 2,5 brasileiros viajam para os Estados Unidos. Além disso, os países da América do Sul não exigem visto de entrada para estudantis, canadenses e australianos, seja por acordos bilaterais, seja por decisão unilateral. Dessa forma, ao reintroduzir essa imposição, o Brasil se distancia dos seus concorrentes diretos e se torna um destino menos atrativo para esses turistas.

Adicionalmente, a exigência de vistos para tripulações aéreas a trabalho contraria a Convenção de Chicago,

da área de Aviação Civil internacional, da qual o Brasil é signatário. O acordo busca evitar todo atrito que comprometa a operação das companhias estrangeiras e estimula a cooperação entre as nações e os povos. Como as tripulações passam por constantes alterações, a obrigatoriedade pode resultar até em cancelamento de voos para o País.

A FecomercioSP reúne líderes empresariais, especialistas e consultores para fomentar o desenvolvimento do empreendedorismo. Em conjunto com o governo, mobiliza-se pela desburocratização e pela modernização, desenvolve soluções, elabora pesquisas e disponibiliza conteúdo prático sobre as questões que afetam a vida do empreendedor. Representa 1,8 milhão de empresários, que respondem por quase 10% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro e geram em torno de 10 milhões de empregos.



Córdoba, Espanha - Mergulho histórico no espírito andaluz

Paulo Queiroga

Com ajuda do Blog: malapronta.com.br

Quem, no período escolar, estudou o mínimo de história da civilização ocidental, sabe que os árabes dominaram grande parte da Península Ibérica durante quase 800 anos (711-1492).

Majestosamente localizada no Sul do país, na Andaluzia, à beira do rio Guadalquivir, a cidade chegou a ser uma das mais povoadas da Europa. Sua história se inicia no ano 206 a.C. Mas, vamos nos concentrar no período a partir da dominação islâmica e sua florescência.

Os muçumanos fizeram de Córdoba sede do Califado. Construíram palácios, mesquitas monumentais, jardins, pátios e era um centro de pensadores, poetas e sábios.

Lá pelos anos 1.000 de nossa era, Córdoba possuía 450 mil habitantes, uma das primeiras cidades a dispor de iluminação pública e já era considerada uma das mais importantes da Europa. Durante o califado de Aláqueme II, a cidade abrigava uma biblioteca de mais de 400 mil livros.

No século XII, a capital andaluz muda para Sevilha e Córdoba fica meio esquecida. Com a reconquista cristã contra os mouros em 1492, a Coroa Católica instala na cidade o seu Tribunal da Santa Inquisição e se inicia definitivamente o período cristão na Andaluzia e em toda a Península Ibérica.

Quando os reis católicos Fernão e Isabel decidiram financiar as grandes navegações, foi no portentoso Alcázar de Los Reyes Cristianos, que serviu como residência e fortaleza, onde se dá o encontro da realeza com o genovês Cristóvão Colombo, quando ele apresenta seu projeto de uma nova rota para as Índias, que resulta na ampliação das dimensões do mapa do mundo.

A arquitetura desta cidade milenar é



impactante, a começar pela patente presença do Império Romano: A ponte romana sobre o rio Guadalquivir, que une as duas partes da cidade, as ruínas do Templo Romano, o teatro romano, o mausoléu das famílias ricas romanas, a fortaleza, o Fórum e sítios arqueológicos.

Além das igrejas católicas e sinagogas, Córdoba é predominantemente uma cidade jardim. Por todos os lados, o visitante é surpreendido por uma praça, uma fonte, um jardim florido e os famosos pátios internos.

Os pátios são áreas internas de jardins a céu aberto, impecavelmente preservados, em que os proprietários os abrem para visitação gratuita em horários estabelecidos. Os pátios são identificados com arbustos colocados ao lado das portas. O governo local realiza um festival anual, que estimula sua preservação como patrimônio arquitetônico da cidade. A Mesquita-Catedral de Córdoba é um dos mais belos exemplos da arte muçulmana da Espanha. Uma mistura de estilos arquitetônicos sobrepostos, ocorridos ao longo dos nove séculos que duraram as construções e reformas.

O templo é um dos mais imponentes monumentos religiosos da Europa. Possui incríveis 1.300 colunas, 360 arcos, salões

de oração e labirintos, num complexo arquitetônico com dimensões absolutamente monumentais.

Sua construção é uma mistura de estilos, que se moldaram durante 9 séculos. De antiga igreja visigótica de São Vicente, à mesquita, que passa por diversas alterações no tempo, é transformada em igreja católica, cada época ricamente registrada. A entrada do templo se dá por meio do Pátio das Laranjeiras, um dos mais bonitos da Espanha.

Córdoba era também posto comercial de judeus e árabes, que, acreditam, neste tempo eram unidos contra o domínio da Igreja Católica espanhola.

Eles se reuniam nos chamados zocos, do árabe "sūq", que designam os tradicionais mercados de rua nos países árabes e Norte de África. Ali comercializam artesanatos, tecidos e especiarias.

A invasão muçulmana, somada à antiga dominação romana, à presença invasora dos povos germânicos e à retomada cristã, forma um impressionante caldo de culturas em Córdoba, que sintetiza o mais autêntico espírito andaluz e, certamente, grande parte da "alma" da Espanha e da Península Ibérica.

Inteligência Artificial e a nova fronteira dos dados: o que esperar da próxima década?

Fernando Giberti

Mestre, consultor, professor de marketing no MBA do IBMEC, diretor executivo na Jumppi Inteligência e Pesquisa, especialista em estratégia de marketing, comportamento de consumo, pesquisa e inteligência competitiva de mercado.

Há poucas décadas, vivíamos em um mundo onde decisões empresariais eram baseadas em intuição e dados limitados. Com o advento da computação e da internet, entramos na chamada "Era da Informação", marcada pela explosão no acesso, armazenamento e processamento de dados. Os dados rapidamente se tornaram o novo "ouro" das organizações – mas o volume crescente trouxe consigo desafios complexos em análise e interpretação. Não por acaso, a última década viu o surgimento de áreas como Business Intelligence e Ciência de Dados, responsáveis por transformar dados brutos em insights açãoáveis.

Agora, estamos diante de mais uma revolução: a ascensão da Inteligência Artificial (IA) e da computação quântica. Se antes era necessário um time especializado para extrair valor dos dados, hoje a IA democratiza esse processo. Um exemplo claro está na criação de modelos preditivos: antes restritos a estatísticos e cientistas de dados, hoje podem ser gerados por qualquer gestor com um prompt bem estruturado em ferramentas como ChatGPT ou Gemini. A própria IA auxilia na interpretação dos resultados, reduzindo a barreira de entrada para análises sofisticadas.

Outro avanço disruptivo é a geração de "dados sintéticos" – informações artificialmente criadas por IA, mas com aplicações reais. No varejo, por exemplo, empresas já usam esses dados para simular comportamen-



tos de consumo sem depender de informações pessoais reais, mitigando riscos de privacidade. Na saúde, hospitais treinam algoritmos com dados sintéticos de pacientes para identificar doenças raras sem expor registros confidenciais.

Em um futuro próximo, os "assistentes virtuais" personalizados poderão monitorar hábitos, saúde e preferências, gerando dados comportamentais sem interação humana direta. Empresas de pesquisa, com o devido consentimento, poderão interagir com esses assistentes para obter insights mais ricos sobre hábitos e preferências dos consumidores – antecipando tendências e permitindo as empresas maior personalização nos serviços aos clientes, por exemplo.

No entanto, a IA não substituirá totalmente a análise humana. Dados

subjetivos – como emoções, contextos culturais e nuances sociais – ainda exigirão interpretação humana para evitar vieses algorítmicos. Além disso, questões éticas e regulatórias, como o uso responsável de dados sintéticos e o risco de manipulação, precisarão de frameworks claros.

Enquanto algumas profissões são automatizadas, novas surgem: especialistas em ética de IA, treinadores de modelos e gestores de dados sintéticos serão essenciais. Setores como finanças, saúde e marketing já estão sendo transformados, e empresas que não se adaptarem ficarão para trás.

O futuro pertence a quem souber equilibrar o poder da IA com a criticidade humana – transformando dados não apenas em informação, mas em decisões mais inteligentes e éticas.

Samsung e BP realizam primeiro ecocardiograma à distância no Brasil

A Samsung Brasil e a BP – A Beneficência Portuguesa de São Paulo realizam no Brasil o primeiro ecocardiograma à distância, um dos principais exames diagnósticos relacionados à saúde do coração. O procedimento inovador utiliza o sistema de virtualização e streaming SonoSync, que transmite imagens médicas de alta definição em tempo real ou gravadas.

Segundo o cardiologista Marcelo Nishiyama, da BP, o principal benefício é a possibilidade de realizar o exame em tempo real, com o médico e o paciente em um local conectados a um especialista em ecocardiograma, que pode estar muito distante, até milhares de quilômetros. "Através das imagens do coração, podemos avaliar sua anatomia e função. O especialista em ecocardiografia pode orientar sobre o melhor posicionamento do equipamento para obter as imagens, fazer as medições e coletar as informações necessárias para o diagnóstico e a definição do tratamento, que pode até mesmo ser uma cirurgia", explica.

O procedimento foi demonstrado no 13º Congresso de Imagem Cardiovascular (DIC), em Salvador (BA), em agosto de 2024, marcando este avanço significativo para a consolidação da telemedicina no Brasil. O SonoSync, equipamento de ultrassom da Samsung, modelo V8, localizado em São Paulo, era operado por uma médica para a aquisição de imagens de um paciente voluntário. Em Salvador, os médicos Miguel Osman Dias Aguiar e Rafael Piveta, responsáveis pelo setor de ecocardiograma da BP, comandaram o equipamento remotamente, utilizando a lousa interativa Samsung. Durante a apresentação, a ferramenta permitiu a eles congelar imagens, realizar medidas e cálculos, fazer ajustes e comentar tudo em tempo real, enquanto interagiam via áudio e vídeo com a equipe médica de São Paulo, promovendo uma dinâmica de colaboração eficiente e precisa.

A BP e a Samsung planejam levar a inovação, junto a outros parceiros, a va-



zios assistenciais no país. Entre as doenças em que ecocardiograma tem um papel importante estão as valvopatias e a insuficiência cardíaca, entre outras disfunções, que precisam ser detectadas também para o acompanhamento preventivo do paciente, inclusive para o ajuste de medicamentos. "Apesar de as doenças cardiovasculares serem as mais prevalentes no país, o número de médicos especialistas em ecocardiograma é reduzido no Brasil, com concentração nos grandes centros", destaca Nishiyama. A nova tecnologia também poderá ser aplicada para ensino e treinamento de profissionais e a casos que demandam uma segunda opinião, com a possibilidade de serem conectados médicos especialistas e experientes em determinadas patologias.

"Graças a essa tecnologia colaborativa, um profissional sem tanta experiência pode realizar um exame com a orientação remota de um especialista, sem a necessidade de deslocamento físico. Isso transforma o SonoSync não apenas em uma ferramenta consultiva, mas também em um poderoso recurso educacional, especialmente em um país de dimensões continentais como o nosso", ressaltou Juarez Melo, gerente de serviços e IT Solutions da HME da Samsung Brasil.

O SonoSync se presta ao acompanhamento de exames por diferentes

profissionais simultaneamente, funciona como um sistema de streaming para transmissão de imagens médicas em alta definição e em tempo real desde a sala de exame para um dispositivo remoto, tal como computador, tablet ou smartphone com conexão à internet, e representa uma revolução na forma como os diagnósticos por imagem são realizados e compartilhados no Brasil. Trata-se de uma solução eficaz para superar barreiras geográficas e capacitar médicos em todo o país, e é parte do compromisso contínuo da Samsung em fornecer tecnologia de ponta para melhorar a qualidade da saúde e a formação de profissionais da saúde.

"A realização desse ecocardiograma à distância durante o DIC foi um marco, não apenas pela inovação tecnológica, mas pela maneira como conectamos equipes médicas de dois estados em tempo real. O aspecto colaborativo do SonoSync é transformador, permitindo que médicos, estudantes e pacientes se beneficiem de uma troca de conhecimento e experiências que antes era impossível. Essa tecnologia tem um imenso potencial para revolucionar o campo da medicina ao criar oportunidades para a prática médica e a educação em saúde", finaliza Walter Brantsitter, gerente clínico da divisão de HME da Samsung Brasil.

Café: bebida segue sendo a favorita dos brasileiros - mesmo após gerações



O Dia Mundial do Café é comemorado todo 14 de abril e a bebida é a mais consumida e amada pelos brasileiros. O cafezinho de todo dia é mais do que um simples hábito, faz parte da cultura do nosso país, sendo símbolo de hospitalidade, energia e conexão entre pessoas.

Na rotina dos brasileiros, o café está presente durante as manhãs e sempre após as principais refeições do dia, o que mostra que o grão acompanha gerações, sempre se modernizando ao longo do tempo, mas nunca sem perder sua essência. O Brasil, maior produtor e exportador de café do mundo, tem no setor cafeeiro um dos pilares da sua economia e é um

reflexo de sua tradição agrícola e inovação constante.

CONSUMO EM ASCENSÃO

Segundo dados divulgados pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), em 2024, a produção nacional do café alcançou R\$ 54,2 milhões de sacas de 60kg, consolidando o Brasil como líder mundial na produção do grão. Apesar de desafios climáticos, como estiagens e altas temperaturas, o setor demonstrou resiliência e capacidade de adaptação.

De acordo com a Associação Brasileira da Indústria do Café (Abic), o consumo do café também teve um

aumento no Brasil entre novembro de 2023 a outubro de 2024. Ao todo, foram consumidos 21,9 milhões de sacas, um aumento de 1,1% em relação ao período anterior. Esse volume representa 40,4% da produção nacional, evidenciando a paixão dos brasileiros pela bebida.

Na economia, o setor cafeeiro teve um impacto expressivo. Ainda de acordo com a Abic, o faturamento da indústria de café torrado em 2024 atingiu R\$ 36,82 bilhões, um salto de 60,85% comparado a 2023. Esse crescimento reflete a valorização do produto e a disposição dos consumidores em investir em cafés de qualidade superior.

INVESTINDO EM QUALIDADE

Sinônimo de modernidade e qualidade, a franquia Mr. Black Café Gourmet, referência no segmento de cafeterias, tem contribuído para o consumo do café perdurar por muitas gerações. Fundada em 2006, em Belo Horizonte/ MG, a rede se consolidou rapidamente no mercado de cafeterias gourmet, pautando-se em três pilares essenciais: produtos de alta qualidade, ambiente moderno e acolhedor, e atendimento diferenciado.

Mesmo com o aumento significativo no preço do café, que infelizmente é necessário ser repassado ao consumidor final, a bebida ainda segue sendo a escolha preferida de muitos. Afinal, é impossível os brasileiros não tomarem nenhuma xícara por dia.

Para Cristian Figueiredo, CEO da Mr. Black Café Gourmet, é importante, nesses momentos, investir em inovações que atendam as expectativas do público que está, cada vez mais, sedento por novidades.

CAFÉS ESPECIAIS

O mercado de cafés gourmet no Brasil tem apresentado um crescimento significativo nos últimos anos, refletindo a mudança no paladar dos consumidores que buscam produtos de maior qualidade e experiências diferenciadas. Estima-se que entre 5% e 10% do consumo nacional de café já seja dedicado a esse segmento.

Em termos de preços, segundo a Associação Brasileira da Indústria do Café (Abic), o valor médio no varejo dos cafés gourmet registrou um aumento de 16,17% ao longo de 2024, indicando uma valorização e maior disposição dos consumidores em investir nesses produtos de qualidade superior.

Esse cenário evidencia uma tendência crescente no mercado brasileiro, com consumidores cada vez mais interessados em cafés especiais e



gourmet, impulsionando a diversificação e sofisticação da oferta disponível.

TENDÊNCIAS PARA 2025

Para inovar e continuar conquistando as preferências dos consumidores, Cristian Figueiredo revela que uma das principais tendências para esse ano é novas receitas e métodos de preparo do café. "O cliente gosta de novidades e os jovens do que pode se tornar instagramável. Daí a necessidade de criar novas receitas ou detalhes que chamem a atenção e rendem boas fotos, como por exemplo a apresentação do café com novas decorações e até mesmo customização", diz o empresário.

Acompanhamentos diferenciados como bolos artesanais, cookies recheados, croissants e opções mais saudáveis, como pães de fermentação natural e sobremesas sem glúten também estarão em alta. "Na Mr. Black a nossa grande aposta é o bolo red velvet, uma receita que eu trouxe de viagem a Nova York e que é o maior sucesso em todas as nossas unidades. Esse bolo vai bem com um cafezinho ou qualquer outra bebida. O sabor azedinho do glacê agrada a todos e em qualquer combinação", fala.

Tecnologia e interação com cardápios digitais, programas de fidelidade e até cafés com QR Codes que contam a história do grão usado é algo que

promete mudar esse mercado. "Aqui na Mr. Black utilizamos o programa fidelidade, a cada 1 visita o cliente ganha um ponto, juntando 10 pontos ele resgata qualquer café da casa. Essa ação possibilitou um aumento de 10% nas vendas e tem ajudado na fidelização. Essa estratégia vale muito a pena", revela Figueiredo.

A inovação nas cafeterias vai além do sabor do café. Trata-se de proporcionar uma experiência completa ao cliente. Desde novas receitas e métodos de preparo até ambientes aconchegantes e instagramáveis, essas mudanças visam atrair e fidelizar um público cada vez mais exigente.

A Mr. Black Café Gourmet foi fundada em 2006 em Belo Horizonte (MG), a franquia de cafeteria gourmet consolidou-se rapidamente no mercado, baseando-se em três pilares essenciais: alta qualidade dos produtos, ambiente moderno e acolhedor, e atendimento diferenciado. Em 2012, os gestores implementaram um plano estratégico de longo prazo, expandindo a marca por meio do sistema de franquias. A marca oferece mais de 40 receitas à base de café quente e gelado, ampla gama de acompanhamentos e conta com quatro modelos de negócios: express, quiosque para shopping, loja de rua ou espaço corporativo, loja para shopping ou aeroportos com investimento inicial a partir de R\$ 156.900,00, além de retorno previsto entre 24 a 36 meses.



Mercado Gastronômico

Cozinha limpa, comida boa

Sérgio Augusto Carvalho

sergioamc@uol.com.br



Cozinha limpa é sinal de capricho até na comida!

Os mestres da cozinha medieval pre davam a necessidade de que uma cozinha devia estar sempre com o chão limpo, lavado, esterilizado se possível.

Acho que uma cozinha limpa, não só o chão, é a primeira exigência que se deve fazer ao iniciarmos uma sessão de Culinária.

Mas tanto capricho assim, como queriam os senhores cozinheiros da época da Renascença, é na realidade, um exagero. Eles pensavam naqueles

descuidados chefs que deixavam cair a carne dos bifes no chão, os pegavam e continuavam a viagem para a frigideira como se nada tivesse acontecido. Chão limpo, bifes sadios.

Gostaria de poder voltar no tempo e passar uma semana entre esses senhores que tornaram a gastronomia uma divindade venerável. Ouço e leio historiadores de todas as línguas (traduzidas, claro) derreterem seus casos sobre os artistas, cientistas, políticos e outros gênios de todas as épocas que

eram fascinados pela arte culinária.

Da Vinci, Platão, Monet, Rossini, Proust, Einstein, Newton e outros mais nos chegam por outros razões, menos como cozinheiros. E todos eram. E dos bons. Provável até que esculpir, pintar, filosofar, escrever, descobrir, calcular e pensar eram passatempos desses senhores. O ofício verdadeiro deles devia ser mesmo cozinhar, agradando mais às papilas gustativas que a tímpanos e retinas. Editores internacionais gastaram os

tubos em décadas passadas (e gastam ainda) publicando livros sobre grandes figuras da humanidade em todos os tempos dando receitas e ensinando segredinhos culinários. A alquimia dos gênios nos trouxe longe demais. Na verdade, as receitas originais foram todas adaptadas às fantasias modernas. Suas descobertas tornaram-se órfãs.

Quem descobriu que o gineceu de uma planta originária da Índia, da família das Iridáceas, poderia ser utilizado na cozinha como condimento, desde que 1.500 flores cedessem seus pistilos para se obter a magnífica quantidade de 1 (um) grama como produto final, que vem a ser o nosso glorioso Açafrão?!

E o tartufo italiano, o branco de Alba: quantos deles foram jogados no lixo antes que algum gênio renascentista descobrisse que seu cheiro forte (semelhante a gás de cozinha), de textura macia, poderia ser aproveitado in natura finamente fatiado sobre outras iguarias (ovos, carnes e massas) e seria uma das maravilhas da cozinha italiana?

Tudo isto faz sentido quando imaginamos que a cozinha é, na verdade, um imenso laboratório. A química impera nas combinações de texturas, gostos, gazes, temperaturas, formatos e matérias diversas até que sejam descobertos os sabores. A alquimia nos leva a combinar as descobertas por caminhos obscuros e muitas vezes fascinantes.

Daí surgem os livrões sobre as receitas de Monet, de Platão e outros coroas que não tinham outra diversão, quando davam folga ao seu ofício, senão ir pra cozinha fazer o que lhes dava prazer. Cozinhavam, mas eram tão geniais que acabavam descobrindo outras coisas pelas quais ficaram conhecidos.

Senão vejamos, sem ir tão fundo - que pode ser dedução. Da Vinci deixou desenhos, esculturas, pinturas e escritos e apenas uma meia dúzia de 20 ou 30 receitas que, dizem, criadas por



ele. Sopas, guisados, assados e bolos. Mas todo mundo sabe por causa de que ele se tornou conhecido.

(Uma de suas receitas, um Guisado de Cabeça de Cabra, é... divertida. Manda dividir a cabeça da cabra em duas metades no sentido do comprimento. Separar os miolos e a língua. Ferver o resto em água e sal com cenoura e um molho de cerefólio. Algumas horas depois, colocar o que restou num recipiente forrado (talvez um grande tabuleiro) sobre uma camada de Polenta dura. Depois, colocar outra camada da mesma polenta por cima, fechando como uma tampa. Servir com um molho verde obtido com os miolos e a língua finamente picados e cozidos com o dobro do seu peso em flor de salsa.)

Passa longe a gente imaginar que para preparar pratos naquela época, que nos vem à cabeça através de recomposições do cinema, a higiene era fundamental para os grandes cozinheiros. Nada mais lógico, entretanto. Não dá para imaginar uma cozinha suja, engordurada, desorganizada, fedida e escura.

Sem querer sujar a barra deles, os restaurantes chineses estão muito perto disso. Certa vez, resolvi pegar marmita num chinês que havia no bairro de Lourdes (fechou). No dia que me deu na cabeça de entrar na cozinha foi um susto tão grande, que nunca mais voltei. Fiquei uns dois anos sem entrar num restaurante chinês - me privando de uma das fontes mais saborosas da culinária global.

Sujeira assim, creiam: é comum. Como é comum a montagem de um restaurante ser feita em prédio em que não foi prevista a presença de uma cozinha. É tudo adaptado. Consequentemente, as condições de higiene são também adaptadas.

Os cozinheiros mais cuidadosos cuidam disso com responsabilidade. Os picaretas - estamos cheios deles por todo lugar - acham que nós, os usuários, não merecemos essa sorte e não prestamos atenção nesse detalhe. Digo isso porque estive em dois botecos, recentemente, onde até o chão debaixo da mesa estava emporcalhado. Os pratinhos, garfos e facas tinham várias impressões digitais. O copo onde tentei bebericar um Cuba era daqueles grossos que estava com a borda quebrada e engordurado por dentro.

Portanto, acho que uma boa providência das autoridades competentes municipais, estaduais, nacionais, mundiais, promotores de eventos, de concursos, de festivais, etc., seria dar alguma importância ao item "saúde higiênica" de bares e restaurantes. Que tal uma inspeção antes de colocar o lugar na lista de recomendações e de concorrentes?

Afinal, não é preciso ser gênio nem empregado da Vigilância Sanitária para achar que limpeza de chão, paredes, tetos, utensílios, mesas, e tudo mais, incluindo o cozinheiro, da cabeça e unhas aos pés, são ingredientes fundamentais em qualquer lugar do mundo da comida. (Releitura 2002)



Vinho, Gente, Coisas e Adjacências

Quais vinhos acercam a tábua de queijos

Inimá Souza

inima.souza@gmail.com

Onipresente em variadas celebrações, a tábua de queijos, na maioria das vezes, é acompanhada por um único tipo de vinho; e constantemente, tinto. Nela, os diversos apreciados queijos apresentarão diferentes texturas, que podem ser do macio ao cremoso, do queijo seco ao duro, do queijo delicado ao pesado.

Diante da diversidade de queijos e das características de cada qual, a sua harmonização com vinhos não deve, pois, ser procedimento aleatório, senão resultado de obediência a essas características, também, em cada vinho escolhido, já que, aqui, como em quaisquer harmonizações, não cabe a generalização.

Assim, a afirmação de que, vinhos e queijos, formam pares perfeitos, está longe de ser uma verdade, digamos, verdadeira. A combinação entre ambos pode, sim, ser deliciosa, desde que atendidos alguns critérios na escolha de ambos. Isto, porque sabores e textura - como referido acima -, dos diferentes queijos podem exigir diferentes vinhos.

Vale dizer, essa exigência pode ser por vinhos brancos, tintos, vinhos doces, vinhos fortificados e espumantes; e, sempre considerando aqueles clássicos princípios que orientam as combinações de vinhos com comidas, e de todos conhecidos. Logo, se o queijo possui muito sabor, o mesmo deve ser obtido no vinho.

Sem que isto seja dogmático – há que se levar em conta a subjetividade individual-, a relação pode orientar-se: espumante brut, vinhos brancos das uvas Chardonnay, Riesling, Torrontés,



Gewurztraminer, Pinot Grigio, vinho verde branco, e alguns tintos leves e frutados, com queijos de massa mole.

Vinhos brancos das uvas Chardonnay e Viognier, que tenham passado por madeira; alguns vinhos rosados, e, ainda, alguns tintos de médio corpo (Carmenère, Merlot, Malbec, Syrah, Cabernet Sauvignon), com os queijos do Reino, Camembert, Brie, Prato, Gouda, Gruyère, Minas Curado, Canastrá.

Vinho branco doce natural – o que inclui o Colheita Tardia, do Novo Mundo, licorosos, algum espumante doce -, vinho fortificado doce, alguns tintos robustos e maduros, com os queijos Parmesão, Grana Padano e queijos de veios azuis.

Eis, por conseguinte, que, mesmo na montagem de uma trivial tábua de queijos, impõe-se considerar que todos os queijos nela alinhados, não se ajustam a um único vinho; embora possa um mesmo queijo harmonizar-se com vinho branco, com vinho tin-

to ou rosado. Considerando, em ambos, o que deve ser considerado.

SOMMELIERS

Programado para o dia 2 de junho, o Conexão Sommelier MG, que será o Primeiro Encontro dos Sommeliers de Minas Gerais. A programação foca o perfil profissional do sommelier, sua importância para o segmento do vinho, sua relação com o mercado, os desafios que marcam sua atuação profissional, e muitos outros temas muito assertivos para a categoria.

Iniciativa muito oportuna e positiva para uma categoria profissional que, no Brasil, busca alcançar a mesma expressão que o sommelier possui em outras nações.

Além de palestras, painéis e encontros técnicos pontuais, o evento terá sucessivas degustações ilustrativas.

Tim, tim.

Brasil é o segundo maior consumidor de vinhos no mundo

Pesquisa mostra que consumo de vinhos aumentou 22% no Brasil



A mudança de comportamento e nos hábitos de consumo, fez com que nos últimos anos, o consumo de vinho crescesse no Brasil. Isso é o que mostra uma pesquisa realizada pela Organização Internacional da Vinha e do Vinho (OIV). De acordo com o órgão, entre 2022 e 2023, o consumo de vinho no Brasil aumentou 11,6%, o segundo maior aumento do mundo, atrás apenas da Romênia, com 20%.

De acordo com Gina Facuri, especialista em vinhos, o crescimento do consumo da bebida no Brasil se deu devido à pandemia, pois as pessoas ficaram mais em casa. "Em casa as

pessoas costumavam consumir menos destilados, e, aos poucos, foram incorporando o hábito de tomar mais vinho. Esse consumo se intensificou não apenas pela apreciação dos rótulos disponíveis em suas próprias adegas, mas, culturalmente, o brasileiro aprendeu a consumir vinho em jantares e recepções — um costume enraizado na cultura europeia, onde é comum que o vinho esteja presente tanto no almoço quanto no jantar, além de pequenas reuniões sociais", comenta Facuri.

Para a sommelier, também proprietária da adega Reserva 35, o ce-

nário em Goiânia é o mesmo. Segundo Gina, o consumo de vinho está crescendo cada dia mais. "Na Reserva 35 nós tivemos um aumento de 2023 para 2022 de 18% e em 2024 crescemos 20% comparado a 2023".

Ela acrescenta que a projeção deste ano também é positiva, "com a cultura do vinho em crescimento e os goianienses consumindo cada vez mais brancos e rosés, especialmente por conta do clima quente, o mercado deve continuar em expansão. Para 2025, a expectativa é de um aumento de 22% em relação a 2024" finaliza Gina.

Litígios trabalhistas sem fundamento? Saiba como proteger sua empresa

Paulo Souza

Administrador, Contador e Pós-graduado em Perícia, acumula mais de 22 anos de experiência em Gestão de Contingências Trabalhistas, Cálculos Cíveis, Tributários e Previdenciários para empresas de todos os portes. Sócio da Bernhoef, lidera serviços especializados em Cálculos Judiciais, Gestão de Riscos com Terceiros, BPO e Consultoria Tributária.



A alta judicialização das relações de trabalho no Brasil impõe desafios contínuos às empresas de grande porte. Entre alegações infundadas, pleitos desproporcionais e desgaste jurídico, muitas companhias ainda adotam uma postura exclusivamente defensiva. No entanto, uma alternativa estratégica tem ganhado espaço no mercado jurídico: a reconvenção trabalhista.

Pouco explorada até pouco tempo atrás, a reconvenção permite que o empregador apresente uma demanda contra o próprio reclamante dentro do mesmo processo trabalhista. Isso significa que, além de se defender, a empresa pode contestar pedidos indevidos e pleitear reparações quando há indícios de má-fé, danos materiais ou quebra contratual.

Mesmo sendo prevista na legislação, a reconvenção ainda desperta receios. Parte das empresas teme que a estratégia seja interpretada como retaliação. Outras, simplesmente não estão familiarizadas com os critérios técnicos e legais que envolvem sua aplicação. A boa notícia é que, quando bem estruturada, a reconvenção pode não apenas reduzir custos judiciais como também mudar a cultura interna em relação à litigância trabalhista.

Um exemplo concreto: uma empresa de grande porte, enfrentando uma sequência de ações com alegações exageradas, adotou a reconvenção como parte de sua estratégia. Com base em provas documentais e cálculos robustos, foi possível não só reverter prejuízos, como também obter compensações por danos causados por condutas desleais. O resultado? Redução de custos processuais, reforço da reputação da companhia e, principalmente, desestímulo a ações oportunistas.

Os benefícios não param por aí. Ao utilizar a reconvenção de forma contínua e embasada, as empresas passam a comunicar claramente que demandas infundadas não serão tratadas com passividade. Essa postura gera impactos positivos internos e externos, contribuindo para relações mais responsáveis e transparentes.

A Reforma Trabalhista de 2017 também favoreceu o uso desse instrumento. Com a fixação de honorários de sucumbência e o endurecimento contra a litigância de má-fé, os tribunais passaram a reconhecer com mais frequência a legitimidade das reconvenções. Essa tendência está consolidada em decisões recentes do Tribunal Superior do Trabalho, o

que aumenta a segurança jurídica para quem deseja adotar essa prática.

Mas atenção: reconvenção exige preparo técnico. Um dos pilares para o sucesso dessa estratégia é a atuação conjunta entre o time jurídico e os especialistas em cálculos judiciais. Ter clareza sobre os valores envolvidos e a viabilidade da tese é essencial para evitar riscos e fortalecer os argumentos perante a Justiça do Trabalho.

Além disso, é preciso estar atento aos impactos reputacionais e à relação com sindicatos. A reconvenção não pode ser usada de forma leviana — deve ser amparada por provas, coerência jurídica e alinhamento com os princípios de compliance.

Outro ponto importante é o uso da tecnologia. Softwares especializados em cálculos judiciais e gestão de passivos têm permitido que as empresas identifiquem inconsistências com mais agilidade, otimizem o tempo de resposta e fortaleçam sua posição nos processos. Essa automação vem se tornando um diferencial competitivo relevante.

Por fim, vale destacar que a reconvenção também pode influenciar positivamente acordos e negociações. Quando o trabalhador entende que a empresa está preparada para reagir a exageros com fundamentos legais e provas concretas, há uma tendência maior à busca por soluções equilibradas.

Em tempos de aumento da exposição digital e pressão sobre a reputação corporativa, a reconvenção se consolida como um recurso legítimo e necessário para proteger não apenas o caixa da empresa, mas também sua imagem e seus valores.



Empresas e edificações antigas: acessibilidade não pode impedir a continuidade das atividades econômicas

Kenio de Souza Pereira

Consultor Especial da Presidência da OAB-MG; Diretor da Associação Brasileira de Advogados do Mercado Imobiliário – ABAMI; Conselheiro da Câmara do Mercado Imobiliário de MG e do Secovi-MG; Diretor da Caixa Imobiliária Netimóveis. kenio@keniopereiraadvogados.com.br



Centenas de empresas que exercem atividades há décadas, com alvarás de funcionamento válidos, enfrentam dificuldades para renovar suas licenças devido às exigências de acessibilidade impossíveis de serem implementadas em edificações antigas. Essas imposições por órgãos federais ou municipais, surgem após a abertura desses estabelecimentos e podem causar, prejuízos incalculáveis para negócios que sempre atuaram dentro da legalidade.

Algumas exigências são arbitrárias, afrontando o direito ao trabalho e desconsiderando que as normas de acessibilidade só devem ser aplicadas a construções erguidas após sua

vigência. A Constituição Federal, em seu artigo 5º, inciso XXXVI, é clara ao estabelecer que “a lei não prejudicará direito adquirido, o ato jurídico perfeito e a coisa julgada.” Ignorar esse princípio implicaria na necessidade de demolir prédios antigos para atender a exigências (leis, decretos, ABNT) que só se aplicam às novas construções.

DECRETO N° 9.451/2018: APLICAÇÃO SOMENTE PARA NOVOS PROJETOS

O Decreto nº 9.451/2018, que regulamenta a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), determina que os no-

vos edifícios multifamiliares construídos a partir de 2020 incluem itens de acessibilidade nas áreas comuns e, se solicitado pelo adquirente, no interior das unidades. Ou seja, empreendimentos anteriores a essa data não estão sujeitos a tais exigências.

Condicionar a concessão de alvará de funcionamento à realização de obras estruturalmente inviáveis é inadmissível. Isso força o empresário a abandonar o ponto comercial onde atua há décadas, o que consiste numa afronta aos princípios constitucionais.

Embora seja inquestionável a importância de atender pessoas com mobilidade reduzida, especialmente

diante do envelhecimento populacional, muitos estabelecimentos antigos não possuem espaço físico implantar rampas ou elevadores sem comprometer sua estrutura ou sua viabilidade econômica.

Mostra-se ilógico a exigência de modificações que reduzam o tamanho da loja, especialmente com frente pequena, pois isso pode significar a perda de área útil de atendimento, tornando o ponto comercial inviável e resultando em imóveis vazios, já que se tornam imprestáveis para a atividade comercial.

HOSPITAIS E COMÉRCIOS ENFRENTAM DESAFIOS COM DESAFIOS COM DESAFIOS COM REFORMAS DE ACESSIBILIDADE

O setor da saúde ilustra bem os equívocos de interpretação da lei. Hospitais que prestam serviços há mais de 40 anos têm sido obrigados a reformar e ampliar banheiros, sala de cirurgia/exames, bem como alargar corredores, mesmo quando tais obras exijam a demolição de estruturas ou cômodos essenciais ao funcionamento existente há décadas. A perda de áreas destinadas a leitos prejudica diretamente a capacidade de atendimento e o faturamento necessário para manter a operação e os funcionários.

A situação se agrava quando a fiscalização é exercida por servidores públicos que, alheios à complexidade econômica da manutenção de uma empresa, impõe medidas que podem levar ao encerramento das atividades, gerando prejuízos ao sistema de sede. Tais exigências desconsideram a realidade estrutural dos prédios antigos e compromete a continuidade de serviços essenciais, representa um ônus financeiro significativo.

Esses prejuízos são sofridos por diversos estabelecimentos comerciais, dentre eles: restaurantes, bares, comércios, prestadores de serviços que perdem espaços de áreas de vendas

de forma a impedir a continuidade de obtenção de receita. Esses empresários seus empregados não recebem salários ou renda do setor público. Com a perda de clientes fecham as portas ou mudam para outro local, gerando desemprego.

SETOR PÚBLICO VERSUS SETOR PRIVADO: DUAS MEDIDAS PARA A MESMA LEI

Chama atenção o tratamento desigual entre os setores público e privado. Enquanto este deve se adequar rigorosamente às normas para obter ou renovar alvarás, muitos edifícios públicos continuam operando sem qualquer acessibilidade. Escadas sem rampas, ausência de sinalização tátil, falta de elevadores ou sanitários adaptados são frequentes.

A diferença de tratamento é flagrante: a inexistência de fiscalização efetiva no setor público contrasta com a rigidez aplicada aos comerciantes e empresários, sendo ignorado que esses geram riquezas e empregos.

Essa desigualdade evidencia a incoerência nas políticas de inclusão e gera questionamentos sobre a efetividade das leis que deveriam assegurar a igualdade de direitos para todos.

Só o particular é tratado de forma ilógica, sob a ameaça de multa e fechamento por manter o prédio antigo. Há dois pesos e duas medidas, onde o estabelecimento público tem assegurado seu direito constitucional de retroatividade das leis.

Segundo levantamento de 2012 realizado pela auditoria do Tribunal de Contas da União (TCU), "a baixa efetividade da fiscalização de normas de acessibilidade para concessão e renovação de alvarás de funcionamento é o que mais contribui para os problemas observados. Também inexistem mecanismos de incentivo para que os órgãos públicos federais promovam melhorias de acessibilidade em instalações físicas

voltadas ao atendimento ao público".

Dessa forma, é essencial que as exigências de acessibilidade considerem os aspectos técnicos e estruturais das edificações antigas, de modo a não inviabilizar negócios legítimos e não gerar desigualdades entre os setores público e privado.

NORMAS SÓ VALEM PARA PROJETOS PROTOCOLADOS APÓS 26/01/2020

Vale destacar, ainda, que o Decreto nº 9.451 estabelece que apenas projetos multifamiliares protocolados a partir de 26 de janeiro de 2020 devem atender às novas normas de acessibilidade. Condomínios construídos anteriormente estão dispensados de tais exigências, sendo que o mesmo princípio jurídico é aplicável aos imóveis não residenciais e comerciais.

A norma também prevê exceções: unidades residenciais com até dois dormitórios e metragem limitada, reformas de imóveis antigos e regularizações fundiárias não são afetadas.

Portanto, cabe aos fiscais e dos setores que concedem licenças e alvarás de funcionamento buscarem orientação jurídica para compreenderem o alcance das leis e suas limitações para agirem de forma justa e produtiva.

CONCLUSÃO

É fundamental que as exigências de acessibilidade considerem as características físicas das edificações antigas, sem inviabilizar negócios legítimos ou gerar distorções entre setores. A inclusão deve ser buscada com equilíbrio, respeitando os limites técnicos e econômicos.

Interpretar as leis de maneira a ignorar a realidade estrutural dos imóveis já edificados e aprovados, impõe obrigações retroativas ferem princípios legais e ameaçam a continuidade de importantes atividades comerciais e de serviços.

Recentes mudanças no Minha Casa, Minha Vida reacendem o debate sobre política

Eduarda Tolentino

CEO da BRZ Empreendimentos

O programa Minha Casa, Minha Vida (MCMV) vive uma fase decisiva de sua trajetória. A recente criação da faixa 4, destinada a famílias com renda de até R\$ 12 mil, reacendeu debates fundamentais sobre os rumos da política habitacional brasileira. Enquanto o governo celebra a possibilidade de atender 120 mil famílias em 2025 por meio da expansão, agentes do setor imobiliário ainda aguardam mudanças importantes que permitam atender melhor as camadas com renda mais baixa da população, onde se concentra 85% do déficit habitacional do país.

Os números revelam um cenário complexo. A faixa 2 do programa, voltada a famílias com renda entre R\$ 2.640 e R\$ 4.400, enfrenta desafios crescentes. Dados do Secovi-SP mostram que, em 2024, 60,3% das unidades lançadas no 4º trimestre foram destinadas ao MCMV, enquanto 39,7% foram para outros padrões. O desequilíbrio reflete um problema estrutural: o valor médio de R\$ 5.418 por m² muitas vezes não se compatibiliza com os tetos de preços estabelecidos, especialmente em cidades como Campinas e São José dos Campos, onde os valores podem chegar a R\$ 7.532 por m².

A estrutura do programa atual precisa ser readequada. Pessoas da faixa 2 que queiram adquirir imóveis da faixa 3 não podem se beneficiar da taxa de juros de sua própria faixa, sendo levadas a buscar financiamentos mais caros no mercado. Essa inflexibilidade limita o acesso à moradia e pressiona as margens das incorporadoras, que já enfrentam desafios como estoques elevados (em Araçatuba, por exemplo, o escoamento pode levar até 32 meses).

Paralelamente a esses desafios, um fenômeno transformador emerge nas cidades do interior que fazem parte de regiões metropolitanas relevantes.



Cidades como Ribeirão Preto apresentaram crescimento extraordinário de 259,3% nos lançamentos imobiliários no último trimestre de 2024, enquanto Campinas consolidou sua liderança com 24,6% do total de unidades lançadas no estado. Essa expansão reflete uma combinação de fatores: o bônus demográfico (aumento da quantidade de jovens em idade de adquirir o primeiro imóvel), a queda no desemprego, a busca por melhor qualidade de vida a preços mais acessíveis e os modelos de trabalho híbrido e home office.

Para aproveitar esse potencial e garantir que o MCMV cumpra sua função social, quatro ajustes são urgentes: (1) atualizar o teto de preço da faixa 2 para refletir adequadamente os custos reais de construção, que se elevaram; (2) permitir a migração entre faixas sem perda de subsídios; (3) direcionar preferencialmente os recursos para cidades do interior com infraestrutura consolidada, evitando a repetição de erros do passado com conjuntos habitacionais em áreas periféricas desprovidas de serviços; e (4) aumentar os tetos para as cidades das

regiões metropolitanas com economias mais potentes, que estão desatualizados, permitindo a oferta das incorporadoras em mais localidades.

A expansão para a faixa 4 é, sem dúvida, um ponto positivo, mas é necessário também resolver os gargalos que afetam a faixa 2, onde o déficit habitacional é mais agudo. O caso do interior paulista demonstra que é possível conciliar crescimento do mercado imobiliário com inclusão social, desde que haja políticas públicas bem desenhadas. Com a iminente discussão do aumento do teto das cidades pelo Conselho Curador do FGTS, no dia 15 de abril, surge uma oportunidade única para corrigir rumos, ouvindo tanto as incorporadoras - que conhecem as dinâmicas locais - quanto as pessoas que buscam conquistar sua casa própria.

Dados recentes da pesquisa realizada pela BRAIN em parceria com o Secovi-SP, envolvendo 41 cidades do interior paulista, reforçam a importância do programa para a dinâmica econômica da região. O levantamento mostrou que 21% dos financiamentos do MCMV saíram dessa região. Além disso, a intenção de compra de imóveis no interior é 13% superior à média nacional, revelando um mercado aquecido e com forte demanda reprimida. Outro dado relevante é que o programa representou 25,9% do Valor Geral de Vendas (VGV) nessas cidades no 4º trimestre de 2024 — um indicativo claro de que o MCMV é peça-chave para o desenvolvimento urbano e econômico desses municípios.

O sucesso do MCMV nos próximos anos dependerá da capacidade de equilibrar o foco social com um modelo de expansão sustentável e financeiramente viável para as incorporadoras do segmento econômico, aproveitando as lições que o vigoroso mercado do interior paulista tem a oferecer.



Quanto custa a quebra de confiança

Nestor de Oliveira

Jornalista e escritor

Meu pai, falecido com mais de noventa anos, um sábio sem formação acadêmica, dizia que um homem gasta a vida inteira para ser reconhecido como honesto e merecedor de crédito, mas, com um ato ou momento infeliz era capaz de destruir sua honra e reputação. A credibilidade, confiança e bom conceito dos homens e instituições são construídos, ao longo de décadas, honrando compromissos, mantendo o comportamento transparente e equilibrado, construindo suas imagens e passando às pessoas, ou parceiros de negócios, a sensação de segurança. Assim é no mundo dos negócios e entre as nações, que necessitam de credibilidade e segurança para alavancarem suas relações comerciais, desenvolvimento, buscarem investimentos e searem buscados como parceiros preferenciais. Confiança e credibilidade não são artigos encontrados nas farmácias ou mercados da vida. São construídas com trabalho, seriedade e atos que confirmem os princípios fundamentais das relações. Não se quebra confiança sem pagar caro pelo insensato comportamento perante quem a tinha como princípio. É como "o anel que tu me deste, era vidro que se quebrou, o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou", como diz a canção infantil.

Durante séculos os EUA construíram a reputação de país seguro, confiável, merecedor de créditos e bom parceiro nas relações internacionais. Uma sociedade democrática e segura que ao longo dos tempos criou, no mundo, um conceito de firmeza e parceria nos mais variados assuntos globais, em todos os momentos, nas guerras e na paz. Seus títulos do tesouro são dos mais procura-



rados, valorizados e disputados pelos investidores, merecendo a confiança de outras nações, como o Japão e China, que juntos têm mais de 2 trilhões de dólares. Sempre tiveram o conceito de país aberto e transparente, de política estável e atualizada, onde todos os povos os respeitam e nele acreditam. Até agora.

Com a chegada de Trump ao poder, com o slogan de fazer a América grande novamente, o que quer dizer os EUA grandes novamente, quebra acordos comerciais e deixa todo o mundo abalado com suas sobretaxas tiradas de sua cartola ensandecida. Assusta-se com a chegada da China como grande partner no mundo dos negócios. Assim, assustado, quebra a confiança, a credibilidade, que até então era o grande ativo dos norte-americanos. "Não se reconstrói estes conceitos em uma geração", diz o pensador Roberto Brant. Quebrada a confiança toda a estrutura dos negócios cai por terra. Sabemos da origem pessoal de Trump, dono de cassinos e admirador dos jogos, ele também um jogador na

política, capaz de blefes e apostas insensatas. Seus decretos são como pipas ao vento, são feitos e desfeitos ao sabor da ocasião. Cria uma sobretaxa e a adia para melhor negociar, anuncia com estardalhaço uma medida e a recolhe. Talvez seja um portador de TEI, também conhecida como "síndrome de Hulk", ou Transtorno Explosivo Intermittente, com a perda de controle dos impulsos agressivos. Não é parceiro confiável, como todos os seus predecessores, é agressivo e pode quebrar por muitos anos a confiança até então depositada nos norte americanos como preferenciais no comércio mundial. Com certeza irá abalar sua moeda, o dólar, como referência nas transações internacionais, abrindo espaço para outros países, a China e os Europeus, a ocuparem este lugar como líderes comerciais do mundo. Enfim, é um jogo de alto risco como uma aposta, e talvez um blefe, que neste momento deixa as bolsas de valores em piruetas do sobe e desce, com perdas e ganhos de fortunas pelos aventureiros de plantão.

A cultura é indispensável ao desenvolvimento nacional

Juscelino Kubitschek de Oliveira*

A cultura nasce da compreensão da terra, que o seu povo ocupa e possui. Não há verdadeira cultura que não tenha sua origem na terra, que não venha de uma ligação estreita, íntima, de uma comunhão entre o homem e seu habitat. A palavra cultura é, na sua origem, arte de tratar a terra, de fazê-la frutificar, de fazê-la servir ao homem, o que só se alcança por uma interpretação adequada, justa, grave e honesta dessa mesma terra. Não poderá jamais nascer o Brasil que desejamos e sonhamos, por mais que logremos aumentar o nosso poderio material, sem que esta Universidade do Brasil, bem como as outras, realize a sua tarefa fértil, nobilitante e indispensável.

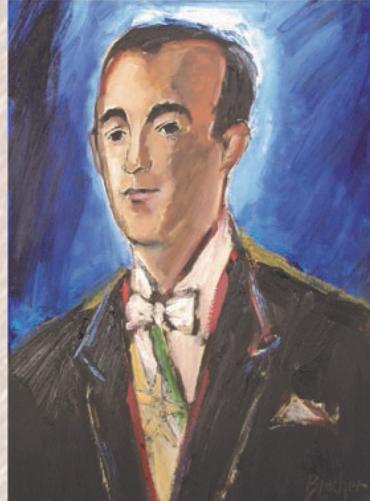
É que tudo será perecível e impossível mesmo de verificar-se, sem que um espírito seja elaborado e comande, sem que as gerações, que se vão formando nas diversas escolas que, reunidas, compõem a universidade, estejam aptas, não somente a executar as tarefas que todo o desenvolvimento impõe, mas também facilitem e permitam distinguir, situar, precisar e evidenciar onde se encontra e no que consiste o interesse justo do Brasil.

Não devemos jamais esquecer, nós, homens de ação prática, que toda a civilização autêntica resulta e é fruto da direção que a cultura lhe imprime.

O fato de ser a cultura indispensável ao desenvolvimento nacional não implica seja essa cultura especializada ou submetida à técnica; ao contrário, a cultura não se limita seja lá com o que for.

A nossa cultura deve ser autônoma e livre. A única maneira que a ela assiste de ser universal é mergulhar as suas raízes e alimentar-se no seu

JK *Cinquenta anos de Progresso em cinco anos de Governo!*



Autor:
Carlos Alberto Teixeira de Oliveira - Presidente/Editor-Geral da Revista MercadoComum e Diretor-Geral da Faculdade Estácio de Sá de Belo Horizonte.

Co-Autores:
Aécio Neves; Affonso Heitor dos Santos; Alípio Vasconcelos; Ângelo Oswald de Araújo Santos; Arthur Lopes Filho; Carlos Bracher; Carlos Murilo Felício dos Santos; Cláudio Gontijo; Djalma Bastos de Moraes; Deodatriz Righi de Aquino; Eduardo Borges de Andrade; Eduardo Prates Ottaviani Bernis; Fernando Brant; Fernando Pimentel; Francelino Pereira; Hélio Costa; Hindemburgo Chateaubriand P. Diniz; Itamar Franco; Itamar José de Oliveira; Jadir Barroso dos Santos; Jayme Vila Rosa; João Camilo Bicalho; José Maria Rabelo; José Pedro Rodrigues de Oliveira; Leônio Castilho; Lucília de Almeida Neves Delgado; Luiz Carlos Bernardes; Marcio Fagundes de Oliveira; Mario Bhering; Mauro Santos Ferreira; Murilo Badaró; Olavo Romano; Paulino Cícero Vasconcelos; Paulo Eduardo Rocha Brant; Pedro Paulo Cava; Raul de Mattos Paixão Jr.; Robson Braga de Andrade; Rodrigo Lopes; Ronaldo Costa Couto; Rubio de Andrade; Valério Fabris; Vera Brant; Wilson Nélito Brumer.

31 de Janeiro 2006

MERCADOCOMUM
A REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO E ECONOMIA DA UNIBES

Edição comemorativa dos 50 anos da posse de JK na Presidência da República.

próprio solo, na sua própria experiência intransferível. Por isso, além de aprender, meus jovens patrícios, a quem particularmente me dirijo no dia de hoje, o que vos ensinam os vossos mestres e o que se encontra nos livros a que ides recorrer, deveis, também, meditar nos exemplos que vos oferece a vossa pátria e a história do seu povo. A qualquer profissão que

vos destinar a vocação que trazeis inata, sempre será benéfico e, mais do que isso, imprescindível o exame do caso brasileiro, a constante e percutiente observação de nossa realidade.

*Extraído do discurso proferido Rio de Janeiro - DF, 7 de março de 1957, durante a inauguração dos cursos da Universidade do Brasil.



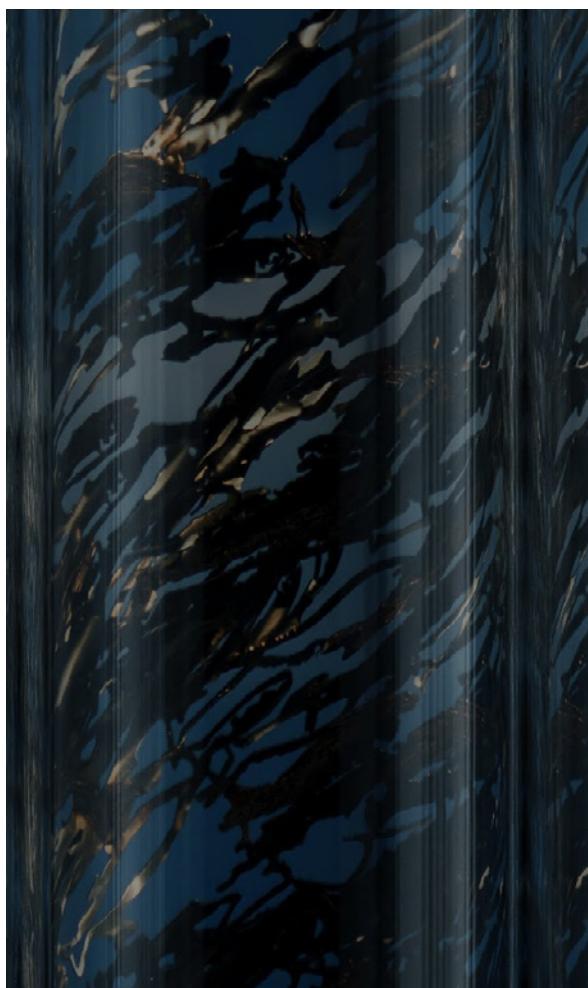
Natureza Transformada: arte e ecologia se entrelaçam em exposição na Casa Fiat de Cultura

Rachel Capucio
Advogada especialista
em Cultura

Até 8 de junho, a Casa Fiat de Cultura, em Belo Horizonte, abre suas portas – físicas e virtuais – para a exposição Natureza Transformada: atravessamentos espaciais na Casa Fiat de Cultura. A mostra convida o público para um mergulho sensorial entre arte, natureza e arquitetura, em um diálogo poético e, ao mesmo tempo, crítico sobre a transformação dos espaços urbanos e naturais.

Com curadoria do arquiteto e crítico Guilherme Wisnik, a exposição reúne obras dos artistas italianos Paolo Albertelli e Mariagrazia Abbaldo, e da brasileira Márcia Xavier. Utilizando materiais como aço, vidro, estruturas metálicas e o elemento água, os artistas constroem instalações que tensionam a percepção do espaço e da matéria, revelando distorções, reflexos, preenchimentos e vazios. São trabalhos que não apenas ocupam o espaço expositivo, mas o reinventam – criando um território onde o sensível e o simbólico coexiste.

Um dos destaques da mostra é a obra imersiva *Copa, Casa, Cosmos*, criada por Estevão Ciavatta e narrada por Regina Casé. Proveniente do Museu do Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, a instalação em 360º permite ao visitante acompanhar o crescimento da Sumaúma, uma das árvores mais simbólicas da floresta amazônica. A experiência propõe uma reconexão com o tempo da natureza e uma reflexão sobre o papel humano nesse processo. Natureza Transformada propõe um olhar sobre a constante reinvenção do mundo natural em meio à urbanidade. O contraste, e ao mesmo tem-



po a fusão entre Brasil e Itália, arte e ecologia, o sólido e o etéreo, instiga o visitante a repensar as fronteiras entre o visível e o oculto, o humano e o natural, o presente e o futuro.

A exposição pode ser visitada presencialmente na sede da Casa Fiat de Cultura ou acessada em ambiente digital, ampliando sua potência de conexão com diferentes públicos. Um convite à contemplação, ao encantamento e, sobretudo, à consciência.

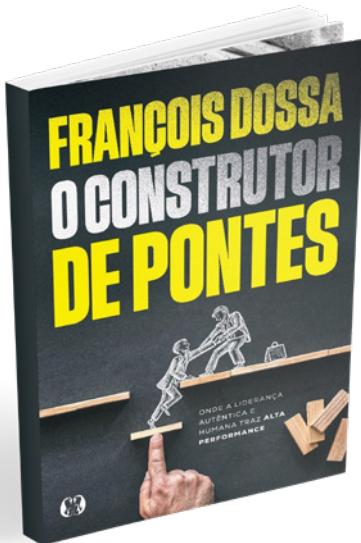
Serviço::

Período:
Até 8 de junho de 2025

Local: Casa Fiat de Cultura
Praça da Liberdade,
Belo Horizonte

Visitação:
presencial e virtual
Entrada gratuita

Lições para humanizar lideranças



O que faz um líder verdadeiramente inspirador? Para François Dossa, executivo franco-brasileiro com trajetória marcante no mercado global, a resposta vai além de estratégias corporativas e metas de negócios.

Em *O Construtor de Pontes - Onde a liderança autêntica e humana traz alta performance*, lançamento da Citadel Grupo Editorial, o autor compartilha os bastidores de sua jornada pessoal e profissional para mostrar que a habilidade de liderar só pode ser nutrida a partir da autenticidade, da compaixão e do compromisso genuíno com as pessoas.

Com passagens por empresas como Nissan, Renault, Jaguar Land Rover e Société Générale, Dossa ocupou cargos de alto escalão e liderou transformações significativas em diversos setores. Sua visão de sucesso, porém, sempre esteve pautada em algo maior: a capacidade de construir pontes – entre culturas, times, desafios e oportunidades. No livro, o autor revela como a diversidade e a sustentabilidade podem ser motores de inovação e crescimento, ao mesmo tempo em que criam ambientes corporativos mais humanos e produtivos.

Criado por quatro mulheres extraordinárias – mãe, avó, tia e a irmã –, Dossa destaca que a influência feminina teve

um papel essencial na sua formação. Foi com elas que aprendeu desde cedo sobre resiliência, empatia e força. Esses valores foram essenciais não apenas para a trajetória profissional, mas também para a sua jornada de autoconhecimento e aceitação, incluindo o processo de assumir sua homossexualidade e se tornar um defensor ativo da inclusão no ambiente corporativo.

Esse lançamento é um convite à transformação. A cada capítulo, o executivo propõe novos passos de um plano de ação, permitindo que os leitores coloquem em prática os ensinamentos abordados. Entre os temas explorados estão a importância de abraçar a aprendizagem contínua, praticar a autenticidade, cultivar a compaixão e celebrar as conquistas pessoais e coletivas. Fala, ainda, sobre a importância de se manter curioso, de aplicar o aprendizado na prática, de compartilhar o que se sabe e de engajar-se na busca por conhecimento, seja de maneira formal ou informal.

A obra também resgata momentos marcantes da carreira de François, como sua chegada ao Brasil, em 2001, a experiência transformadora na Nissan Brasil, entre 2012 e 2017, a revolução sustentável que liderou na Jaguar Land Rover, de 2021 a 2024, e os desafios atuais como

conselheiro da Tata Consulting Services (TCS). Com um olhar sensível e estratégico, mostra como a liderança pode ser um ato de coragem e humanidade, e como as empresas do futuro precisam estar fundamentadas na valorização das pessoas.

O Construtor de Pontes se revela um verdadeiro tratado sobre liderança com propósito. Diferente dos modelos tradicionais, François Dossa defende que liderar com amor é essencial para alcançar resultados duradouros. Uma leitura indispensável para enxergar a liderança como um exercício de conexão, aprendizado e transformação. Afinal, como ele mesmo afirma, os melhores mentores são aqueles que constroem pontes – e não barreiras – entre indivíduos e seus potenciais.

FICHA TÉCNICA

Título: *O Construtor de Pontes - Onde a liderança autêntica e humana traz alta performance*

Autor: François Dossa

Editora: Citadel Grupo Editorial

ISBN: 978-6550475703

Páginas: 144

Preço: R\$ 64,90



François Dossa nasceu no sul da França, na cidade de Nîmes. Formou-se em Economia na HEC-Paris com especialização em Finanças Internacionais. Fez carreira em empresas multinacionais como Altom, Banque Paribas, Société Générale, Nissan, Renault, Jaguar Land Rover e Tata Consulting Services. François viajou o mundo. Criou o Instituto Société Générale de Responsabilidade Social, Instituto Nissan e Foundation JLR, além de ser membro de conselhos de ONGs como Casa do Zézinho e Gol de Letra. Recebeu condecorações na França como Chevalier de la Légion d'Honneur e no Brasil com a Grande Medalha de Tiradentes. Foi patrocinador master dos Jogos Olímpicos Rio 2016. É casado com Jonathan há oito anos.

Transformar a vida das pessoas. Foi com esse conceito que o Citadel Grupo Editorial nasceu. Mudar, inovar e trazer mensagens que possam servir de inspiração para os leitores. A editora trabalha com escritores renomados como Napoleon Hill, Sharon Lechter, Clóvis de Barros Filho, entre outros. As obras propõem reflexões sobre atitudes que devem ser tomadas para quem quer ter uma vida bem-sucedida. Com essa ideia central, a Citadel busca aprimorar obras que tocam de alguma maneira o espírito do leitor.

ANUNCIE NA MELHOR

PUBLICAÇÃO NACIONAL
DE ECONOMIA, FINANÇAS
E NEGÓCIOS FEITA
EM MINAS GERAIS



35,2 MILHÕES

de visualizações durante
o ano de 2024 - de
acordo com o Google
Analytics Search.

Com 32 anos de tradição, a newsletter **MercadoComum** expandiu suas atividades para todo o território nacional, levando informação a um seletivo público composto por formadores de opinião e executivos de alto nível das médias e grandes empresas.

**Divulgue sua empresa
para quem decide
os negócios!**

A CADA EDIÇÃO MENSAL:

- Estudos aprofundados sobre a economia de Minas Gerais, brasileira e mundial
- Artigos com análise política e de mercados assinados por nomes de peso no cenário nacional
- Reportagens especiais com foco nos mais relevantes setores econômicos
- **MC** promove, há 29 anos, o Prêmio Top of Mind, Marcas de Sucesso - Minas Gerais
- **MC** realiza, há 28 anos, o Ranking de Empresas de Minas Gerais e promoveu em 2024 o 26º Prêmio Minas - Desempenho Empresarial - Melhores e Maiores.
- As edições mensais são encaminhadas, em PDF e por e-mail, a um público de 120 mil formadores de opinião em todo o país.